

Sandra Marisa da Costa Chapouto

CONTRIBUTO PARA A DESCRIÇÃO DE ASPETOS FONOLÓGICOS E PROSÓDICOS DO CRIOULO GUINEENSE

Dissertação de Mestrado em Linguística: Investigação e Ensino, orientada
pela Professora Doutora Maria Isabel Pires Pereira, apresentada ao
Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra

2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

CONTRIBUTO PARA A DESCRIÇÃO DE ASPETOS FONOLÓGICOS E PROSÓDICOS DO CRIOULO GUINEENSE

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense
Autora	Sandra Marisa da Costa Chapouto
Orientadora	Professora Doutora Maria Isabel Pires Pereira
júri	Presidente: Doutora Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-Torto
	Vogais:
	1. Doutora Isabel Maria de Almeida Santos
	2. Doutora Maria Isabel Pires Pereira
Identificação do Curso	2º Ciclo em Linguística: Investigação e Ensino
Área científica	Linguística
Data da defesa	29-10-2014
Classificação	18 valores



Índice

Índice	i
Índice de diagramas	iv
Índice de quadros	vi
Lista de símbolos	vii
Agradecimentos	x
Resumo	xi
<i>Abstract</i>	xii
Introdução	xiii
I. Enquadramento	1
<i>1.1. Contextualização geográfica, histórica e linguística</i>	2
<i>1.1.1. Aspetos geográficos e históricos</i>	2
<i>1.1.2. Aspetos linguísticos</i>	3
<i>1.1.2.1. Formação do crioulo guineense</i>	3
<i>1.1.2.2. Origem do crioulo</i>	4
<i>1.1.2.3. O multilinguismo na Guiné-Bissau</i>	7
<i>1.1.2.4. Variedades do crioulo a descrever</i>	9
<i>1.2. Síntese dos estudos sobre Fonologia e Prosódia do guineense</i>	11
<i>1.2.1. Segmentos fonéticos</i>	11
<i>1.2.2. Segmentos fonológicos</i>	14
<i>1.2.3. Sílaba</i>	16
<i>1.2.4. Acento</i>	17
<i>1.2.5. Aspetos fonológicos de algumas línguas de adstrato</i>	18
<i>1.3. Modelo teórico e metodologia</i>	22
<i>1.3.1. Os modelos teóricos</i>	22
<i>1.3.1.1. Teoria Autossegmental e Geometria de Traços</i>	22
<i>1.3.1.2. Traços e representação no modelo da Geometria de Traços</i>	24
<i>1.3.1.3. O modelo de Ataque-Rima</i>	28
<i>1.3.2. Metodologia</i>	29

1.3.2.1. <i>Recolha dos dados</i>	29
1.3.2.1.1. <i>Guião da entrevista</i>	30
1.3.2.1.2. <i>Os informantes</i>	30
1.3.2.2. <i>O material</i>	31
II. Descrição fonética e fonológica dos segmentos e das sílabas do guineense	32
2.1. Segmentos consonânticos	33
2.1.1. <i>Análise fonética</i>	33
2.1.1.1. <i>Identificação e distribuição dos segmentos</i>	33
2.1.1.2. <i>Classificação articulatória dos segmentos</i>	36
2.1.2. <i>Análise fonológica</i>	36
2.1.2.1. <i>Segmentos oclusivos orais</i>	36
2.1.2.2. <i>A questão dos segmentos pré-nasalizados</i>	38
2.1.2.3. <i>Segmentos oclusivos nasais</i>	43
2.1.2.4. <i>Segmentos africados</i>	47
2.1.2.5. <i>Segmentos fricativos</i>	48
2.1.2.6. <i>Segmentos laterais e segmentos vibrantes</i>	52
2.1.2.7. <i>Síntese dos segmentos fonológicos consonânticos</i>	54
2.1.3. <i>Matriz fonológica</i>	55
2.2. Segmentos vocálicos	57
2.2.1. <i>Análise fonética</i>	57
2.2.1.1. <i>Identificação e distribuição dos segmentos</i>	57
2.2.1.2. <i>Classificação fonética dos segmentos vocálicos</i>	59
2.2.2. <i>Análise fonológica</i>	60
2.2.3. <i>Matriz fonológica</i>	63
2.3. Glides	64
2.3.1. <i>Análise fonética</i>	64
2.3.1.1. <i>Identificação e distribuição dos segmentos</i>	64
2.3.1.2. <i>Classificação fonética das glides</i>	66
2.3.2. <i>Análise fonológica</i>	67
2.3.3. <i>Matriz fonológica</i>	73

2.4. Processos fonológicos	75
2.4.1. Realização de /s/ em Coda	75
2.4.2. Processos que envolvem segmentos nasais	76
2.4.2.1. Assimilação do traço [+nasal]	77
2.4.2.2. Realização de /N/ em Coda de sílaba interior e final	78
2.4.3. Alteração do valor do traço [silábico]	79
2.5. Sílaba	80
2.5.1. Estruturas silábicas	80
2.5.1.1. Ataque	80
2.5.1.1.1. Ataque não ramificado	80
2.5.1.1.2. Ataque ramificado	82
2.5.1.2. Rima	89
2.5.1.2.1. Núcleo	89
2.5.1.2.1.1. Núcleo não ramificado	90
2.5.1.2.1.2. Núcleo ramificado	91
2.5.1.2.2. Coda	92
2.5.1.2.2.1. Coda não ramificada	93
2.5.2. Padrões silábicos	94
III. Considerações finais	96
Referências bibliográficas	101
Anexos	
1.a. Guião da entrevista	109
1.a'. Tradução da fábula e dos provérbios	111
1.b. Lista de palavras	112
1.b'. Tradução das palavras	116
2.a. Transcrição dos dados obtidos do Falante A	123
2.b. Transcrição dos dados obtidos do Falante B	125
2.c. Transcrição dos dados obtidos do Falante C	127
2.d. Transcrição dos dados obtidos do Falante D	129

Índice de diagramas

DIAGRAMA 1 – Representação da organização interna de um segmento	23
DIAGRAMA 2 – Representação da estrutura interna de um segmento consonântico	25
DIAGRAMA 3 – Representação da estrutura interna de um segmento vocálico	26
DIAGRAMA 4 – Representação da estrutura interna de uma glide	27
DIAGRAMA 5 – Representação da organização dos constituintes silábicos	28
DIAGRAMA 6 – Representação da estrutura interna de /t/	56
DIAGRAMA 7 – Representação da estrutura interna de /a/	63
DIAGRAMA 8 – Representação da estrutura interna de /j/ [-cons]	74
DIAGRAMA 9 – Representação da estrutura interna de /w/ [+cons]	74
DIAGRAMA 10 – Representação de /s/ subespecificado	75
DIAGRAMA 11 – Representação da realização de /s/ em Coda de uma sílaba interior	76
DIAGRAMA 12 – Representação de /N/ com Ponto de Articulação subespecificado	77
DIAGRAMA 13 – Representação da realização de /N/ como nasalidade dos segmentos adjacentes à esquerda e à direita e sem posição no esqueleto	77
DIAGRAMA 14 – Representação da realização do segmento nasal homorgânico	78
DIAGRAMA 15 – Representação da realização de /N/ como segmento consonântico em Coda de sílaba final	78
DIAGRAMA 16 – Representação da realização de /N/ como nasalidade da vogal que o antecede e sem posição no esqueleto em Coda de sílaba final	79
DIAGRAMA 17 – Representação da alteração do valor do traço [silábico]	79
DIAGRAMA 18 – Representação da primeira sílaba da palavra <baka>	82

DIAGRAMA 19 – Representação da primeira sílaba da palavra <abril>	82
DIAGRAMA 20 – Representação da primeira sílaba da palavra <prasa>	84
DIAGRAMA 21 – Representação de /N.káN/	86
DIAGRAMA 22 – Representação de [s.pló]	87
DIAGRAMA 23 – Representação de [is.pló]	87
DIAGRAMA 24 – Representação de [sɛ.kø.sá]	88
DIAGRAMA 25 – Representação de [sɛ.ku.sá]	88
DIAGRAMA 26 – Representação de [s.fóɾ]	88
DIAGRAMA 27 – Representação de [p.si]	88
DIAGRAMA 28 – Representação de [ɔ.b.di]	89
DIAGRAMA 29 – Representação de [a]	89
DIAGRAMA 30 – Representação de [rús]	89
DIAGRAMA 31 – Representação de [øN]	90
DIAGRAMA 32 – Representação de [tɛ]	90
DIAGRAMA 33 – Representação de [li.ŋgróŋ]	91
DIAGRAMA 34 – Representação de [máw]	92
DIAGRAMA 35 – Representação de <mar>	94

Índice de quadros

QUADRO 1 – Segmentos consonânticos fonéticos	11
QUADRO 2 – Segmentos vocálicos fonéticos	13
QUADRO 3 – Segmentos fonológicos consonânticos	15
QUADRO 4 – Segmentos fonológicos vocálicos	16
QUADRO 5 – Segmentos consonânticos	18
QUADRO 6 – Segmentos vocálicos	18
QUADRO 7 – Segmentos consonânticos	19
QUADRO 8 – Segmentos vocálicos	19
QUADRO 9 – Segmentos consonânticos	19
QUADRO 10 – Segmentos vocálicos	19
QUADRO 11 – Segmentos consonânticos	19
QUADRO 12 – Segmentos vocálicos	19
QUADRO 13 – Padrões silábicos (contagem de 847 sílabas)	20
QUADRO 14 – Padrões silábicos (contagem de 863 sílabas)	20
QUADRO 15 – Padrões silábicos (contagem de 820 sílabas)	21
QUADRO 16 – Padrões silábicos (contagem de 765 sílabas)	21
QUADRO 17 – Classificação articulatória dos segmentos consonânticos	36
QUADRO 18 – Matriz dos segmentos consonânticos	56
QUADRO 19 – Quadro das realizações fonéticas das vogais orais e nasais	59
QUADRO 20 – Matriz dos segmentos vocálicos	63
QUADRO 21 – Realizações fonéticas das glides	67
QUADRO 22 – Matriz das glides	74

Lista de símbolos

[a]	par	[pár]	
[ɛ]	aluno	[elúnu]	
[ɛ]	dez	[dɛʃ]	
[e]	vez	[véʃ]	
[i]	fila	[file]	
[ɔ]	mola	[mólɛ]	
[o]	favor	[fevór]	
[u]	mudar	[mudár]	
[p]	pé	[pé]	
[b]	barco	[bárku]	
[t]	ter	[téɾ]	
[d]	dar	[dár]	
[k]	cor	[kór]	
[g]	gato	[gátu]	
[m]	mar	[már]	
[n]	novo	[nóvu]	
[ɲ]	ganhar	[gɛɲár]	
[ɲ]	mon	[món]	(mão)
[ʃ]	katcur	[kaʃúr]	(cão)
[dʒ]	pasadju	[pasádʒu]	(passagem)
[mp]	mpura	[mpúra]	(empurrar)
[mb]	mbarka	[mbárka]	(embarcar)
[nt]	nteres	[ntɛrés]	(interesse)
[nd]	manda	[mɛnda]	(enviar)
[ɲk]	nkanta	[ɲkánta]	(encantar)
[ɲg]	nguli	[ɲgúli]	(engolir)

[ntʃ]	intci	[ĩntʃĩ]	(<i>encher</i>)
[ndʒ]	mindjer	[mĩndʒéɾ]	(<i>mulher</i>)
[f]	fácil	[fásiɫ]	
[v]	vida	[víde]	
[s]	sala	[sále]	
[z]	zinco	[zíku]	
[ʃ]	chuva	[ʃúve]	
[ʒ]	jardim	[ʒeɾdí]	
[l]	lagoa	[legóe]	
[ɫ]	filha	[fiɫe]	
[r]	rapaz	[repáʃ]	
[ɾ]	barco	[bárku]	
[j]	caixa	[kájʃe]	
[w]	pausa	[páwza]	

~	indica nasalidade
˘	indica a vogal tónica
[]	indica segmentos fonéticos
//	indica segmentos fonológicos
σ	símbolo de sílaba
.	indica fronteira de sílaba
#	indica fronteira de palavra
•	indica a presença de um traço unário
+	especifica o valor positivo de um traço binário
-	especifica o valor negativo de um traço binário
/	barra de contexto
—	indica, numa regra fonológica, a localização de um segmento anteriormente identificado
⇒	significa “realiza-se como”
R	Raiz (nas representações fonológicas)
P.A.	Ponto de Articulação

P.A.C.	Ponto de Articulação de Consoante
P.A.V.	Ponto de Articulação de Vogal
A	Ataque
Co	Coda
N	Núcleo
R	Rima
C	consoante
V	vogal
G	glide

Agradecimentos

À Professora Doutora Isabel Pereira, pela valiosíssima orientação científica, total disponibilidade e atenção com que sempre acompanhou a realização deste trabalho.

Aos informantes, pela disponibilidade e colaboração para a recolha do *corpus*.

Um agradecimento também à minha família e amigos(as), que sempre me incentivaram e apoiaram ao longo da realização desta tarefa.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de descrição – fonética e fonológica – da estrutura segmental e da estrutura silábica do crioulo guineense, com base na análise de um *corpus* e tendo em consideração os estudos já realizados sobre estas áreas. Partindo da descrição dos segmentos de nível fonético, propõe-se um conjunto de segmentos de base e respectivos traços distintivos, assim como dos processos fonológicos que permitem obter as unidades da estrutura de superfície que não figuram na matriz fonológica. As propostas de descrição são apresentadas de acordo com o modelo da Teoria Autossegmental: a descrição da estrutura interna dos segmentos é representada segundo o modelo da Geometria de Traços (Mateus, Falé, & Freitas, 2005; Mateus & Andrade, 2000; Clements & Keyser, 1983) e para a descrição silábica é usado o modelo de Ataque-Rima (Goldsmith, 2011; Mateus *et al.*, 2005; Ewen & van der Hulst, 2001; Selkirk, 1982).

No domínio segmental, a análise dos dados permitiu propor que, em estrutura de base, se encontram os segmentos consonânticos /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, ʃ, dʒ, f, s, l, r, j, w/, os segmentos vocálicos /a, ε, i, ɔ, u/ e as glides /j, w/ e que as realizações fonéticas que não correspondem a segmentos de base resultam da atuação dos processos fonológicos (i) de assimilação do traço [vozeado], do traço [nasal] e dos traços relativos ao ponto de articulação de consoante e (ii) de alteração do valor do traço [silábico]. No domínio da sílaba, a análise dos dados permitiu-nos formular uma proposta de distribuição dos segmentos pelos constituintes silábicos – propondo o estabelecimento de fronteiras silábicas em contextos problemáticos, como as sequências de segmentos consonânticos que não respeitam os princípios universais de boa formação silábica – e identificar os padrões silábicos da língua – V, VG, VC, CV, CVC, CVG, CVGC, CCV e CCVC –, sendo CV o padrão silábico ótimo.

Palavras-chave: segmentos fonéticos, segmentos fonológicos, processos fonológicos, estrutura silábica, crioulo guineense

Abstract

The purpose of this work is to present a phonetic and phonological description proposal of the segmental structure and of the syllabic structure of the Guinea-Bissau creole. The basis for this description are a *corpus* analysis and the already existing studies on these fields. We will start with a description of the segments at the phonetic level and will then propose a set of phonological segments and their correspondent distinctive features. We will also propose phonological processes that allow us to obtain surface realisations which are not phonological segments. The proposals for the description are presented in accordance with the Autosegmental Theory - the *internal structure* of phonological segments is represented according to the Feature Geometry model (Mateus *et al.*, 2005; Mateus & Andrade, 2000; Clements & Keyser, 1983) and the syllabic description is based on the Onset-Rhyme model (Goldsmith, 2011; Mateus *et al.*, 2005; Ewen & van der Hulst, 2001; Selkirk, 1982).

In the segmental domain, the data analysis has allowed us to propose that the consonants /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, ʃ, ʒ, f, s, l, r, j, w/, the vowels /a, ε, i, ɔ, u/ and the glides /j, w/ are present in the underlying structure. The data analysis has also allowed us to propose that the phonetic realisations that have no correspondence with phonological segments are a consequence of the phonological processes of (i) assimilation – of the [voice] and [nasal] features and of the ones characterising the consonant place of articulation – and (ii) of value alteration feature [syllabic]. In the syllabic domain, the data analysis has allowed us to propose a segmental distribution across the syllabic constituents, proposing syllabic boundaries for problematic contexts - such as strings of consonants that violate the universal principles of well-formed syllables. The data analysis has also allowed us to identify the language syllable patterns – V, VG, VC, CV, CVC, CVG, CVGC, CCV and CCVC -, being CV the optimal syllable pattern.

Keywords: phonetic segments, phonological segments, phonological processes, syllabic structure, Guinea-Bissau creole

Introdução

O presente trabalho pretende ser um contributo para o estudo de questões fonéticas, fonológicas e prosódicas do guineense, um crioulo de base lexical portuguesa que adquiriu o estatuto de língua veicular no seio da comunidade multilingue da Guiné-Bissau.

Este estudo tem como finalidade apresentar uma proposta de descrição fonética e fonológica do sistema segmental e da estrutura silábica do guineense enquadrada na Teoria Autossegmental, de acordo com os modelos da Geometria de Traços e de Ataque-Rima. Partindo de um *corpus* recolhido para servir de base a este trabalho, são descritas as unidades da estrutura de superfície e apresenta-se uma classificação dos segmentos fonéticos de acordo com as suas características articatórias. Com base na análise dos dados de superfície e tendo em consideração os estudos linguísticos desenvolvidos sobre o guineense e relevantes no âmbito deste estudo, apresenta-se uma proposta de interpretação fonológica dessas unidades. São formuladas várias hipóteses, no sentido de tentar estabelecer que segmentos figuram em estrutura de base e são descritos os processos fonológicos que dão origem aos alofones dessas unidades fonológicas. É também apresentada uma proposta de descrição da estrutura silábica do guineense e da organização dos segmentos dentro da sílaba, de acordo com os princípios de boa formação silábica.

Este trabalho está dividido em três capítulos, cujo conteúdo se expõe de seguida.

Capítulo I. Neste capítulo, é apresentado o contexto geográfico, histórico e linguístico do guineense, é feita uma síntese dos estudos sobre as áreas da fonética, da fonologia e da prosódia já elaborados por investigadores que dedicaram a sua atenção a este crioulo e procede-se à apresentação dos modelos teóricos em que assentam as descrições propostas neste estudo e da metodologia usada para a recolha do *corpus*. Este capítulo está dividido em três secções.

Na primeira secção, são abordadas questões geográficas, históricas e linguísticas da Guiné-Bissau; são apresentadas informações sobre a geografia e a história do país, sobre a génese e a evolução do guineense e sobre o contexto multiétnico e multilingue em que este crioulo se insere; e, no final desta secção, define-se que variedade do guineense será estudada neste trabalho.

Na segunda secção, é feita uma síntese dos estudos linguísticos sobre o guineense que abordam questões fonéticas, fonémicas e silábicas.

Na terceira secção, procede-se à apresentação da Teoria Autossegmental e Geometria de Traços e do modelo de Ataque-Rima, usados nas descrições propostas neste estudo, dos traços escolhidos para a identificação dos segmentos e da metodologia usada na recolha e no tratamento dos dados.

Capítulo II. Neste capítulo, são apresentadas as propostas de descrição fonética, fonémica e silábica com base na análise do *corpus*. Este capítulo está organizado em cinco secções.

Na primeira secção, são descritos os segmentos consonânticos da estrutura de superfície e é apresentada uma proposta de interpretação fonológica dessas unidades.

Na segunda secção, procede-se à descrição dos segmentos vocálicos do nível fonético e apresenta-se uma proposta de interpretação destes segmentos em estrutura de base.

Na terceira secção, são descritas as glides fonéticas e é apresentada uma proposta de interpretação destes segmentos no nível fonológico de acordo com o contexto em que ocorrem.

Na quarta secção, são descritos os processos fonológicos a que os segmentos da língua, de acordo com as propostas de interpretação fonológica apresentadas nas secções anteriores, estão sujeitos.

Na quinta secção, procede-se à descrição da estrutura da sílaba, apresentando-se uma proposta de organização dos segmentos nos diferentes constituintes de acordo com os princípios de boa formação silábica.

No capítulo III, apresentam-se as considerações finais e são sintetizadas as questões abordadas neste estudo.

Em anexo, apresenta-se o *corpus* que constitui a base das descrições fonéticas, das propostas de interpretação fonológica e da descrição da estrutura silábica apresentadas neste trabalho.

I. Enquadramento

Este capítulo, dividido em três secções, é dedicado à contextualização geográfica, histórica e linguística do crioulo guineense, à síntese das descrições já elaboradas sobre esta língua e pertinentes para este estudo, à descrição dos modelos teóricos adotados e à apresentação da metodologia usada para a elaboração do *corpus*.

Na primeira secção, são apresentadas informações geográficas e históricas sobre a Guiné-Bissau e são abordados alguns aspetos linguísticos importantes para a contextualização do guineense, como a formação e a origem do crioulo e o multilinguismo na Guiné-Bissau. No final desta secção, são ainda especificadas as características do crioulo que constitui o objeto desta investigação.

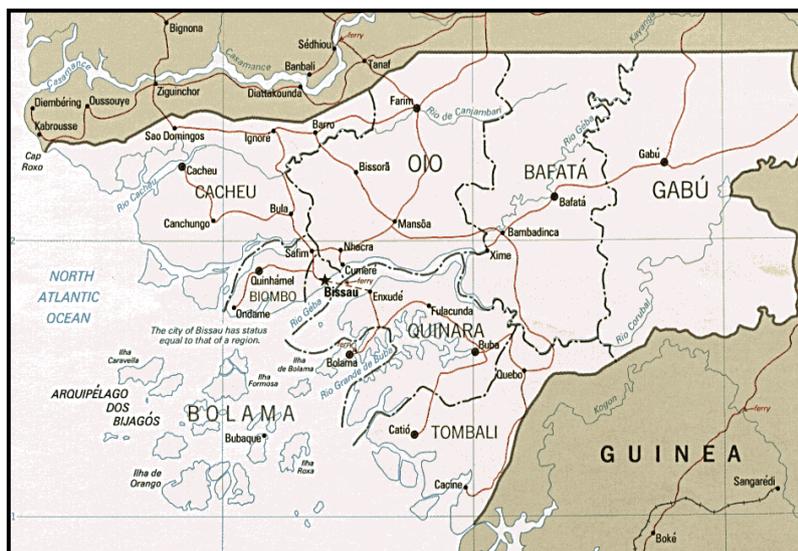
Na segunda secção, é apresentada uma síntese das descrições de questões fonéticas, fonológicas e prosódicas (sílabas e acento) do crioulo, consideradas pertinentes e significativas para este estudo. Na parte final desta secção, são ainda apresentados os sistemas fonológicos e as estruturas silábicas do guineense e de três das línguas de adstrato.

Na terceira secção, são descritos os modelos teóricos em que assentam as descrições propostas neste estudo (Teoria Autossegmental, Geometria de Traços e modelo de Ataque-Rima), são apresentados os traços escolhidos para a identificação dos segmentos e é apresentada a metodologia usada para a recolha e tratamento dos dados (Recolha dos dados, Guião para a entrevista, Os informantes e O material).

1.1. Contextualização geográfica, histórica e linguística

1.1.1. Aspetos geográficos e históricos¹

A Guiné-Bissau, com 36.125 km² de extensão total e apenas 28.800 km² de superfície habitável², situa-se na costa ocidental de África. Tem fronteira a norte com o Senegal, a este e sudeste com a Guiné-Conacri e a sul e oeste com o Oceano Atlântico. Além do território continental,



compreende ainda cerca de 40 ilhas, que constituem o arquipélago dos Bijagós. Neste reduzido território vivem 1,5 milhões de habitantes, distribuídos pelas seguintes etnias: Balantas (30%), Fulas (20%), Manjacos (14%), Mandingas (13%), Papéis (7%), outros grupos étnicos (16%). O crescimento demográfico apresenta um índice de 2,6% ao ano. A maioria da população vive em zonas rurais, sendo a principal atividade do país a agricultura, que emprega 87% da população. É reduzida a percentagem dos que se dedicam a outras áreas, 2% na indústria e 11% nos serviços. No que diz respeito à literacia, verifica-se um elevado índice de analfabetismo, 48,6% nos adultos e 58,5% nos jovens³.

A costa recortada da Guiné-Bissau e o clima desta região – o sub-guineense ou tropical marginal e o tropical sudanês ou tropical continental – sempre foram fatores atrativos para a fixação de diversos povos e, no século XV, influenciaram acentuadamente o processo da colonização portuguesa e as relações entre os europeus e os africanos (Bull, 1989). Nuno Tristão chegou a estas terras da costa ocidental de África em 1446, tendo-se estabelecido, desde então, contínuos contactos entre este território e Portugal. Formaram-se as primeiras povoações portuguesas, Cacheu, Farim e Zinguinchor, nos séculos XVI e XVII, e Bissau no século XVIII, tendo ficado, no entanto, sujeitas à administração de Cabo Verde (Pélissier,

¹ O mapa está disponível no *site* African Studies Center, University of Pennsylvania, (http://www.africa.upenn.edu/Country_Specific/G_Bissau.html).

² Se, aos quilómetros referidos, subtrairmos 3.200km², que periodicamente ficam cobertos pela água da chuva, a real superfície habitável é 24.800km².

³ Os dados estão disponíveis no *site* do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, (<http://mail.ipad.mne.gov.pt>).

1989; Couto, 1994). Este poder administrativo reservado aos cabo-verdianos cessa em 1879 e, na Conferência de Berlim, decorrida entre 1884 e 1886, traçadas as fronteiras da Guiné-Bissau, este território é entregue a Portugal, tornando-se, em 1951, uma Província Ultramarina de Portugal (Pélissier, 1989; Couto, 1994). Porém, a ocupação e a colonização portuguesas não foram pacíficas e, em 1956, com a formação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde – PAIGC, tem início a luta pela independência, que é alcançada em 10 de Setembro de 1974, surgindo, assim, a República da Guiné-Bissau (Couto, 1994).

Desde então, os guineenses vivem numa permanente instabilidade política, tendo havido vários conflitos militares e golpes de estado. A Guiné-Bissau encontra-se, atualmente, ainda numa situação crítica, com cidades destruídas e escassos recursos próprios para a saúde, a educação, o emprego e a alimentação⁴.

1.1.2. Aspetos linguísticos

1.1.2.1. Formação do crioulo guineense

Com a chegada dos portugueses à costa ocidental africana, mais precisamente ao território da atual Guiné-Bissau, em 1446, teve início um contacto intercultural entre diferentes povos, os portugueses e os nativos da região, pertencentes a diversas etnias.

O processo de colonização começou com a exploração do novo território, levada a cabo por alguns navegadores, que se aventuraram na descoberta da região, convivendo com a população local. Estes aventureiros eram conhecidos por *lançados*⁵. Posteriormente, e como o objetivo dos colonizadores era a exploração comercial da região, tornou-se necessária a colaboração de ajudantes nativos, os *grumetes*⁶. Surgiram, então, as primeiras organizações administrativas, as *Praças* e os *Presídios*⁷, que constituíram as bases da colonização. Segundo Pinto Bull (1989), «havia duas Praças: Cacheu e Bissau; Farim, Zinguinchor, Geba e Lugar do Rio Nuno eram Presídios» (p. 62). Além das praças e presídios, foram também construídos

⁴ De acordo com informações do “Relatório da Cooperação Portuguesa 2005-2010”, disponível no *site* do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (<http://ns1.ipad.mne.gov.pt>).

⁵ Segundo Couto (1994), «o termo *lançado* é o particípio do verbo *lançar*. Assim sendo, sugere que os primeiros aventureiros a se fixarem na inóspita região dos negros foram lançados das embarcações a fim de explorarem o interior africano» (p. 17).

⁶ De acordo com Couto (1994), os *grumetes* eram «nativos aculturados pelo contacto com os europeus, exercendo o papel de seus ajudantes» (p. 15).

⁷ Segundo Carreira, «a Praça é a povoação fortificada e armada com permanência, devidamente organizada para compensar a falta de obstáculos naturais dos seus limites. O Presídio é a praça de pequenas dimensões e mais escassos meios defensivos de tipo militar» (como citado por Bull, 1989, p. 62).

os entrepostos comerciais, onde operavam os *lançados*, que tiveram um papel importante na formação do crioulo, uma vez que se integraram na realidade sociocultural dos nativos, casando com mulheres africanas, que eram denominadas *tangomãs*, tendo nascido destas uniões os *filhos da terra*. Estavam, então, edificados os primeiros agrupamentos resultantes da colonização portuguesa, cuja população era maioritariamente constituída por *lançados*, *grumetes*, *tangomãs* e *filhos da terra*, e estava criado o ambiente favorável ao surgimento de uma nova forma de comunicação – o pidgin, e posteriormente o crioulo – que desse resposta às necessidades de uma comunidade multicultural (Scantamburlo, 1994). A propósito, Pinto Bull (1989) refere que:

... dado o seu modo de viver, a sua adaptação ao costume do país e a sua grande influência junto dos autóctones – muitas vezes eram ligados maritalmente a famílias nobres locais – os lançados contribuíram bastante para a miscigenação, e foram veículos valiosíssimos, embora clandestinos, de aculturação nos dois sentidos. Pode afirmar-se que constituíram um factor positivo na formação do Crioulo, meio de comunicação entre os próprios lançados e os autóctones. (p.73)

Os *filhos da terra*, fruto da união entre *lançados* e *tangomãs*, foram, como refere Hildo do Couto (1994), «os primeiros falantes do Crioulo, pois com eles o Pidgin português acima referido se nativizou» (p.19).

1.1.2.2. Origem do crioulo

As semelhanças entre o crioulo guineense e o crioulo cabo-verdiano de sotavento e a intercompreensão entre os falantes destas línguas crioulas, aliadas às afinidades históricas entre os respetivos territórios, desencadearam opiniões divergentes quanto ao local – Guiné-Bissau ou Cabo Verde – onde terá decorrido o processo de crioulização (Cunha, 1981). Alguns investigadores afirmam ser necessário haver determinadas circunstâncias para que o processo de pidginização/crioulização possa ocorrer. De acordo com a proposta de Couto (1994), a insularidade, a exogeneidade das populações, a colonização – marcada pelas fases de “sociedade de habitação” e “sociedade de plantação” – e a existência de uma sociedade multilingue⁸ são os traços principais que caracterizam as situações propícias ao aparecimento de uma língua crioula.

⁸ Estas características são apresentadas por Hildo do Couto de acordo com as propostas de Chaudenson e Bollée (Couto, 1994, pp. 28-29).

Se considerarmos a hipótese de o guineense se ter formado no território da Guiné-Bissau, o processo de formação do crioulo deu-se numa sociedade multilingue e uma das características da colonização foi a “sociedade de habitação”. Porém, das condições anteriormente enumeradas, são apenas estas as que a hipótese guineense reúne, pois não existiu “sociedade de plantação” – o interesse económico nessa região restringia-se ao comércio de escravos e de produtos como o ouro e o marfim –, nem exogeneidade da população – durante o processo de colonização, foram criadas povoações que eram constituídas essencialmente por autóctones (escravos, *tangomãs*, *grumetes*) –, nem insularidade – apesar da existência de ilhas, como Bissau e o arquipélago dos bijagós, as primeiras organizações administrativas foram Cacheu e Geba, situadas no interior (Couto, 1994).

Por outro lado, a hipótese de o crioulo se ter formado em Cabo Verde parece credível, pois aqui se reúnem todas as condições necessárias para o processo de criouliização. Este arquipélago foi encontrado desabitado, tendo sido povoado com escravos de diversas etnias, provenientes de várias regiões, formando-se, necessariamente, uma sociedade multilingue, dada a heterogeneidade da origem dos escravos. Neste território, existiu “sociedade de plantação”, eram cultivados produtos como especiarias e algodão. A propósito, Couto (1994) refere que «só em Cabo Verde se deu a colonização no sentido pleno» (p. 30).

Surgem, então, diferentes teses para a formação do guineense; alguns autores defendem que este crioulo terá surgido no arquipélago de Cabo Verde e posteriormente terá sido levado para a Guiné. Um dos defensores da hipótese cabo-verdiana é Baltazar Lopes da Silva (1957), que diz:

Suponho que o crioulo falado na Guiné é, não uma criação resultante directamente do contacto do indígena com o português, mas sim o crioulo cabo-verdiano de Sotavento levado pelos colonos idos do arquipélago e que, com o tempo, se foi diversificando e adquirindo caracteres próprios sob a influência das línguas nativas. (como citado por Couto, 1994, p. 31)

Embora esta teoria tenha vários argumentos a seu favor, há autores que a refutam, como Jorge Morais Barbosa (1966) :

Na Guiné, e apesar de se tratar de um território já povoado, a situação, após a chegada e instalação dos metropolitanos, deve ter sido idêntica do ponto de vista linguístico (à de Cabo Verde, à de São Tomé e Príncipe): foi a ocupação portuguesa que pôs em contacto indivíduos que falavam umas 17 ou 19 línguas distintas e que, reunidos numa mesma comunidade em virtude da presença dos portugueses, se viram tão

impossibilitados de comunicar com estes como entre eles próprios. Estavam, pois, criadas as condições que permitiriam, e até exigiriam, o recurso a um idioma pidginizante, de onde surgiria o crioulo guineense à medida que os contactos se foram acentuando. (como citado por Cunha, 1981, p. 43)

Atendendo a que a Guiné-Bissau foi descoberta antes de Cabo Verde – quando as caravelas regressavam a Portugal, uma delas descobriu o arquipélago – e que desde logo se estabeleceram contactos comerciais, sendo os *lançados* e os *grumetes* os intermediários entre os europeus e os nativos, desta interação terá surgido uma língua de contacto, um pidgin. Desenvolve-se, então, a hipótese de que o crioulo pode ter surgido na Guiné-Bissau e, posteriormente, terá sido levado para Cabo Verde, devido às intensas relações comerciais existentes entre ambos os territórios e aos escravos que eram levados para o arquipélago (Couto, 1994). No entanto, segundo Jean Louis Rougé (1995), «nada permite dizer se o Crioulo de Cabo Verde é que foi africanizado pelos guineenses ou se o da Guiné é que foi desafricanizado pelos cabo-verdianos» (como citado por Scantamburlo, 1999, p. 32) e Scantamburlo (1999) defende que «do ponto de vista linguístico, as convergências e as divergências entre o Guineense e o crioulo de Cabo Verde apontam para dois ambientes sociolinguísticos diferentes» (p. 31).

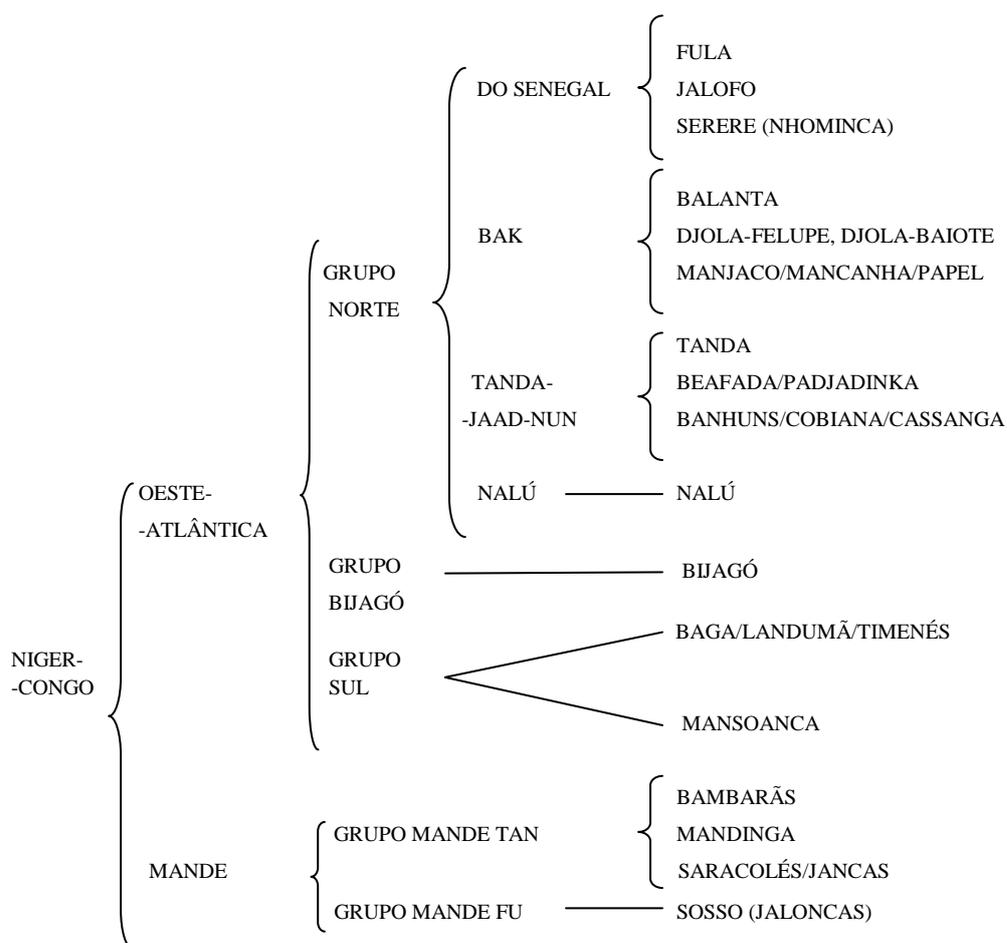
Considerando as afinidades históricas entre os dois países e as semelhanças entre o crioulo da Guiné e o de Cabo Verde, Hildo do Couto (1994) apresenta a *hipótese da ambigeneidade*, defendendo que o crioulo se terá desenvolvido, ao mesmo tempo, na Guiné-Bissau e em Cabo Verde:

Percorrendo a história dos dois países desde a chegada dos portugueses, nota-se um constante fluxo e refluxo em ambas as direções. Se a Guiné foi descoberta primeiro, Cabo Verde sempre mereceu mais atenção dos colonizadores, que fizeram do arquipélago um entreposto comercial. No entanto, repitamo-lo, ele foi povoado com escravos trazidos do continente. Tudo isto tem que ter influído na formação do crioulo. Assim, ele deve ter surgido em ambas regiões ao mesmo tempo. As semelhanças estruturais e funcionais se explicariam de modo natural com a adoção dessa hipótese. (p. 32)

Embora haja alguma polémica quanto ao local onde se terá formado o guineense, é um facto que esta língua tem semelhanças com o crioulo cabo-verdiano de sotavento, mas apresenta também muitos aspetos diferentes. Além disso, ambos os crioulos existem enquanto diferentes línguas em diferentes espaços geográficos, possibilitando a interação comunicativa dos respetivos falantes.

1.1.2.3. O multilinguismo na Guiné-Bissau

A situação geográfica da Guiné-Bissau e a abundância de produtos comercializáveis nesta região contribuíram acentuadamente para a fixação de vários povos. E, no século XV, quando os navegadores portugueses chegaram ao território guineense, encontraram diversos grupos étnicos, cada um com uma língua própria, tendo sido do contacto destas línguas com o português que teve origem o guineense. Apresenta-se, de seguida, a classificação das línguas da Guiné-Bissau, conforme a proposta de Scantamburlo (1999, pp. 56-57):

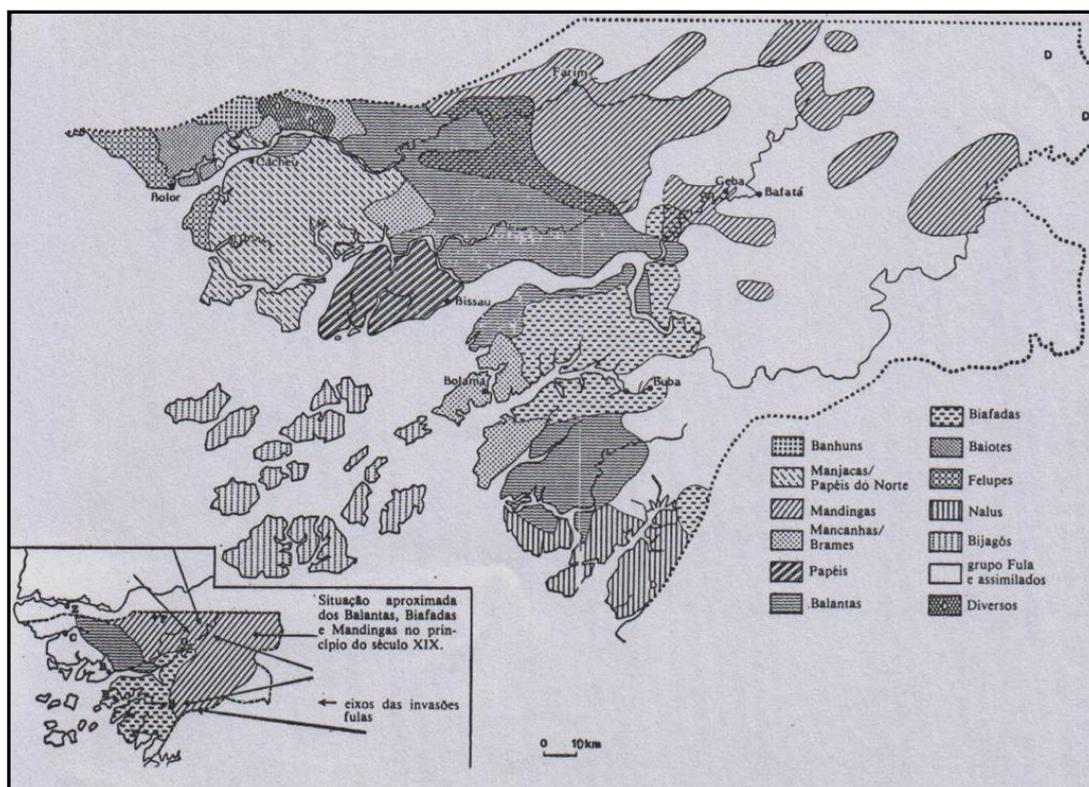


Estas línguas étnicas – pertencentes a duas (Oeste-Atlântica e Mande) das sete subfamílias da Família Níger-Congo –, em contacto com o português, contribuíram para a formação de uma nova língua que veio resolver os problemas de comunicação não só entre os europeus e os autóctones mas também entre estes, pois, pertencendo a diferentes etnias e possuindo cada um dos grupos uma língua própria, havia necessidade de um instrumento de comunicação comum que viabilizasse a comunicação interétnica.

As línguas de substrato – pelo facto de terem contribuído para a formação do crioulo – são, hoje, línguas de adstrato por existirem ainda atualmente na Guiné-Bissau – cada grupo étnico conserva a sua própria língua –, convivendo, no mesmo espaço geográfico, com o crioulo, pelo que o panorama linguístico da Guiné-Bissau apresenta uma considerável variedade étnica e linguística. Como refere René Pélissier (1989), dada a reduzida extensão territorial, podíamos esperar encontrar:

...um panorama étnico muito mais simples que num país tendo outras dimensões. Mas não! Desde o início que se sabe que a Guiné Costeira foi um refúgio de numerosos povos recalcados por diferentes invasões. Daqui resulta um mosaico étnico – uma Babel negra – de uma complexidade de enlouquecer. (p. 31)

Mapa etnográfico da Guiné-Bissau (Pélissier, 1989, p. 27).



O mapa apresentado permite-nos localizar geograficamente os mais importantes grupos étnicos existentes no território da Guiné-Bissau. Contudo, coexistem no mesmo espaço aproximadamente mais quinze etnias e as respetivas línguas⁹, além do português – língua oficial – e do guineense – língua de comunicação interétnica. Embora o panorama

⁹ Listagem das etnias que estão representadas em minoria na Guiné-Bissau, segundo a proposta de Scantamburlo (1999): Bagas, Bambarãs, Cassangas, Cobiaanas, Jacancas, Jalofos, Landumãs, Padjadincas, Saracolés, Sereres, Sossos, Tandas, Timenés (p. 56).

linguístico já se afigure complexo, dada a diversidade étnica que podemos observar, a complexidade aumenta na medida em que a cada grupo étnico não corresponde um espaço geográfico delimitado, coexistindo diversas etnias numa mesma região (Bull, 1989).

Entre as diversas línguas étnicas existentes na Guiné-Bissau, destacam-se, em seguida, as mais importantes, referindo-se, aproximadamente, o respetivo número de falantes (Scantamburlo, 1999, pp. 55-56):

LÍNGUAS ÉTNICAS	FALANTES
Balanta	245.000
Fula	200.000
Mandinga	100.000
Manjaco	80.000
Papel	72.000
Beafada	20.000
Bijagó	20.000
Mancanha	19.000
Felupe	15.000
Nalú	4.000

É neste contexto multilingue que se encontra o guineense – cujo número de falantes tem crescido consideravelmente, sendo, hoje, a língua mais falada na Guiné-Bissau –, assumindo o papel de instrumento de comunicação interétnica, embora não tenha o estatuto de língua oficial, nem existam, até ao momento, instrumentos de normatização desta língua (Scantamburlo, 1999).

1.1.2.4. Variedades do crioulo a descrever

Atendendo ao contexto multilingue em que está inserido¹⁰ e ao facto de ser a língua que permite a intercompreensão entre os falantes dos diferentes grupos étnicos¹¹, o guineense apresenta alguma variação, de acordo com as pertenças étnicas dos seus falantes e em função

¹⁰ Como já foi anteriormente referido, o guineense coexiste geograficamente com diversas línguas étnicas pertencentes aos diversos grupos sociais existentes na Guiné-Bissau, bem como com a língua portuguesa, a língua oficial do país.

¹¹ Apesar de o português ser a língua oficial, apenas é usado na produção de alguns documentos escritos, na escola e na televisão. Na vida quotidiana, a comunicação processa-se por meio de outras línguas, nomeadamente o guineense, que é o veículo de comunicação comum a toda a comunidade e cujo uso se alargou já a domínios – como, por exemplo, em cerimónias oficiais – em que outrora era utilizado exclusivamente o português (Scantamburlo, 1999).

do contacto com as línguas étnicas que com ele coexistem. Os falantes de crioulo que não o têm como língua materna e/ou o falam precariamente trazem para o guineense as realizações fonéticas da sua língua materna. A estas características acresce o facto de não existirem ainda instrumentos de normatização desta língua, pelo que cada falante defende que a variedade que usa é a mais correta.

Além disso, estão identificadas duas variedades principais do guineense: o *kriyol fundo* (crioulo tradicional), que é considerado uma versão mais “pura” da língua por não apresentar interferências do português, e que é atualizado pelas pessoas mais velhas, e o *kriyol lebi* (crioulo aportuguesado), que apresenta já algumas interferências do português e é atualizado pelos mais jovens e pelos adultos (Kihm, 1994). O *Kriyol lebi* é usado nas transmissões da Rádio Emissora Nacional e também em quase todas as publicações, à exceção de algumas fábulas (Couto, 1994). Nos seus trabalhos, Couto define *Kriyol fundo* e *Kriyol lebi* como duas variedades distintas do guineense e estabelece como objeto do seu estudo o *Kriyol fundo*; no entanto, apresenta frequentemente exemplos do *Kriyol lebi*, uma vez que, segundo o próprio investigador, «é ele que é efetivamente usado hoje em dia nas cidades» (1994, p. 66). Alain Kihm (1994) considera que *Kriyol fundo* e *Kriyol lebi* são duas variantes do crioulo, por ser possível e frequente encontrar características de ambas no discurso de um mesmo falante.

Os dados recolhidos de falantes que têm como língua materna o guineense e que constituem a base para as propostas de análise que se apresentam neste trabalho permitem verificar que características do *Kriyol fundo* e do *Kriyol lebi* coocorrem no discurso de um mesmo falante, tal como refere Kihm (1994). A par deste facto, parece importante ter-se em conta que a língua, enquanto instrumento que permite expressar e interpretar a realidade, está em constante processo de mudança, motivado pela constante evolução cultural e social. A propósito, Scantamburlo (1999) refere que:

Há uma simbiose entre língua e cultura: cada língua é o produto duma cultura particular, pelo facto de ser obrigada a adaptar-se a esta cultura para poder transmiti-la por meio de signos linguísticos, e é também produtor da mesma, porque, através da comunicação entre os seus locutores, formam-se e transformam-se as várias representações e os comportamentos colectivos face à realidade. (p. 21)

Tendo em conta o que foi anteriormente exposto, as propostas de análise que constituem este trabalho têm como objeto o crioulo guineense, considerando a coocorrência de características das variantes *Kriyol fundo* e *Kriyol lebi* no discurso dos falantes que têm como língua materna ou que falam fluentemente este crioulo.

1.2. Síntese dos estudos sobre Fonologia e Prosódia do guineense

O guineense despertou já o interesse de vários investigadores, que apresentaram diversos estudos linguísticos sobre este crioulo. Embora a Fonologia e a Prosódia não sejam as áreas mais exploradas, existem já algumas propostas de descrição dos sistemas fonético e fonológico e alguns contributos para o estudo de questões prosódicas. Apresentam-se as propostas mais significativas, organizadas por domínios e por níveis de estruturação (segmentos fonéticos, segmentos fonológicos, sílaba e acento).

1.2.1. Segmentos fonéticos

O inventário das unidades fonéticas do guineense não é consensual entre os investigadores. Esta divergência é fortemente motivada pela existência de diferentes variedades de crioulo, nomeadamente o crioulo tradicional e o crioulo aportuguesado, e pelo facto de alguns investigadores se proporem estudar apenas uma variedade, o crioulo tradicional, e outros considerarem duas variedades, o crioulo tradicional e o crioulo aportuguesado, nos seus estudos.

O inventário dos segmentos consonânticos da estrutura de superfície é o que apresenta maior discrepância nas descrições que, de forma sucinta, são expostas de seguida. Apresenta-se um quadro das realizações fonéticas dos segmentos consonânticos, que engloba todos os segmentos incluídos nas propostas de Andrade, Gomes e Teixeira (1992, pp. 135), Avram (2010, pp. 203-214), Couto (1994, pp. 68-73), Kihm (1994, pp. 12-19) e Scantamburlo (1999, pp. 125-132):

1)¹²

p, mp	t, nt		k, ŋk
b, mb	d, nd		g, ŋg
		ʃ, nʃ	
		dʒ, ndʒ	
f, nf	s, ns	ʃ	ks
v, nv	z, nz	ʒ	
m	n	ɲ	ŋ
	r		
	ɾ		
	l	ʎ	

QUADRO 1 – Segmentos consonânticos fonéticos

¹² Esta representação está conforme ao modelo da Associação Internacional de Fonética e está organizada de acordo com os pontos (do [-recuado] para o [+recuado]) e modos (do [-soante] para o [+soante]) de articulação dos segmentos.

A existência dos segmentos [p, t, k, b, d, g, ʃ, dʒ, f, s, m, n, ɲ, ɳ, l] é atestada por todos os investigadores.

A ocorrência de [v, z, ʒ, ʒ, ʎ] é proposta por Scantamburlo (1999, pp. 125-129), que alega que estas realizações fonéticas ocorrem com frequência no discurso dos locutores e, em alguns casos, evitam situações de homonímia. Kihm (1994) também considera a existência dessas unidades, mas salvaguarda que estas «occur only in words of Portuguese origin which entered the language recently through borrowing (e.g. **privatizason**), or creolized words that are somehow realigned on their Portuguese etymon» (p. 15). Andrade *et al.* (1992) também incluem os segmentos [v, z, ʒ, ʒ] no inventário fonético do crioulo e, tal como Kihm, ressaltam que estas realizações fonéticas são uma «consequência do fenómeno de descrioulização ou ocorrem apenas em palavras entradas recentemente na língua» (p. 135). O segmento [ʎ] não é considerado por estes investigadores. Couto (1994, p. 72) alega que as realizações fonéticas [v, z, ʒ, ʒ, ʎ] existem apenas no crioulo aportuguesado e, portanto, não as considera nos seus estudos, uma vez que se propõe descrever o crioulo tradicional.

Os segmentos vibrantes [r] e [r̥] são apresentados por Andrade *et al.* (1992, p. 135). Couto (1994, p. 71) considera a existência de apenas um segmento fonético alveolar que vibra mais que a vibrante simples e menos que a múltipla do português e Kihm (1994) refere que o segmento vibrante “is flapped rather than trilled” (p. 15). Scantamburlo (1999, p.126) apresenta o segmento [r], mas não acrescenta qualquer informação que permita identificar a realização fonética que lhe atribui.

O segmento [ks] figura apenas no inventário fonético de Scantamburlo (1999, p. 129), que defende e exemplifica a existência de palavras que evidenciam a ocorrência desta realização fonética.

A realização [t̥] é apresentada somente por Andrade *et al.* (1992, p. 135). Couto (1994, p. 72) e Kihm (Kihm, 1994, p. 15) afirmam que a realização do segmento lateral é sempre coronal, independentemente do contexto em que ocorra, e Scantamburlo (1999) não menciona a existência desta realização fonética.

Os segmentos consonânticos pré-nasalizados [mp, mb, nt, nd, ŋg, ŋk, ntʃ, ndʒ, nf, nv, ns, nz] são propostos por Avram (2010, pp. 203-214) e por Kihm (1994, p. 16). Couto (1994, pp. 69-71) menciona também a existência de segmentos fonéticos pré-nasalizados, mas dá apenas alguns exemplos de ocorrência, pelo que não se entende claramente se este investigador considera que a pré-nasalidade fonética se verifica apenas nos segmentos oclusivos e africados ou se também se estende aos segmentos fricativos. Scantamburlo (1999)

não é claro quanto à (in)existência de segmentos consonânticos fonéticos pré-nasalizados e Andrade *et al.* (1992) nada mencionam sobre esta questão.

O inventário das realizações vocálicas da estrutura fonética apresenta menos variação do que o dos segmentos consonânticos. Apresenta-se um quadro das realizações fonéticas dos segmentos vocálicos, que engloba todos os segmentos incluídos nas propostas de Andrade *et al.* (1992, pp. 135-140), Couto (1994, pp. 73-75), Kihm (1994, pp. 12-19) e Scantamburlo (1999, pp. 125-132):

2)¹³

i	i ¹⁴	u
e	e ¹⁵	o
ε	ɔ	
	a	

QUADRO 2 – Segmentos vocálicos fonéticos

Todas as realizações fonéticas apresentadas são propostas por Scantamburlo (1999, pp. 125-132), e por Andrade *et al.* (1992, p. 135).

Relativamente às realizações [ε], [e] e [ɔ], [o], Kihm (1994, p. 14) não menciona claramente a ocorrência destes segmentos, referindo apenas que existe alguma variação na realização dos segmentos fonológicos /e/ e /o/. Couto (1994, p. 74) defende que cada um destes segmentos fonológicos, /e/ e /o/, apresenta apenas uma realização fonética, que se caracteriza por um grau de abertura intermédio: o grau de abertura da realização fonética de /e/ situa-se entre [ε] e [e] e o grau de abertura da realização fonética de /o/ situa-se entre [ɔ] e [o].

Relativamente ao segmento [e], Couto (1994, p. 74) não é claro quanto à (in)existência desta realização fonética e Kihm (1994, p. 14) refere a ocorrência desta unidade fonética apenas em sílabas átonas finais.

¹³ Esta representação está conforme ao modelo da Associação Internacional de Fonética e está organizada de acordo com os pontos de articulação (do [-recuado] para o [+recuado]) e a Altura (do [+alto] para o [-alto]) dos segmentos.

¹⁴ Para representar este segmento, Scantamburlo (1999, p. 127) utiliza o símbolo [i] e Andrade *et al.* (1992, p. 135) utilizam [ɨ].

¹⁵ Para representar este segmento, Scantamburlo (1999, p. 127) utiliza [a] e Kihm (1994, p. 14) e Andrade *et al.* (1992, p. 135) utilizam [ʌ].

O segmento [i] é inventariado nas propostas de Scantamburlo (1999, p. 127) e Andrade *et al.* (1992, p. 135), mas não é referido nas descrições de Couto (1994) e de Kihm (1994).

As realizações [i] e [u] são inventariadas por todos os investigadores e, a propósito destas realizações, Kihm (1994, p. 14) indica a ocorrência de variantes relativamente abertas de [i] e [u].

A par dos segmentos fonéticos vocálicos orais, Scantamburlo (1999, pp. 130-132), Couto (1994, p. 73) e Kihm (1994, p. 16) atestam a existência de realizações fonéticas nasais. Os investigadores defendem que todas as vogais orais da estrutura de superfície podem receber a especificação de nasalidade sempre que se encontram numa sequência de segmento vocálico + segmento consonântico nasal + segmento consonântico em posição de sílaba interior ou segmento vocálico + segmento consonântico nasal em posição de fim de palavra. Andrade *et al.* (1992) nada referem a propósito dos sons vocálicos nasais. As realizações fonéticas nasais não estão contempladas no quadro 2 pelo facto de ser apenas referido que cada segmento oral pode apresentar uma realização fonética nasal contextual, não sendo claro o inventário fonético dos segmentos vocálicos orais de cada investigador.

Ao contrário do que verificámos com os inventários dos segmentos consonânticos e vocálicos da estrutura fonética, o registo da ocorrência de glides no nível de superfície não apresenta variação. A ocorrência das glides [j] e [w] é atestada por Andrade *et al.* (1992, p. 135), Couto (1994, p. 74), Kihm (1994, pp. 13,15) e Scantamburlo (1999, pp. 126-130). Os três últimos investigadores referem que os segmentos ocorrem em posição pré e pós-vocálica e Kihm acrescenta que as glides ocorrem também em posição intervocálica¹⁶ (Couto, 1994, p. 74; Kihm, 1994, pp. 13,15; Scantamburlo, 1999, pp. 126-130).

1.2.2. Segmentos fonológicos

À semelhança do que se verificou nos inventários das realizações fonéticas, também o estabelecimento dos segmentos da estrutura de base não é consensual entre os investigadores.

Os inventários dos segmentos consonânticos da estrutura fonológica são os que apresentam maior divergência. Apresenta-se um quadro dos segmentos consonânticos fonológicos, que engloba todos os segmentos incluídos nas propostas de Avram (2010, pp.

¹⁶ De acordo com a proposta deste investigador, os hiatos em posição interior são resolvidos através da inserção de uma glide – *dia* (dia) é realizado como [ˈdiya] e *bua* (voar) como [buˈwa] – e os hiatos transmorfémicos *n oja u* (eu vi-te) são resolvidos quer através da formação de uma glide [ɲoˈjaw], quer por assimilação [ɲoˈjo], em variação aparentemente livre (Kihm, 1994, p. 15).

203-214), Couto (1994, pp. 68-72), Kihm (1994, pp. 12-19) e Scantamburlo (1999, pp. 125-132):

3)

p, mp	t, nt		k, ŋk
b, mb	d, nd		g, ŋg
		ʃ, nʃ	
		dʒ, ndʒ	
f, nf	s, ns	ʃ	ks
v, nv	z, nz	ʒ	
m	n	ɲ	ŋ
	ɾ		
	l	ʎ	

QUADRO 3 – Segmentos fonológicos consonânticos

Todos os investigadores apresentam no quadro fonológico consonântico os segmentos /p, t, k, b, d, g, tʃ, dʒ, f, s, m, n, ɲ, ŋ, ɾ, l/. Couto (1994, p. 68) defende que o sistema fonológico do guineense é composto apenas por estes segmentos consonânticos; Scantamburlo (1999, p. 127), além destes segmentos, considera também /v, z, ʃ, ʒ, ʎ, ks/ e Kihm (1994, p. 15) também apresenta /v, z, ʃ, ʒ, ʎ/ no sistema fonológico do guineense, mas ressalva que estes segmentos se encontram apenas em palavras de origem portuguesa que entraram recentemente no crioulo.

Os segmentos pré-nasalizados /mp, mb, nt, nd, ŋg, ŋk, nʃ, ndʒ, nf, nv, ns, nz/ são considerados segmentos fonológicos apenas por Avram (2010, pp. 203-214). Os demais investigadores admitem a existência de segmentos consonânticos pré-nasalizados no nível fonético, mas interpretam-nos como o resultado do processo de expansão da nasalidade que ocorre sempre que, em estrutura de base, se encontra uma sequência de segmento consonântico nasal e segmento consonântico oral (Couto, 1994, pp. 69-71; Kihm, 1994, p. 16; Scantamburlo, 1999, pp. 130-131).

O inventário dos segmentos vocálicos da estrutura fonológica é mais consensual. Apresenta-se um quadro dos segmentos vocálicos fonológicos, que engloba todos os segmentos incluídos nas propostas de Couto (1994, pp. 73-75), Kihm (1994, pp. 12-19) e Scantamburlo (1999, pp. 125-132):

4)

i	i ¹⁷	u
e	e ¹⁸	o
ɛ	ɔ	
	a	

QUADRO 4 – Segmentos fonológicos vocálicos

Scantamburlo (1999, p. 77) considera a existência de todos os segmentos fonológicos enumerados no quadro 4. Couto (1994, pp. 73-75) e Kihm (1994, pp. 12-19) defendem a existência de apenas cinco segmentos vocálicos, /a, e, i, o, u/¹⁹, em estrutura de base.

Nenhum dos investigadores considera a existência de segmentos vocálicos nasais com estatuto fonológico. Todos consideram que os segmentos fonéticos nasais são realizações contextuais dos segmentos vocálicos orais correspondentes.

As propostas de interpretação fonológica dos segmentos [j] e [w] não são muito divergentes. Todos os investigadores que tratam esta questão consideram que o estatuto fonológico destas unidades depende do contexto em que os segmentos ocorrem.

A glides pré-vocálicas em posição de início de palavra são interpretadas por Couto (1994, p. 74), Kihm (1994, pp. 13,15) e Scantamburlo (1999, p. 130) como segmentos consonânticos.

Em posição pós-vocálica, Couto (1994, p. 74) interpreta estes segmentos como realizações fonéticas das vogais altas correspondentes. Kihm (1994, p. 15) apresenta exemplos como *kay* (cair) e *kau* (local) e refere apenas que a glide final não parece ser um componente do Núcleo, mas sim o elemento que preenche a Coda (tratando-se, por isso, de um segmento consonântico). Scantamburlo (1999) não faz referência aos segmentos neste contexto.

1.2.3. Sílaba

A estrutura silábica do guineense é descrita por Andrade *et al.* (1992, pp. 135-140), Couto (1994, pp. 75-76) e Kihm (1994, p. 13).

Couto (1994) e Kihm (1994) apresentam a estrutura CV como o padrão silábico ótimo do guineense. Segundo Couto (1994), são também possíveis os padrões CVC, V, VC, CCV,

¹⁷ Para representar este segmento, Scantamburlo (1999, p. 127) utiliza [i].

¹⁸ Para representar este segmento, Scantamburlo (1999, p. 127) utiliza [e].

¹⁹ Foram mantidos os símbolos usados por estes investigadores.

CCVC e CCCV²⁰ e, de acordo com a proposta de Kihm (1994), além do padrão silábico ótimo, existem estruturas silábicas com Coda²¹ e com Ataque ramificado²².

Andrade *et al.* (1992) propõem a existência dos padrões V, VV, CV, CCV, CVC, CV α ²³ e sintetizam as possíveis estruturas silábicas do guineense na representação (C(C)) (V) V (C)²⁴.

1.2.4. Acento

As propostas de descrição de aspetos prosódicos do guineense são, até ao momento, poucas e alguns investigadores discutem ainda a possibilidade de se tratar de uma língua acentual ou tonal.

Couto (1994) problematiza essa questão, ainda que de uma forma meramente exploratória, e conclui que é evidente a presença de contorno tonal no crioulo tradicional. De acordo com a proposta deste investigador, o acento é uma característica mais patente no crioulo aportuguesado e resulta da influência do português, embora também admita a existência de marcas acentuais em raros exemplos de crioulo tradicional.

Bull (1989, pp. 76-78), Andrade *et al.* (1992, pp. 135-140) e Kihm (1994, p. 14) consideram que o guineense é uma língua acentual. De acordo com as propostas destes investigadores, a posição do acento é determinada pela estrutura silábica e pela categoria gramatical das unidades acentuais. As categorias nominal e verbal são analisadas separadamente por todos os investigadores e Bull acrescenta ainda a categoria dos numerais.

Nos nomes, de acordo com as descrições de Bull (1989) e de Kihm (1994), a posição do acento depende da estrutura da última sílaba: se esta for aberta, o acento recai sobre a penúltima sílaba; se for fechada (excetuando a ocorrência de –s, o morfema de plural), recebe

²⁰ O autor ressalva que este padrão ocorre com maior frequência em crioulo aportuguesado e apresenta como exemplos *strela* (estrela), *strada* (estrada), *splika* (explicar), que alterna com *splik* e *skribi* (escrever), que alterna com *skirbi* (Couto, 1994, p. 75).

²¹ Segundo o autor, a Coda de uma sílaba em posição final, pode apresentar-se vazia ou preenchida por /N/, /r/, /l/, /y/, /w/, /s/ ou por uma oclusiva no caso dos adjuntos de intensidade: *burmeju wak* (muito vermelho). Em posição interior, apresenta casos como /kum-sa/ (começar) e /suk-ta/ (escutar) e propõe que sejam interpretados como a realização de superfície das formas /ku-mu-sa/ e /su-ku-ta/, respetivamente, em que ocorre supressão de segmentos e ressilabificação (Kihm, 1994, p. 13).

²² Kihm (1994, p. 13) salienta que o Ataque pode ser preenchido por um grupo consonântico e apresenta as seguintes possibilidades: /s)p(r~l)/, /s)t(r)/, /s)k(r~l)/, /br~l/, /dr/, /gr~l/, /fr~l/.

²³ Segundo os autores, α corresponde a um autosegmento flutuante que pode ser N ou S e, quando se realiza no plano fonético, pode coocorrer na mesma sílaba com outro segmento consonântico (Andrade *et al.*, 1992, p. 137).

²⁴ Os autores salientam que o *corpus* que serviu de base para o seu estudo não contempla exemplos de palavras com todas as estruturas consideradas na representação, mas alegam que esse facto não implica que essas estruturas não possam existir (Andrade *et al.*, 1992, p. 137).

o acento. Porém, Bull (1989, p. 77) acrescenta que, no caso dos nomes trissilábicos, sempre que o acento recai sobre a última sílaba, a primeira sílaba dessa palavra recebe um acento secundário. Segundo Andrade *et al.* (1992, p. 139), se o nome terminar em ditongo, em consoante (excetuando –s, o morfema de plural) ou em –e, a sílaba tónica é a última e, nos restantes casos, é a penúltima.

Na categoria verbal, segundo Bull (1989, p. 77), a última sílaba é sempre tónica. Kihm (1994) refere apenas que, quando o verbo termina em vogal, o acento recai sobre a última sílaba e menciona que «distorsions arise when the verb is preceded by an aspect auxiliary or the negation [...] or the subject pronoun **n**» (p. 14). De acordo com a descrição de Andrade *et al.* (1992, p. 139), quando o proclítico (N-) se junta à sílaba inicial do verbo, esta recebe o acento; nos outros casos, é tónica a última sílaba.

Quanto aos numerais, segundo a proposta de Bull (1989, p. 77), quando as palavras têm até três sílabas, aplicam-se as regras que propõe para os nomes e, quando a palavra tem mais de três sílabas, o acento principal recai na penúltima sílaba e a primeira sílaba recebe um acento secundário.

1.2.5. Aspetos fonológicos de algumas línguas de adstrato

Neste ponto, são apresentados os sistemas fonológicos e as estruturas silábicas do guineense, do manjaco, do mancanha e do pepel, de acordo com a proposta de Mane (2001). Os dados das línguas de adstrato serão úteis para verificar possíveis interferências e para observar semelhanças e diferenças entre estas línguas étnicas e o crioulo.

Segundo a proposta de Mane (2001), os sistemas fonológicos do manjaco, do mancanha, do pepel e do guineense apresentam os seguintes segmentos:

a) Manjaco

p,mp	t, mt, nt	tʃ,nʃ	k,nk	i	u
b,mb	d,nd	dʒ,ndʒ	g, ɲg		
m	n	ɲ	ŋ	h	e
f,nf	s				o
	l				ɛ
	ɾ				ɔ
w	j				a

QUADRO 5 – Segmentos consonânticos
Fonte: Mane 2001

QUADRO 6 – Segmentos vocálicos
Fonte: Mane 2001

b) mancanha

p,mp		t,mt,nt	tʃ	k,nk	i	u
b,mb		d,nd	dʒ,ndʒ	g, ŋg		
m		n	ɲ	ɣ h	e	o
f,nf	θ, nθ	f				
		l			a	
		ʀ				
w		j				

QUADRO 7 – Segmentos consonânticos
Fonte: Mane 2001

QUADRO 8 – Segmentos vocálicos
Fonte: Mane 2001

c) pepel

p,mp		t,mt,nt	tʃ,nʃ	k,nk	i	u
b,mb		d,nd	dʒ,ndʒ	g, ŋg		
m		n	ɲ	ɣ h	e	o
f,nf	s					
	l				ɛ	ɔ
	ʀ					
w		j			a	

QUADRO 9 – Segmentos consonânticos
Fonte: Mane 2001

QUADRO 10 – Segmentos vocálicos
Fonte: Mane 2001

d) guineense²⁵

p,		t,	tʃ	k,nk	i	u
b,		d,	dʒ	g,		
m		n	ɲ	ɣ h	e	o
f	s					
	l				a	
	ʀ					
w		j				

QUADRO 11 – Segmentos consonânticos
Fonte: Mane 2001

QUADRO 12 – Segmentos vocálicos
Fonte: Mane 2001

²⁵ Segundo o autor, este inventário está de acordo com a proposta de Couto (1994, p. 68).

De acordo com a descrição deste autor, assinalam-se três aspectos divergentes relativamente aos segmentos fonológicos destas línguas: (i) os segmentos pré-nasalizados, com valor fonológico no manjaco, no mancanha e no pepel, têm apenas estatuto fonético no guineense; (ii) o segmento /s/ existe no crioulo, no manjaco e no pepel e não existe no mancanha e o fonema /ʃ/ existe apenas no mancanha; (iii) as vogais /ɛ/ e /ɔ/, presentes nos sistemas fonológicos do manjaco e do pepel, não integram os do guineense e do mancanha (Mane, 2001, p. 107).

Segundo a análise de Mane (2001), são as seguintes as estruturas silábicas possíveis e a percentagem da sua ocorrência em cada língua:

a) manjaco

Tipo	Exemplos	Tradução	Percentagem
CV	/lipari/	‘cuidado’	67,15
V	/u/	‘mosca’	10,47
CCV	/pɾɛ/	‘comida’	09,63
CVC	/fan/	‘amanhã’	06,68
CCVC ²⁶	/mtum/	‘boca’	0,437
VC	/itʃ/	‘voar’	01,70

QUADRO 13 – Padrões silábicos (contagem de 847 sílabas)
Fonte: Mane 2001

b) mancanha

Tipo	Exemplos	Tradução	Percentagem
CV	/nafibati/	‘Deus’	65,36
V	/u’pi/	‘cabra’	11,85
CCV	/pti/	‘chuva’	09,18
CVC	/kitʃ/	‘colheita’	06,43
CCVC	/plik/	‘poço’	05,02
VC	/ik/	‘estar quente’	02,16

QUADRO 14 – Padrões silábicos (contagem de 863 sílabas)
Fonte: Mane 2001

²⁶ Ressalva-se que é do autor a incoerência que se verifica na interpretação de *mt*, que é considerado um segmento fonológico (cf. o quadro 7) e é apresentado como uma sequência de dois segmentos na representação da estrutura silábica (cf. quadro 13).

c) pepel

Tipo	Exemplos	Tradução	Percentagem
CV	/je/	‘vassoura’	61,76
V	/utium/	‘trabalho’	12,41
CCV	/ktɔ/	‘casa’	12,07
CVC	/ɲatf/	‘mulher’	07,95
CCVC	/blam/	‘nadar’	04,80
VC	/ulna/	‘entregar’	01,01

QUADRO 15 – Padrões silábicos (contagem de 820 sílabas)
Fonte: Mane 2001

d) guineense

Tipo	Exemplos	Tradução	Percentagem
CV	/sibi/	‘saber’	58,82
CVC	/kebur/	‘colheita’	18,03
V	/ɔdʒa/	‘olhar’	13,98
VC	/uj/	‘um’	04,44
CCV	/pɾisɔn/	‘cela’	04,05
CCVC	/kɾiston/	‘cristão’	0,05

QUADRO 16 – Padrões silábicos (contagem de 765 sílabas)
Fonte: Mane 2001

De acordo com a descrição de Mane (2001, pp. 108-109), a estrutura silábica ótima é CV para todas as línguas e os restantes padrões silábicos analisados são comuns às quatro línguas, ainda que com percentagens diferentes.

1.3. Modelo teórico e metodologia

Na primeira parte desta secção, descrevem-se os modelos teóricos usados nas descrições que são apresentadas no capítulo seguinte e expõem-se os motivos dessa escolha. Na segunda parte, apresenta-se a metodologia usada na recolha e no tratamento dos dados que constituem o *corpus* deste trabalho e são descritos os informantes entrevistados.

1.3.1. Os modelos teóricos

A descrição segmental é orientada pelos princípios teóricos da Fonologia Autossegmental e pelo modelo da Geometria de Traços, segundo as propostas de Mateus *et al.* (2005), Ewen e van der Hulst (2001), Mateus e Andrade (2000); Goldsmith (1993; 1976) e Clements (1985); para a descrição silábica é usado o modelo de Ataque-Rima, de acordo com as propostas de Goldsmith (2011), Mateus *et al.* (2005), Ewen e van der Hulst (2001) e Selkirk (1982). Os traços fonéticos e fonológicos com que serão caracterizados os segmentos baseiam-se na classificação proposta por Chomsky e Halle (1968) e os diagramas usados para representar a estrutura interna dos segmentos e a aplicação de processos fonológicos estão de acordo com os modelos propostos por Mateus *et al.* (2005), Mateus e Andrade (2000) e Clements e Keyser (1983).

1.3.1.1. Teoria Autossegmental e Geometria de Traços

A escolha do quadro teórico da Fonologia Autossegmental e do modelo da Geometria de Traços foi motivada pelo facto de esta teoria linguística propor um modelo de representação multilinear. De acordo com este modelo, considera-se a existência de níveis de representação autónomos e organizados hierarquicamente, pelos quais estão distribuídos os traços que caracterizam os segmentos. Esta organização hierárquica permite a análise de processos que envolvem constituintes mais vastos do que o segmento – como a expansão do traço nasal e outros processos fonológicos que envolvem mais do que um segmento (para a descrição destes processos, os modelos teóricos anteriores revelam insuficiências e levantam vários problemas por serem modelos lineares e limitarem a aplicação de processos fonológicos exclusivamente ao nível segmental)²⁷.

²⁷ Segundo Clements (1985), «multi-tiered representation [...] provides a solution to the conceptual problems raised by feature asynchrony within a matrix formalism. If we regard features not as matrix entries but as

A teoria autosssegmental propõe a existência de vários níveis autónomos, organizados hierarquicamente e interrelacionados por linhas de associação e pela condição de boa formação. Pelos diferentes níveis estão distribuídas, também de forma organizada e hierárquica, as propriedades dos segmentos (Clements, 1985). Considera-se a existência de traços binários, que são especificados com o valor + ou -, e de traços unários, que têm apenas um valor e, por isso, estão presentes ou ausentes. Os traços unários podem ser nós de classe – designam grupos de traços e situam-se em níveis mais altos da representação – ou nós intermédios – constituem uma propriedade individual do segmento e situam-se em níveis intermédios, dependem de um nó de classe e dominam traços binários terminais (Ewen & van der Hulst, 2001)²⁸. Apresenta-se um diagrama da organização da geometria de traços que ilustra a relação de dependência entre os traços, de acordo com a proposta de Mateus e Andrade (2000), inspirada em Clements e Hume (1995):

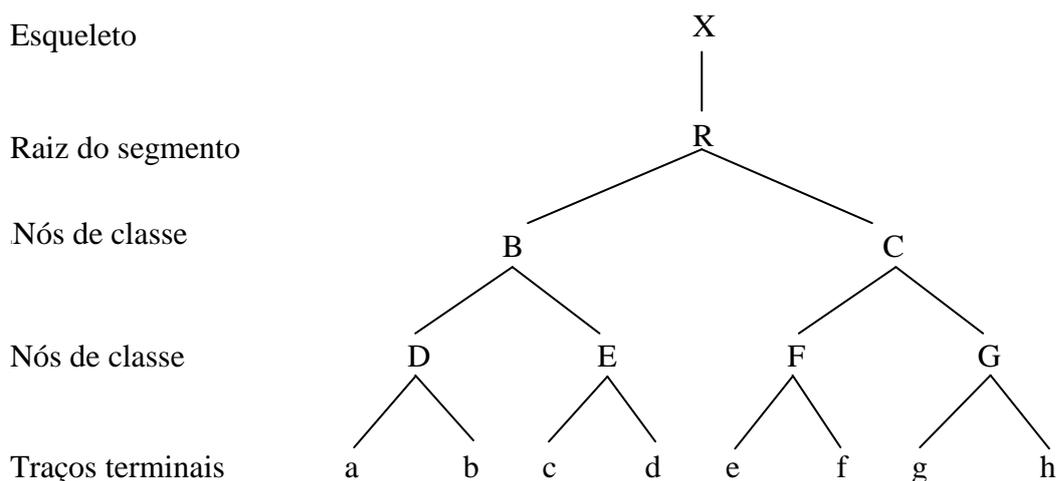


DIAGRAMA 1 – Representação da organização interna de um segmento

Segundo este modelo, no nível mais alto, está o nó de Raiz, que ocupa uma posição no nível do esqueleto²⁹. Ao nó de Raiz são associados diretamente os traços binários que

independent units or segments in their own right, defined by specific sets of gestures and acoustic effects, then it is quite natural to suppose that they may display the behaviour of real entities, and engage in such processes as extension, contraction, deletion and insertion» (pp. 202-3).

²⁸ Os traços binários são apresentados em minúsculas e entre parêntesis retos, os traços unários que correspondem a nós de classe são indicados com maiúscula inicial e os traços unários que correspondem a nós intermédios são indicados entre parêntesis retos e em maiúsculas, de acordo com a proposta de Ewen e van der Hulst (2001).

²⁹ O nível do esqueleto é constituído por unidades de tempo, que correspondem a posições rítmicas ou posições de esqueleto (Mateus *et al.*, 2005), definindo o tempo da organização segmental, e estabelece a ligação entre o plano segmental e o plano silábico.

permitem distinguir as grandes classes de segmentos e que não estão dependentes de articuladores específicos. Deste nó, dependem os traços binários relativos a modo de articulação ([nasal] e [lateral], por exemplo) e os nós de classe relativos ao vozeamento (Laríngeo) e ao ponto de articulação (Cavidade Oral). O nó Laríngeo domina um traço binário terminal ([vozeado]) e ao nó de Cavidade Oral estão associados o traço [contínuo] e o nó de classe de Ponto de Articulação. Deste nó dependem traços unários que dominam traços binários terminais. Esta representação dos segmentos corresponde a uma estrutura hierárquica, multidimensional, o modelo da geometria de traços (Goldsmith, 1993; Clements, 1985; Ewen & van der Hulst, 2001).

Esta organização hierárquica das propriedades dos segmentos, que estão distribuídas pelos diversos níveis e que mantêm uma certa autonomia, permite mais facilmente explicar a atuação de processos fonológicos que envolvem mais do que um segmento³⁰.

O funcionamento autónomo dos traços possibilita também que não sejam especificados os traços previsíveis. A subespecificação é vantajosa para a explicação de processos fonológicos, uma vez que, em vez de alterar os traços do segmento pela atuação de processos fonológicos, permite apenas especificar o valor dos traços omitidos na representação do segmento subjacente (Ewen & van der Hulst, 2001; Clements, 1985).

1.3.1.2. Traços e representação no modelo da Geometria de Traços

Os traços binários e os traços unários [LABIAL], [CORONAL] e [DORSAL], selecionados para caracterizar os segmentos do guineense, têm uma definição que corresponde, na sua base fonética, à dos traços propostos por Chomsky e Halle em *The Sound Pattern of English* (1968), apesar de, conceptualmente, serem diferentes destes.

Apresenta-se, de seguida, um modelo de representação da estrutura interna de um segmento de cada classe (consoantes, vogais e glides) segundo a teoria da Geometria de Traços e de acordo com as propostas de Mateus e Andrade (2000) para o português, por sua vez, inspiradas em Clements e Hume (1995). Na representação da configuração interna dos segmentos, os traços selecionados estão, como já foi referido, hierarquicamente organizados.

³⁰ De acordo com Clements (1985), «such a theory of phonological representation offers a constrained theory of assimilation processes, according to which all assimilation rules involve the spreading of a single node: the root node, a class node or a feature node». Segundo esta teoria «class nodes may be absent in certain segment types, such as the laryngeal glides, which lack supralaryngeal features, or the ‘always-homorganic’ nasals, which lack the place features» (p. 218).

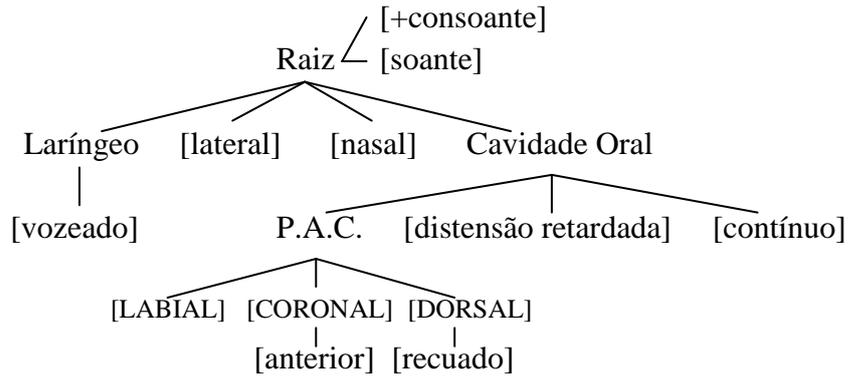


DIAGRAMA 2 – Representação da estrutura interna de um segmento consonântico

Nesta representação, os traços binários [consoante] e [soante] são diretamente ligados à Raiz do segmento porque são traços independentes de um articulador e que permitem definir grandes classes de segmentos. Do nó de Raiz, dependem os traços [lateral] e [nasal] e os nós Laríngeo e Cavidade Oral³¹. Do nó Laríngeo depende o traço [vozeado] e do nó de Cavidade Oral depende o nó de Ponto de Articulação de Consoante e os traços [distensão retardada] e [contínuo]. O nó de Ponto de Articulação de Consoante domina os traços unários [LABIAL], [CORONAL] e [DORSAL]. Do nó [CORONAL] depende o traço [anterior] e do nó [DORSAL] depende o traço [recuado].

Os traços apresentados nesta representação são suficientes para individualizar a classe das consoantes, distinguir cada grupo de consoantes e identificar os segmentos de cada grupo consonântico.

Com o traço [consonântico] distinguimos os segmentos consonânticos, que se caracterizam pela presença desta propriedade, dos demais segmentos da língua, que não comportam esta propriedade.

O traço [soante] permite-nos distinguir os segmentos soantes (oclusivas nasais, laterais e vibrantes, que comportam essa propriedade) dos segmentos obstruintes (oclusivas orais, africadas e fricativas, que são caracterizadas pela especificação negativa deste traço). O traço [contínuo] possibilita a distinção entre as oclusivas e todas as outras classes. Com o traço [lateral] distinguimos as laterais das vibrantes e com o traço [distensão retardada] individualizamos o grupo das africadas.

³¹ No modelo de organização da estrutura interna dos segmentos proposto por Mateus e Andrade (2000), é considerado o nó de Cavidade Oral, que depende do nó de Raiz. A inserção de Cavidade Oral permite associar a este nó as propriedades relativas a Ponto e a Modo de Articulação relacionadas com as constrictões que ocorrem nesta cavidade.

A distinção entre as nasais e outros grupos de consoantes pode ser feita sem recurso ao traço [nasal], no entanto, a sua presença na árvore permite uma representação simples e adequada do processo fonológico de expansão de nasalidade.

Os traços unários [LABIAL], [CORONAL] e [DORSAL] e os traços binários [anterior], [recuado] e [vozeado] permitem-nos distinguir os segmentos dentro de cada grupo consonântico.

Tendo em conta que os segmentos consonânticos e os segmentos vocálicos apresentam diferentes características fonéticas, a representação da estrutura interna de um segmento vocálico que a seguir se apresenta contém algumas diferenças relativamente à estrutura interna de um segmento consonântico (cf. diagrama 2). Na representação da estrutura interna de um segmento vocálico, o nó de Cavidade Oral domina o nó Vocálico e deste nó dependem os nós de Ponto de Articulação de Vogal e de Altura. A inserção do nó Vocálico permite fazer depender, no nível imediatamente inferior, os nós de Ponto de Articulação de Vogal e de Altura como nós separados. A autonomia destes nós facilita a explicação de determinados processos fonológicos (Mateus & Andrade, 2000, p. 28).

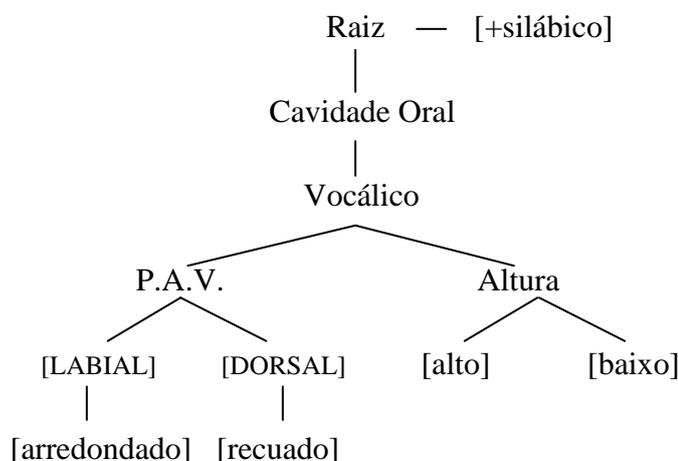


DIAGRAMA 3 – Representação da estrutura interna de um segmento vocálico

Nesta representação, o traço [silábico], que individualiza a classe das vogais, é diretamente ligado à Raiz do segmento. O nó de Raiz domina o nó de Cavidade Oral e deste depende o nó Vocálico. Este nó domina os nós de Ponto de Articulação de Vogal e de Altura. O nó de Ponto de Articulação de Vogal domina os traços unários [LABIAL] e [DORSAL]. Do nó [LABIAL] depende o traço [arredondado] e do nó [DORSAL] depende o traço [recuado]. Ao nó de Altura estão associados os traços [alto] e [baixo].

Os traços apresentados permitem distinguir a classe das vogais das demais classes de segmentos e individualizar cada segmento vocálico.

Com o traço [silábico], individualizamos a classe das vogais, que são os únicos segmentos [+silábico] nesta língua.

Com o traço [alto], caracterizamos as vogais [i] e [u] e distinguimo-las de todos os outros segmentos, que constituem a classe [-alto]. A especificação [+baixo] identifica as vogais [a], [ɛ] e [ɔ] e a especificação [-alto] e [-baixo] permite identificar as vogais [e], [e] e [o]. O traço unário [DORSAL] domina o traço [recuado], cuja especificação negativa individualiza os segmentos [ɛ], [e] e [i]. O traço [arredondado], dominado pelo nó [LABIAL], quando especificado positivamente, caracteriza os segmentos [ɔ], [o] e [u]. Embora não tenha sido feita uma análise experimental, as realizações [a] e [ɐ] não parecem ser foneticamente [+recuado], no entanto, para se proceder a uma descrição mais económica, estão caracterizadas como [+recuado], pois este traço permite distinguir estes segmentos de [ɛ] e de [e].

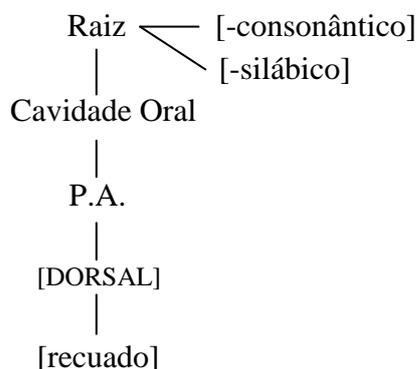


DIAGRAMA 4 – Representação da estrutura interna de uma glide

Nesta representação, os traços [-consonântico] e [-silábico], que individualizam a classe das glides, são diretamente ligados à Raiz do segmento. O nó de Raiz domina o nó de Cavidade Oral e deste depende o nó de Ponto de Articulação. Este nó domina o traço unário [DORSAL] e desta propriedade depende o traço [recuado], que permite distinguir as duas glides.

A escolha dos traços apresentados na representação interna dos segmentos foi motivada pelo facto de estes traços serem (i) pertinentes, pois representam as propriedades articulatórias dos sons; (ii) necessários, porque possibilitam a identificação dos segmentos; e (iii) suficientes, por permitirem distinguir cada segmento dos demais.

1.3.1.3. O modelo de Ataque-Rima

A estrutura silábica do guineense será descrita de acordo com o modelo de Ataque-Rima, que se enquadra no modelo teórico da Fonologia Autossegmental. Esta escolha foi motivada pelo facto de este modelo permitir uma representação dos constituintes silábicos hierarquicamente organizados por níveis e por propor a existência de Ataque e Rima como constituintes independentes. Este modelo torna-se vantajoso pelo facto de permitir estabelecer restrições à ocorrência dos segmentos em cada constituinte silábico e por possibilitar a explicação de processos fonológicos que ocorrem no domínio da sílaba.

De acordo com o modelo de Ataque-Rima, o nó de sílaba domina o nível em que se encontram o Ataque e a Rima, a Rima domina o nível em que se encontram o Núcleo e a Coda e os constituintes terminais (Ataque, Núcleo e Coda) podem ramificar ou não e estão associados a posições no nível do esqueleto. Estas posições podem ser preenchidas por um segmento ou podem estar segmentalmente vazias (Ewen & van der Hulst, 2001; Mateus *et al.*, 2005). Apresenta-se a representação em árvore dos constituintes silábicos, tal como foi inicialmente proposta em Selkirk (1982):

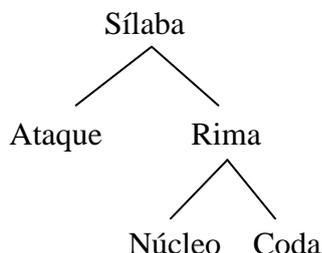


DIAGRAMA 5 – Representação da organização dos constituintes silábicos

A distribuição dos segmentos pelos constituintes silábicos é regulada por princípios universais de boa formação silábica:

Princípio do Ataque Máximo, que postula que os segmentos que não podem constituir Núcleo de sílaba sejam associados ao Ataque, exceto se dessa associação resultar uma sequência que não respeite o Princípio de Sonoridade;

Princípio da Binaridade Máxima dos Constituintes, segundo o qual cada constituinte só pode ramificar em duas posições: a Rima pode ramificar em Núcleo e Coda e os constituintes Ataque, Núcleo e Coda podem ramificar em duas posições cada;

Princípio de Sonoridade, que determina a organização dos segmentos na estrutura silábica em função do grau de sonoridade de cada um, segundo a Escala de Sonoridade; nesta escala, os segmentos estão distribuídos de forma ordenada entre o grau mínimo de sonoridade – correspondente aos segmentos oclusivos – e o grau máximo de sonoridade – atribuído aos segmentos vocálicos³² (Selkirk, 1982);

Condição de Dissemelhança, que estabelece as diferenças mínimas de sonoridade entre segmentos homossilábicos adjacentes. Esta condição não é especificada de forma idêntica em todas as línguas, ou seja, a diferença mínima de sonoridade entre segmentos adjacentes exigida não é universalmente definida.

Os princípios universais são instrumentos fundamentais que permitem identificar as estruturas silábicas regulares e «fazer opções sobre a estrutura e as fronteiras silábicas a adotar em contextos problemáticos» (Mateus *et al.*, 2005, p. 269). Para além destes princípios, que, por serem universais, se aplicam a todas as línguas, cada língua especifica um conjunto de parâmetros de silabificação das sequências existentes nessa língua. Estas especificações diferem de língua para língua.

1.3.2. Metodologia

1.3.2.1. Recolha dos dados

Com o intuito de fazer uma descrição sistemática dos sistemas fonético e fonológico do guineense, procedeu-se à recolha de um *corpus* que servisse de base às descrições propostas neste estudo. Para a recolha dos dados foi elaborado um guião, com atividades diversificadas para a realização das entrevistas, e foram entrevistados quatro falantes de guineense. Dada a impossibilidade de deslocação à Guiné-Bissau, as entrevistas foram feitas em Coimbra a falantes de crioulo que se encontravam nesta cidade.

³² Escala de Sonoridade, de acordo com Mateus *et al.* (2005, p. 266), inspirada em Selkirk (1982) e Blevins (1995):

oclusiva<fricativa<nasal<vibrante<lateral<glide<vogal

1.3.2.1.1. *Guião da entrevista*

Para a realização das entrevistas que possibilitaram a recolha dos dados, e com o objetivo de obter dados de diferente natureza, foi elaborado um guião com aspetos mais condicionados e outros menos condicionados. Num primeiro momento, foi pedido ao falante para dizer os dias da semana, os meses do ano e os números cardinais de um a vinte; num segundo momento, foi-lhe pedido que lesse uma fábula e doze provérbios³³; por fim, foi-lhe solicitado que descrevesse duas imagens, uma relativa a uma atividade quotidiana e outra relativa a um momento festivo característico da Guiné-Bissau (cf. Anexo 1.a.).

Atendendo a que os dados recolhidos nestas entrevistas não eram suficientes para formar os pares mínimos necessários para a interpretação fonológica dos segmentos, recorreu-se ao *Dicionário do Guineense* (Scantamburlo, 2002) para elaborar uma lista de palavras que permitisse esta análise. Posteriormente, foi pedido a um falante de guineense que pronunciasse as palavras selecionadas (cf. Anexo 1.b.).

O guião da entrevista foi usado com os falantes A, B e C e a lista de palavras foi usada com o informante D. A recolha dos dados foi realizada entre 2005 e 2014 e os informantes foram entrevistados separadamente.

1.3.2.1.2. *Os informantes*

Para as interpretações que decorrem da análise de um *corpus*, quantos mais exemplos forem tidos em consideração, mais generalizações específicas será possível apresentar (Ernestus & Baayen, 2011). Assim, para a recolha do *corpus*, foram entrevistadas quatro pessoas que falam fluentemente o crioulo guineense.

O falante A é proveniente de Cói-Bula, situada no norte da Guiné-Bissau. Aquando da entrevista, vivia em Portugal há quatro anos e frequentava o 2º ano de Medicina. A sua língua materna é o mancanha e, a par desta língua étnica, fala também guineense e português.

O falante B é de Bissau, estava em Portugal há três anos e, aquando da entrevista, frequentava o 2º ano de Relações Internacionais. A sua língua materna é o guineense; além desta língua, fala português, fala também um pouco de balanta e, embora não fale, consegue entender um pouco de mandinga.

³³ A fábula «Kacur, kabra Ku baka» e os provérbios selecionados para a entrevista foram retirados de Bull (1989) e manteve-se a grafia adotada pelo autor.

O falante C também vem de Bissau, estava em Portugal há três anos e, no momento da entrevista, frequentava o 3º ano de Jornalismo. Tem como língua materna o guineense e fala também manjaco e português.

O falante D é de Bissau e, aquando da entrevista, estava em Portugal há 2 anos e frequentava o Mestrado em Contabilidade e Finanças. Tem como língua materna o mandinga, fala também guineense, fula, djacanca e compreende biafada e wolof, uma língua falada no Senegal. Além destas línguas étnicas, também fala português.

1.3.2.2. O material

As entrevistas foram registadas com um gravador digital Sony ICD-P28 e, posteriormente, procedeu-se à transcrição fonética dos dados obtidos de acordo com as normas do Alfabeto Fonético Internacional, não tendo havido tratamento acústico das produções orais. Estes dados constituem o *corpus* que serve de base às descrições apresentadas neste trabalho e, sempre que se considera necessário e pertinente, são apresentados exemplos, retirados deste *corpus*, que ilustram as ocorrências das realizações fonéticas dos segmentos. Os exemplos apresentados estão sempre acompanhados pela representação gráfica da palavra que, dada a inexistência de instrumentos de normatização da língua, está de acordo com a proposta de Scantamburlo (1999).

O *corpus* encontra-se, integralmente transcrito, em anexo (cf. Anexo 2).

A par dos exemplos retirados do *corpus*, são apresentados, complementarmente, sempre que se considerou pertinente, dados usados por outros autores.

II. Descrição fonética e fonológica dos segmentos e das sílabas do guineense

Neste capítulo, são apresentadas as propostas de descrição fonética, fonémica e silábica do guineense, tendo por base o *corpus* e as descrições dos investigadores que já trataram estas áreas. São ainda descritos os processos fonológicos que permitem justificar as realizações fonéticas contextuais de alguns segmentos consonânticos. O capítulo está organizado em cinco secções.

A primeira secção é dedicada aos segmentos consonânticos. Na primeira parte, são descritos os dados do nível fonético e apresenta-se a classificação articulatória dos segmentos. Na segunda parte, propõe-se uma interpretação fonológica das realizações fonéticas e, na parte final da secção, apresenta-se uma matriz com os segmentos fonológicos, de acordo com a interpretação proposta.

Na segunda secção, é proposta uma descrição dos segmentos vocálicos. Na primeira parte, são descritas as unidades da estrutura de superfície e propõe-se uma classificação dos segmentos com traços fonéticos. Na segunda parte, são analisadas as realizações fonéticas com vista ao estabelecimento das unidades que subjazem às representações da estrutura de superfície. Expõe-se uma proposta de interpretação fonológica destes segmentos e é apresentada uma matriz onde figuram os segmentos e os traços que permitem identificá-los.

Na terceira secção, são estudadas as glides. Na primeira parte, apresenta-se a descrição fonética destas unidades e propõe-se a classificação dos segmentos de acordo com as suas propriedades articulatórias. Na segunda parte, são formuladas hipóteses no sentido de propor uma interpretação fonológica destes segmentos. Por fim, apresenta-se uma matriz onde estão organizados os traços que caracterizam os segmentos.

Na quarta secção, são descritos os processos fonológicos que nos permitem obter os dados da estrutura de superfície que não correspondem a segmentos de base.

A quinta secção é dedicada à descrição das estruturas e dos padrões silábicos. Na parte inicial da secção, com base nos princípios universais de boa formação silábica, é apresentada uma proposta de organização dos segmentos nos constituintes silábicos e propõe-se também o estabelecimento de fronteiras silábicas em estruturas problemáticas. Na parte final da secção, são apresentados os padrões silábicos encontrados.

2.1. Segmentos consonânticos

Nesta subsecção, procede-se à análise dos segmentos consonânticos do guineense. Na parte inicial, é apresentado um *corpus* que ilustra a ocorrência dos segmentos da estrutura de superfície, é feita a descrição desses dados e é apresentada uma proposta de classificação articulatória dos segmentos fonéticos. Na segunda parte, apresenta-se um *corpus* organizado em pares mínimos e, tendo em conta as informações expostas na descrição fonética e considerando as interpretações dos investigadores que já trataram esta questão, são formuladas hipóteses no sentido de estabelecer os segmentos de base de que derivam as unidades da estrutura de superfície. Na parte final desta subsecção, apresenta-se uma matriz onde figuram os segmentos que, de acordo com a interpretação que se propõe, são considerados fonológicos e a sua organização interna segundo o modelo da geometria de traços.

2.1.1. Análise fonética

2.1.1.1. Identificação e distribuição dos segmentos

A descrição fonética que a seguir se expõe tem por base exemplos retirados do *corpus* recolhido. Apresentam-se as realizações fonéticas dos segmentos consonânticos, em posição inicial (1a), em posição medial (1b) e em posição final (1c) e de segmentos pré-nasalizados, em posição inicial (2a) e em posição medial (2b).

(1)

a)

[p]	paga	[pága]	(pagar)
[b]	baka	[báka]	(vaca)
[t]	tera	[téra]	(terra)
[d]	dinti	[dĩnti]	(dente)
[k]	katcur	[kaŋjúɾ]	(cão)

b)

ropa	[rópa]	(roupa)
sabadu	[sábadu]	(sábado)
dati	[dátí]	(subitamente)
sabadu	[sábadu]	(sábado)
troku	[tróku]	(troco)

[g]	ganha	[géŋɐ]	(ganhar)	sugunda	[sugúnda]	(segunda)
[m]	mininu	[minínu]	(menino)	dimingu	[dimíŋgu]	(domingo)
[n]	novi	[nóvi]	(nove)	mininu	[minínu]	(menino)
[ɲ]	nha	[ɲá]	(senhora)	ganha	[géŋɐ]	(ganhar)
[ŋ]	nguli	[ŋgúli]	(engolir)	lun'a	[lúŋa]	(lua)
[f]	filanta	[filénta]	(concordar)	lifanti	[lifénti]	(elefante)
[v]	vinti	[vinti]	(vinte)	novembru	[novémbɾu]	(novembro)
[s]	sibi	[síbi]	(saber)	pasadju	[pasádʒu]	(passagem)
[z]	zeru	[zéɾu]	(zero)	trezi	[trézi]	(treze)
[ʃ]	chofer	[ʃɔféɾ]	(chofer)	tacha	[táʃa]	(taxa)
[ʒ]	julhu	[ʒúlu]	(julho)	imajen	[imazé]	(imagem)
[ʧ]	tciga	[ʧíga]	(chegar)	katcur	[katʃúr]	(cão)
[dʒ]	djungutu	[dʒũŋgutú]	(acocorar-se)	odja	[ódʒa]	(ver)
[r]	riu	[ríw]	(rio)	karu	[káru]	(carro)
[ɾ]	ropa	[rópa]	(roupa)	tera	[téɾa]	(terra)
[l]	lifanti	[lifénti]	(elefante)	fala	[fála]	(falar)
[ʎ]				filha	[fiʎa]	(filha)

c)

[p]	map	[map]	(em cheio)
[t]	fit	[fit]	(ação com velocidade)
[k]	tok	[tɔk]	(intensidade máxima)
[ŋ]	kamion	[kamjõŋ]	(camião)
[f]	tcif	[ʧif]	(ação lenta e silenciosa)
[s]	bias	[biás]	(vez)
[ʃ]	des	[déʃ]	(dez)
[r]	mar	[már]	(mar)
[ɾ]	katcur	[katʃúr]	(cão)
[l]	disel	[disél]	(dele)

(2)

a)

b)

[mp]	mpura	[mpúra]	(empurrar)	kompra	[kómpɾa]	(comprar)
[mb]	mbarka	[mbáɾka]	(embarcar)	setembru	[setêmbɾu]	(setembro)
[nt]	nteres	[ntɛrés]	(interesse)	dinti	[dĩnti]	(dente)
[nd]	ndianta	[ndjênta]	(viver juntos)	manda	[mênda]	(enviar)
[ŋk]	nkanta	[ŋkánta]	(encantar)	manka	[mãŋka]	(tocar)
[ŋg]	nguli	[ŋgúli]	(engolir)	panga	[pãŋga]	(espancar)
[nʃ]				intci	[ĩntʃi]	(encher)
[ndʒ]	ndjuria	[ndʒúɾja]	(injúria)	mindjer	[mĩndʒér]	(mulher)

Observando os exemplos de (1) e de (2), verificamos que o sistema fonético do guineense integra trinta segmentos consonânticos fonéticos. Porém, os segmentos [ʃ], [ʒ], [z], [v] e [ʎ] encontram-se apenas em palavras de origem portuguesa que (re)entraram recentemente no crioulo.

Quanto à distribuição das realizações fonéticas contempladas em (1), verifica-se que, em posição inicial, ocorrem os sons [p], [b], [t], [d], [k], [g], [m], [n], [ɲ], [ŋ], [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [ʎ], [dʒ], [r], [ɾ] e [l]. Em posição medial, encontramos todos os segmentos que se manifestam em posição inicial e também [ʎ]. Em posição final, ocorrem os segmentos [r], [ɾ], [s], [ʃ], [l], [p], [t], [k] e [f]. No entanto, [p], [t], [k] e [f] ocorrem em posição final apenas em palavras que pertencem à classe dos “adjuntos de intensidade” (Kihm, 1994, p. 13).

As realizações fonéticas [r] e [ɾ] encontram-se sistematicamente nos mesmos contextos e, assim, comportam-se como variantes livres, sendo [ɾ] a realização mais frequente. Em posição de fim de palavra, os segmentos fonéticos [s] e [ʃ] também ocorrem em variação livre, sendo a primeira realização a mais frequente.

As realizações apresentadas em (2) exemplificam a ocorrência de segmentos fonéticos pré-nasalizados. Todas as realizações ocorrem em posição inicial e medial de palavra, excetuando [nʃ], que ocorre apenas em posição medial.

2.1.1.2. Classificação articulatória dos segmentos

Com base nas características articulatórias, podemos organizar os segmentos em grupos. Propõe-se, no seguinte quadro, uma classificação dos segmentos consonânticos de acordo com as propriedades relativas ao Ponto e Modo de Articulação, à posição do palato mole e ao estado das cordas vocais, segundo a classificação tradicional.

Modo de articulação		Ponto de articulação					
		Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Palatal	Velar
Oclusiva	Oral	Vozeada	b		d		g
		Não-vozeada	p		t		k
	Nasal	Vozeada	m			n	ŋ
		Não-vozeada					
	Pré-nasalizada	Vozeada	mb		nd		ŋg
		Não-vozeada	mp		nt		ŋk
Africada	Oral	Vozeada				ɟ	
		Não-vozeada				tʃ	
	Pré-nasalizada	Vozeada				ndʒ	
		Não-vozeada				ntʃ	
Fricativa	Vozeada		v	z		ʒ	
	Não-vozeada		f	s		ʃ	
Lateral	Vozeada				l	ʎ	
	Não-vozeada						
Vibrante	Simples				r		
	Múltipla				r		

QUADRO 17 – Classificação articulatória dos segmentos consonânticos

2.1.2. Análise fonológica

2.1.2.1. Segmentos oclusivos orais

Na descrição fonética anteriormente apresentada, verificámos a ocorrência de seis segmentos oclusivos orais, [p], [b], [t], [d], [k] e [g]. Para a interpretação fonológica destes segmentos apresentam-se exemplos, dispostos em pares mínimos, que ilustram a ocorrência das realizações fonéticas dos segmentos oclusivos (3a) em posição inicial, (3b) em posição medial e (3c) em posição final.

(3)

a)

[p] pala [pála] (<i>peça para cobrir o cálice</i>)	[b] bala [bála] (<i>bala</i>)
[t] ton [tón] (<i>tom</i>)	[d] don [dón] (<i>dom</i>)
[k] kara [kára] (<i>cara</i>)	[g] gara [gára] (<i>apanhar</i>)

b)

[p] kapas [kapás] (<i>capaz</i>)	[b]kabas [kabás] (<i>recipiente</i>)
[t] kata [káta] (<i>procurar</i>)	[d]kada [káda] (<i>cada</i>)
[g] paga [pága] (<i>pagar</i>)	[k]paka [páka] (<i>bater nas mãos de alguém que traz alguma coisa</i>)

c)

[p] uap [wap] (<i>com ruído</i>)	[k] uak [wak] (<i>com intensidade</i>)
[t] fat [fat] (<i>muito rápido</i>)	[p] fap [fap] (<i>som</i>)
[k] fik [fik] (<i>maior intensidade</i>)	[t] fit [fit] (<i>com velocidade</i>)

Considerando os exemplos apresentados em (3a) e (3b), verificamos que os segmentos [p], [b], [t], [d], [k] e [g] ocorrem em posição inicial e medial e estabelecem entre si oposições distintivas. As alterações ao nível do significado que advêm da comutação de um segmento por outro comprovam a existência de seis segmentos fonológicos, /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/.

Os exemplos contemplados em (3c) mostram que, em posição final, ocorrem apenas os segmentos caracterizados pelo traço [-vozeado]. Porém, os segmentos oclusivos em posição final encontram-se apenas em formas que integram o grupo “adjunto de intensidade”, como já foi anteriormente referido (cf. 2.1.1.1.).

Verificámos ainda que [b] é comutável com [v] nos mesmos contextos. Apresentam-se, de seguida, alguns exemplos que ilustram a ocorrência de [b] e de [v] em posição inicial (4a) e em posição medial (4b) de palavra.

(4)³⁴

a)

berdi [bér̥di] / verdi [vér̥di] (*verde*)

bontadi [bõntádi] / vontadi [võntádi] (*vontade*)

b)

djubentudi [dʒubẽntúdi] / juventudi [ʒuvẽntúdi] (*juventude*)

inbedja [ĩmbédʒa] / inveja [ĩnvéʒa] (*inveja*)

A ocorrência dos sons [b] e [v] nos mesmos contextos restringe-se a palavras de base lexical portuguesa que apresentam na língua de origem o som [v]. Observando os exemplos, verificamos que [b] ocorre em palavras integradas há mais tempo no guineense e [v] ocorre em formas das mesmas palavras recentemente entradas na língua. Contudo, o estatuto fonológico da realização [v] será discutido em 2.1.2.5., a propósito da análise dos segmentos fricativos.

Em suma, para o grupo das oclusivas orais, propõe-se a existência de seis segmentos fonológicos, /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/, que apresentam, no nível de superfície, uma única realização fonética, [p], [b], [t], [d], [k] e [g], respetivamente, e ressalva-se que, em palavras de base lexical portuguesa que (re)entraram recentemente no guineense, ocorrem, no nível fonético, as realizações [b] ou [v].

2.1.2.2. A questão dos segmentos pré-nasalizados

A observação dos dados fonéticos permitiu-nos registar a ocorrência de segmentos oclusivos e africados pré-nasalizados em posição inicial (excetuando [nʃ]) e medial de palavra (neste contexto, os segmentos em estudo podem ter diferentes realizações fonéticas: como segmento pré-nasalizado ou como sequência de consoante nasal e outra consoante). Em posição de início de palavra, verificou-se também a possibilidade de ocorrência de um segmento vocálico à esquerda do segmento pré-nasalizado. Apresentam-se, em seguida, exemplos que ilustram: i. as realizações pré-nasalizadas em posição inicial (5a) e medial (5b) de palavra e as duas possibilidades de realização em posição inicial (com e sem vogal) (5c); ii.

³⁴ Scantamburlo (2002), no *Dicionário do Guineense*, a par das grafias <berdi>, <bontadi> e <inbedja>, apresenta também <verdi>, <vontadi> e <nvedja>, respetivamente, referindo que as palavras grafadas com <v> são neologismos.

as oposições entre os segmentos pré-nasalizados e os segmentos orais correspondentes em posição inicial (6a) e medial (6b) de palavra; iii. as oposições entre os segmentos pré-nasalizados e os segmentos nasais, em posição de início de sílaba interior (7).

(5)

a)		b)	
[mp]	mpura [mpúra] (<i>empurrar</i>)	[mp]	kampu [kámpu] (<i>campo</i>)
[mb]	mbarka [mbárka] (<i>embarcar</i>)	[mb]	pumba [púmba] (<i>pomba</i>)
[nt]	ntera [ntéra] (<i>enterrar</i>)	[nt]	lifanti [lifěnti] (<i>elefante</i>)
[nd]	ndirita [ndiríta] (<i>endireitar</i>)	[nd]	mundu [múndu] (<i>mundo</i>)
[ŋk]	nkanta [ŋkánta] (<i>encantar</i>)	[ŋk]	tabanka [tabáŋka] (<i>aldeia</i>)
[ŋg]	nguli [ŋgúli] (<i>engolir</i>)	[ŋg]	djungutu [dzũŋgutú] (<i>acocorar-se</i>)
[ndʒ]	ndjudja [ndʒúdʒa] (<i>unir</i>)	[ndʒ]	mindjer [mĩndʒéŋ] (<i>mulher</i>)
		[ntʃ]	intci [ĩntʃi] (<i>encher</i>)

c)

[mp]	mpura [mpúra]	/ [ũmpúra]	(<i>empurrar</i>)
[mb]	mbarka [mbárka]	/ [ěmbárka]	(<i>embarcar</i>)
[nt]	ntera [ntéra]	/ [ěntéra]	(<i>enterrar</i>)
[nd]	ndirita [ndiríta]	/ [ĩndiríta]	(<i>endireitar</i>)
[ŋk]	nkanta [ŋkánta]	/ [ěŋkánta]	(<i>encantar</i>)

(6)

a)		b)	
[ŋk]	nkanta [ŋkánta] (<i>encantar</i>)	[k]	kanta [kánta] (<i>cantar</i>)
[ŋg]	ngana [ŋgána] (<i>enganar</i>)	[g]	gana [gána] (<i>vontade, desejo</i>)

b)

[nt]	kanta [kánta] (<i>cantar</i>)	[t]	kata [káta] (<i>procurar</i>)
[nd]	mundu [múndu] (<i>mundo</i>)	[d]	muđu [múđu] (<i>mudo</i>)

(7)

[mb]	tomba [tómba] (<i>cair</i>)	[m]	toma [tóma] (<i>agarrar</i>)
[mp]	kampa [kámpa] (<i>acampar</i>)	[m]	kama [káma] (<i>cama</i>)
[nt]	kanta [kánta] (<i>cantar</i>)	[n]	kana [kána] (<i>aguardente de cana</i>)

Observando os exemplos de (5), verificamos que os segmentos pré-nasalizados ocorrem em posição inicial (5a) e medial (5b) de palavra, excetuando o segmento [nʃ] que ocorre apenas neste último contexto. Em início de palavra, estes segmentos têm geralmente realização pré-nasalizada. Em posição medial (5b), estes segmentos são sempre antecidos de segmento vocálico e apresentam duas possibilidades de realização fonética: uma vogal nasal, um segmento nasal homorgânico e uma consoante oral ou uma vogal nasal e um segmento pré-nasalizado³⁵.

Os exemplos de (5c) evidenciam que, em posição inicial, a par da realização de um segmento pré-nasalizado, é possível também a realização de uma sequência que inclui um segmento vocálico e, nesta possibilidade de realização fonética, à semelhança do que observamos nos exemplos de (5b), o segmento vocálico também comporta o traço [+nasal].

Os exemplos contemplados em (6) mostram a ocorrência de alguns segmentos consonânticos oclusivos pré-nasalizados e de segmentos consonânticos orais nos mesmos contextos. Não foi possível encontrar pares mínimos que atestem o contraste entre todos os segmentos pré-nasalizados e os segmentos orais correspondentes em posição inicial e em posição medial de palavra. Verificamos apenas que o segmento [nʃ] não ocorre em início de palavra e que o segmento [ndʒ] é comutável com [dʒ] neste contexto, mas a comutação destes segmentos não apresenta implicações ao nível do significado. Foram encontradas, no dicionário, as entradas <ndjudja>, <djudja> (*juntar*), de base lexical portuguesa, e <ndjuti>, <djuti> (*subestimar*), de base lexical mandinga, e, segundo Scantamburlo (2002, p. 426), trata-se de variantes gráficas da mesma palavra, presumindo-se que correspondam a variantes fonéticas. Em posição de interior de palavra, não foi possível encontrar pares mínimos com os sons [nʃ], [ʃ] e [ndʒ], [dʒ].

Os exemplos de (7) mostram-nos a ocorrência de segmentos consonânticos pré-nasalizados e de segmentos consonânticos nasais em posição intervocálica. Neste contexto, observamos que a vogal que antecede o segmento pré-nasalizado é articulada com ressonância nasal ([kánta]), mas tal não se verifica quando a vogal antecede um segmento nasal ([kána]).

Da observação dos dados apresentados, é evidente a ocorrência de segmentos pré-nasalizados no nível fonético. Porém, a interpretação fonológica destas realizações fonéticas é uma questão complexa, que tem sido discutida pelos investigadores que dedicam

³⁵ A apresentação de duas possibilidades de realização fonética resulta da observação impressionista dos dados empíricos, não tendo sido realizada uma análise acústica dos dados.

atenção aos aspetos fónicos do guineense e não há consenso quanto à definição dos segmentos que estão na base destas realizações fonéticas (cf. 1.2.2.).

Para estabelecermos se os segmentos pré-nasalizados correspondem a unidades no nível abstrato ou se derivam de processos fonológicos, tentar-se-á perceber se o segmento nasal e o oclusivo são homossilábicos ou heterossilábicos.

Considerando os exemplos de (6), que ilustram a ocorrência de segmentos oclusivos orais e segmentos oclusivos pré-nasalizados no mesmo contexto, dado que se estabelecem algumas oposições distintivas entre eles, poder-se-ia sugerir que o segmento pré-nasalizado corresponde a uma unidade fonológica. Outros argumentos podem ser aduzidos a favor desta hipótese. Um desses argumentos diz respeito à estrutura silábica; de acordo com esta análise, exemplos como *nkanta* apresentam um padrão silábico ótimo: CV.CV ([ŋkã.nta]) (Avram, 2010, p. 209). Outro argumento a favor desta interpretação é a existência de segmentos pré-nasalizados em algumas das línguas de substrato e de adstrato³⁶, uma vez que, atendendo a que a maioria dos falantes de guineense tem como língua materna uma língua étnica, estas línguas exercem uma influência significativa no crioulo (Avram, 2010, p. 205).

Além destes argumentos, segundo Avram (2010) e Andrade e Kihm (2000), a existência de segmentos pré-nasalizados com estatuto fonológico permite explicar a mudança de padrão acentual em alguns verbos, quando são conjugados no tempo do passado. Segundo as propostas destes investigadores, nos verbos, o acento tónico incide sobre a última sílaba da palavra (cf. 1.2.4.); no entanto, quando um segmento pré-nasalizado ocorre em posição de início de palavra e a ele se junta o pronome de sujeito, primeira pessoa do singular, *N*, esta sílaba torna-se pesada à esquerda, apresentando um Ataque ramificado – além do segmento complexo pré-nasalizado, o segmento nasal também se associa ao Ataque da sílaba –, e recebe o acento tónico. Porém, os investigadores apresentam apenas exemplos dissilábicos como *ntindi* e não se percebe se a interpretação que propõem se cinge a formas verbais com duas sílabas ou se se aplica também a polissílabos. Na tentativa de analisar esta questão, foi pedido a dois informantes que pronunciassem formas verbais, como *ntindi* (*entender*), *mbarka* (*embarcar*), *nkanta* (*encantar*), no presente e no passado, na primeira pessoa do singular. Verificou-se que, em ambos os tempos verbais, o acento tónico incidia na primeira sílaba da

³⁶ Algumas das línguas de substrato são hoje línguas de adstrato do guineense, pois, sendo línguas étnicas, continuam a ser faladas pelos membros das respectivas etnias. Os segmentos pré-nasalizados têm estatuto fonológico no mancanha, no manjaco, no pepel (cf. 1.2.5), no balanta, no bambará – que são línguas étnicas faladas no território da Guiné-Bissau – e no wolof e no ffulde (cf. Avram, 2010) – que são faladas no Senegal. Segundo Moura (2007), no fula – que também é uma língua étnica falada na Guiné-Bissau –, não existem segmentos pré-nasalizados.

palavra, o que não coincide com as regras que determinam a incidência do acento propostas pelos investigadores³⁷. Dada a impossibilidade de recolher dados de outros falantes a fim de prosseguir com o estudo desta questão, não nos foi possível confirmar a alteração do padrão acentual no tempo do passado. Porém, observando exemplos como *mbuludja* (*embrulhar*), *ndianta* (*viver juntos*), *nkomoda* (*incomodar*), *nturumpi* (*interromper*)³⁸ e atendendo a que não há registo de ocorrência de acento tónico na antepenúltima sílaba de uma palavra nas descrições a que tivemos acesso, não parece provável que, no tempo do passado, mesmo com a formação de uma sílaba inicial pesada à esquerda, o acento tónico incida na primeira sílaba da forma verbal.

Se, por um lado, a hipótese de os segmentos pré-nasalizados corresponderem a segmentos fonológicos nos permite obter padrões silábicos ótimos e apresentar um sistema fonológico análogo ao das línguas de substrato e de adstrato, por outro lado, implica que se aumente o número de segmentos de base. Além disso, esta hipótese de interpretação não nos permite explicar o facto de a expansão da propriedade nasal ocorrer quando um segmento vocálico precede um segmento pré-nasalizado, em posição intervocálica, e o mesmo não ocorrer quando um segmento vocálico antecede um segmento nasal no mesmo contexto, como ilustram os exemplos de (7).

Se considerarmos que o segmento fonético pré-nasalizado corresponde, no nível fonológico, a uma sequência heterossilábica de segmento consonântico nasal e segmento consonântico oral (VN.CV), podemos explicar o processo de expansão de nasalidade, associando o segmento nasal à Coda da sílaba cujo Núcleo é preenchido pela vogal e, neste contexto, o segmento nasal partilha a propriedade [nasal] com os segmentos adjacentes à esquerda e à direita. Com esta hipótese de interpretação, não aumentamos o número de segmentos fonológicos, mas a estrutura silábica altera-se. Numa palavra como [kã.ta], não teremos o padrão ótimo CV.CV, mas CVC.CV. De acordo com esta perspectiva de análise, o segmento nasal preenche a Coda da sílaba inicial e partilha a especificação de nasalidade com os segmentos adjacentes (cf. descrição da sílaba em 2.5., adiante). Podemos, então, obter os segmentos fonéticos pré-nasalizados através do processo fonológico de expansão da nasalidade que ocorre quando, no nível subjacente, temos uma sequência de segmento consonântico nasal e segmento consonântico oral (Couto, 1994). A favor desta hipótese de interpretação podemos acrescentar o facto de não ser possível contrastar todos os segmentos

³⁷ Os dois falantes entrevistados referiram que, na opinião deles, a sílaba tónica, nos verbos, é geralmente a penúltima e apresentaram apenas <kume> como exemplo de incidência do acento tónico na última sílaba, alegando que tal fenómeno era raro e não lhes ocorriam, no momento, outros exemplos análogos.

³⁸ Estes exemplos foram retirados do *Dicionário do Guineense* (Scantamburlo, 2002).

oclusivos pré-nasalizados com os segmentos oclusivos orais correspondentes em contexto inicial (foram encontrados apenas os pares [ɲkánta], [kánta] e [ɲgána], [gána]) e medial (foram igualmente só encontrados [kánta], [káta] e [múndu], [múdu]) de palavra e a inexistência de oposições distintivas entre os segmentos africados pré-nasalizados e os correspondentes segmentos orais (<ndjudja>, <djudja>).

As considerações anteriormente expostas levam-nos a propor que as consoantes fonéticas pré-nasalizadas sejam interpretadas como o resultado de processos fonológicos de nasalização e que correspondam, no nível subjacente, a uma sequência de segmento consonântico nasal e de segmento consonântico oral.

2.1.2.3. Segmentos oclusivos nasais

A descrição dos dados fonéticos permitiu-nos observar a ocorrência de quatro segmentos consonânticos nasais, [m], [n], [ɲ] e [ɲ], em posição de início de sílaba em contexto de início e de interior de palavra. Em posição de fim de sílaba interior³⁹, observou-se a ocorrência de [m], [n] e [ɲ] e, em sílaba final, verificou-se que pode ocorrer [ɲ], em alternância com um segmento vocálico [+nasal] sem realização de segmento consonântico nasal. Para a interpretação fonológica destas realizações, e tendo em conta a proposta de interpretação dos segmentos pré-nasalizados anteriormente exposta, apresentam-se exemplos de ocorrência das realizações fonéticas nasais em início de sílaba inicial (8a) e medial (8b) de palavra e em fim de sílaba interior (8c) e final (8d) de palavra. Os exemplos de (8a) estão organizados em pares mínimos.

(8)

a)

[m] mansi	[mánsi]	(acordar)	[n] nansi	[nánsi]	(nascere)
[m] muri	[múri]	(morrer)	[ɲ] n'uri	[ɲúri]	(tomar o resto)
[m] ma	[má]	(mais)	[ɲ] nha	[ɲá]	(senhora)
[n] nalu	[nálu]	(nalu)	[ɲ] n'alu	[ɲálu]	(cova pequena)
[n] na	[na]	(em)	[ɲ] nha	[ɲá]	(senhora)

³⁹ Neste contexto, podemos encontrar, no nível fonético, duas possíveis realizações: um segmento pré-nasalizado ou uma consoante nasal (cf. 2.1.2.2.). Nesta parte, considera-se a realização de uma consoante nasal fonética.

b)

[m] kama [káma] (<i>cama</i>)	[ɲ] kanha [káɲa] (<i>tipo de bolo</i>)
[n] bana [bána] (<i>abandar</i>)	[ɲ] banha [báɲa] (<i>molhar</i>)
[ɲ] lun'a [lúɲa] (<i>lua</i>)	

c)

[m] kampu [kámpu] (<i>campo</i>)
[m] pumba [púmba] (<i>pomba</i>)
[n] lifanti [lifénti] (<i>elefante</i>)
[n] mundu [múndu] (<i>munho</i>)
[ɲ] tabanka [tabáɲka] (<i>aldeia</i>)
[ɲ] djungutu [dʒũɲgutú] (<i>acocorar-se</i>)

d)

[ɲ] kamion [kamjǒɲ] / [kamjǒ] (<i>camião</i>)

Observando os exemplos contemplados em (8a) e (8b), verificamos que, em posição inicial e intervocálica, ocorrem as realizações fonéticas [m], [n], [ɲ] e [ɲ] e, nestes contextos, observamos que [m] se opõe a [n], [ɲ], [ɲ] e que [n] se opõe a [m], [ɲ], [ɲ]. Estas oposições distintivas comprovam que [m] e [n] correspondem aos segmentos /m/ e /n/ em estrutura de base.

Nos mesmos contextos, observamos que os segmentos [ɲ] e [ɲ] estabelecem oposições com os demais segmentos desta classe, mas não se opõem entre si.

Observando os exemplos de (8a), verificamos que, em posição de início de palavra, ocorrem as realizações [ɲ] e [ɲ]; porém, a ocorrência de cada segmento fonético não é determinável pelo contexto – ambas as realizações ocorrem em posição de início de palavra e são segmentos adjacentes à esquerda de uma vogal –, nem as realizações fonéticas ocorrem em variação livre – uma realização fonética não é substituível pela outra sem que tal implique estranheza ou desconhecimento da palavra. Além disso, verificou-se que estas realizações fonéticas, em posição inicial, ocorrem num reduzido número de vocábulos e, neste contexto, a maioria das palavras em que ocorre a realização [ɲ] e grande parte dos vocábulos em que

ocorre [ɲ] são de base lexical mandinga. No entanto, não foi possível ter acesso a descrições do mandinga e, por isso, desconhece-se o estatuto fonológico destes segmentos nesta língua étnica. Dada esta dificuldade e atendendo a que as realizações [ɲ] e [ŋ] ocorrem em contextos análogos – encontram-se em posição de início de sílaba e são segmentos adjacentes à esquerda de um segmento vocálico –, não foi possível identificar as condições que determinam a ocorrência de uma ou de outra realização. Salienta-se apenas que estas palavras mantiveram a mesma forma fonética que têm na língua de origem.

Em posição intervocálica, o segmento [ŋ] não estabelece oposições com [m] nem com [n] e, tanto quanto foi possível averiguar, ocorre apenas em [lúŋa] e em [úŋi]. Neste último exemplo, pode ocorrer [ɲ] ou [ŋ] em variação livre ([úŋi] ou [úɲi]). Esta variação pode explicar-se por uma silabificação diferente: [úɲ.i] e [ú.ɲi]. Assim, no primeiro exemplo, o segmento [ŋ] associa-se à Coda da primeira sílaba e [ɲ] associa-se ao Ataque da segunda sílaba. Excetuando os exemplos [lúŋa] e [úŋi], em posição intervocálica, ocorre sempre a realização [ɲ] e, como ilustram os exemplos de (8), este segmento estabelece oposições distintivas com [m] e [n].

O facto de não ser possível opor [ɲ] e [ŋ], e atendendo a que só em posição de início de palavra e num reduzido número de vocábulos ocorrem as duas realizações fonéticas em Ataque de sílaba, embora não se tenha definido o que motiva a ocorrência de cada realização, leva-nos a propor que, em estrutura de base, exista apenas um segmento fonológico⁴⁰, /ɲ/. A escolha de /ɲ/ em vez de /ŋ/ foi motivada pelo facto de a realização [ɲ] ser mais frequente e de se associar sempre ao Ataque de uma sílaba. Ressalva-se que um grupo restrito de palavras, grafadas com <n'>, cuja maioria provém do mandinga, em posição de início de palavra, apresenta a realização [ŋ]; estas palavras podem ser identificadas como empréstimos que mantiveram a forma fonética da língua de origem.

Os exemplos de (8c) mostram-nos a ocorrência de segmentos nasais em posição de fim de sílaba interior. Como foi referido na discussão das realizações pré-nasalizadas (cf. 2.2.1.2.), neste contexto, observamos que, no nível de superfície, o segmento nasal pode apresentar duas possíveis realizações fonéticas: realiza-se (i) como nasalidade da vogal que o antecede e como segmento pré-nasalizado ou (ii) como nasalidade da vogal anterior e como

⁴⁰ A propósito da discussão do estatuto fonológico de [ɲ], Kihm (1994) refere que «it is therefore an open question whether a velar nasal should be posited, which would be limited to a designate portion of lexicon and to a specific position within the word» (p. 16).

segmento homorgânico da consoante heterossilábica adjacente à direita. Nesta última possibilidade de realização fonética, os segmentos [m], [n] e [ŋ] são variantes contextuais do segmento nasal, determinadas pelas propriedades de ponto de articulação do segmento consonântico seguinte. Em posição de fim de sílaba interior, não se estabelecem oposições entre os segmentos nasais.

Em posição de fim absoluto de palavra, observamos que o segmento nasal se realiza, no nível fonético, como propriedade nasal da vogal anterior e como consoante [kamj^õŋ] ou apenas como propriedade nasal da vogal que o antecede [kamj^õ]. Neste contexto, também não se estabelecem oposições distintivas entre as nasais.

A ausência de oposições entre consoantes nasais em fim de sílaba mostra que, neste contexto, apenas pode ocorrer um segmento fonológico, que, em sílaba interior, (i) se a sílaba seguinte for iniciada por segmento consonântico, apresenta realizações fonéticas contextuais, determinadas pela propriedade relativa ao ponto de articulação desse segmento e (ii) se a sílaba seguinte for iniciada por segmento vocálico – como em [lúŋ.a] e em [úŋ.i] –, na impossibilidade de assimilar as propriedades relativas ao ponto de articulação, dado que, tratando-se de uma vogal, há incompatibilidades, realiza-se como [ŋ]; em posição de sílaba final, realiza-se como nasalidade da vogal anterior e como consoante [ŋ] ou apenas como nasalidade da vogal. Assim, propõe-se que, em estrutura de base, exista um segmento, que representaremos como /N/, identificado apenas pelos traços [+consonântico] e [+nasal], subespecificado quanto aos traços relativos ao ponto de articulação.

Em suma, de acordo com as considerações expostas, na classe de segmentos nasais, existem, em estrutura de base, três segmentos fonológicos, /m/, /n/, /ɲ/. Os segmentos /m/, /n/ e /ɲ/ ocorrem sempre em posição de Ataque de sílaba e apresentam, no nível fonético, as realizações [m], [n] e [ɲ], respectivamente. Em posição de Coda, encontramos o segmento subespecificado /N/, que apresenta, no nível fonético, diferentes realizações determinadas pelo contexto em que ocorre: em sílaba interior, se seguido de consoante heterossilábica, pode realizar-se como [m], [n] ou [ɲ], de acordo com os traços de ponto de articulação do segmento consonântico seguinte e, se seguido de vogal heterossilábica, realiza-se como [ŋ]; em sílaba final, este segmento realiza-se como propriedade [+nasal] do segmento vocálico adjacente à esquerda, perdendo a sua posição no esqueleto, ou realiza-se como [ɲ], espalhando a nasalidade para a vogal à esquerda.

2.1.2.4. Segmentos africados

A descrição fonética dos segmentos consonânticos permitiu-nos observar a ocorrência de [tʃ] e [dʒ] em posição de início de sílaba. Verificámos também que [tʃ] e [ʃ] podem comutar em contexto de início de palavra e [dʒ] é comutável com [ʒ] em contexto de início e de interior de palavra. Observámos ainda que [dʒ] e [ʎ] ocorrem em contextos análogos. Para proceder à interpretação fonológica dos segmentos africados, apresentam-se exemplos de ocorrência distintiva de [tʃ] e [dʒ] em início (9a) e interior (9b) de palavra; exemplos que ilustram a ocorrência não distintiva de [tʃ] e [ʃ] em posição de início de palavra (9c); exemplos de ocorrência não distintiva de [dʒ] e [ʒ] em início (9d) e em interior (9e) de palavra e exemplos que mostram as realizações [dʒ] e [ʎ] em posição intervocálica (9f).

(9)

a)

[tʃ] tcubi [tʃúbi] (*chover*) [dʒ] djubi [dʒúbi] (*olhar*)

b)

[tʃ] otca [ótʃa] (*receber*) [dʒ] odja [ódʒa] (*ver*)

c)

[tʃ] tcokolati [tʃokóláti] (*chocolate*)

[ʃ] chokolati [ʃokóláti] (*chocolate*)

d)

[dʒ] djubentudi [dʒuběntúdi] (*juventude*)

[ʒ] jubentudi [ʒuběntúdi] (*juventude*)

e)

[dʒ] disedju [disédʒu] (*desejo*)

[ʒ] diseju [diséʒu] (*desejo*)

f)

[dʒ] fidju [fidʒu] (*filho*)

[ʎ] filha [fiʎa] (*filha*)

Observando os exemplos contemplados em (9a) e (9b), verificamos que [tʃ] e [dʒ] ocorrem em posição de início de sílaba em contexto inicial e medial de palavra e estabelecem oposições distintivas nesses contextos.

Os exemplos de (9c) mostram-nos que [tʃ] e [ʃ] podem ocorrer em posição de início de palavra e da comutação destes segmentos não advêm alterações ao nível do significado. Além disso, a realização [ʃ] ocorre apenas em formas de palavras de base lexical portuguesa que (re)entraram recentemente na língua.

Considerando os exemplos de (9d) e (9e), verificamos que [dʒ] e [ʒ] podem ocorrer em posição de início de sílaba em contexto inicial e interior de palavra. Contudo, e à semelhança do que observámos para o par [tʃ] e [ʃ], esta comutação só se verifica entre palavras integradas na língua e novas formas dessas palavras, que mantêm características fonéticas da língua de origem, como [disédʒu] e [diséʒu], e não se estabelecem oposições distintivas.

Nos exemplos de (9f), observamos que [dʒ] e [ʎ] ocorrem em contextos análogos – posição de início de sílaba em interior de palavra – e não estabelecem oposições. À semelhança das realizações [ʃ] e [ʒ], a rara ocorrência de [ʎ] também se verifica apenas em novas formas, recentemente entradas na língua, de palavras já integradas. O estatuto fonológico de [ʃ] e de [ʒ] será discutido em 2.1.2.5., a propósito da análise dos segmentos fricativos, e o estatuto de [ʎ] será discutido em 2.1.2.6, na sequência da interpretação dos segmentos laterais.

As considerações apresentadas levam-nos a propor a existência de dois segmentos, /tʃ/ e /dʒ/, em estrutura de base, sendo [tʃ] e [dʒ], respetivamente, as realizações fonéticas mais frequentes. Acrescenta-se que, em empréstimos recentes do português, /tʃ/ pode ainda apresentar a realização [ʃ] e /dʒ/ pode apresentar as realizações [ʒ] e [ʎ] no nível fonético.

2.1.2.5. Segmentos fricativos

A descrição dos dados fonéticos permitiu-nos observar a ocorrência de [f], [v], [s], [z], [ʃ] e [ʒ]. Todos os segmentos podem ocorrer em posição de início de sílaba em contexto de início e de interior de palavra. Em posição de fim de sílaba, encontramos apenas [s] e [z] em interior de palavra e [f], [s] e [ʃ] em fim de palavra. Observámos ainda que [ʃ] comuta com [tʃ] em início de palavra e com [s] em início e interior de palavra. Além disso, verificámos que [v] ocorre nos mesmos contextos que [b] e que [ʒ] é comutável com [dʒ] nos mesmos contextos.

Apresentam-se, de seguida, exemplos que ilustram a ocorrência de [f], [s], [ʃ] e [z] em posição de início (10a) e de interior de palavra (10b); exemplos que mostram a ocorrência de [s] e [z] em posição de fim de sílaba interior (10c); exemplos que apresentam [f], [s] e [ʃ] em Coda de sílaba final (10d); exemplos de ocorrência de [v] e de [b] em posição de início (11a) e de interior (11b) de palavra; exemplos que mostram as realizações [ʃ] e [tʃ] em início de palavra (11c); e exemplos que apresentam [ʒ] e [dʒ] em início (11d) e em interior (11e) de palavra.

(10)

a)

[f] foga	[fɔ̃ga]	(afogar)	[s] sogá	[sɔ̃ga]	(enxaguar)
[s] selu	[sɛ̃lu]	(selo)	[z] zelu	[zɛ̃lu]	(zelo)
[s] sogá	[sɔ̃ga]	(enxaguar)			
[ʃ] choga	[ʃɔ̃ga]	(enxaguar)			

b)

[f] bafa	[báfa]	(abafar)	[s] basa	[bása]	(baixar)
[s] presu	[prɛ̃su]	(preço)	[z] prezu	[prɛ̃zu]	(preso)
[s] basa	[bása]	(baixar)			
[ʃ] bacha	[báʃa]	(baixar)			

c)

[s] rasta	[rásta]	(arrastar)
[z] rasga	[rázga]	(rasgar)

d)

[f] tcif	[tʃif]	(ação lenta e silenciosa)
[s] des	[dɛ̃s] / [dɛ̃ʃ]	(dez)

(11)

a)

[v] verdi	[vérdi]	(verde)
[b] berdi	[bérdi]	(verde)

[v] vontadi [võntádi] (*vontade*)

[b] bontadi [bõntádi] (*vontade*)

b)

[ʒ] juventudi [ʒuvẽntúdi] (*juventude*)

[dʒ] djubentudi [dʒubẽntúdi] (*juventude*)

[ʒ] inveja [ĩnvéʒa] (*inveja*)

[dʒ] inbedja [ĩmbédʒa] (*inveja*)

c)

[ʃ] chokolati [ʃokóláti] (*chocolate*)

[tʃ] tcokolati [tʃokóláti] (*chocolate*)

d)

[ʒ] jubentudi [ʒubẽntúdi] (*juventude*)

[dʒ] djubentudi [dʒubẽntúdi] (*juventude*)

e)

[ʒ] beju [béʒu] (*beijo*) [dʒ] bedju [bédʒu] (*velho*)

[ʒ] diseju [diséʒu] (*desejo*)

[dʒ] disedju [disédʒu] (*desejo*)

Observando os exemplos de (10a) e (10b), verificamos que os segmentos [f] e [s] comutam em posição de início de sílaba inicial e medial de palavra e estabelecem entre si oposições distintivas, o que comprova que correspondem, em estrutura de base, a /f/ e /s/, respetivamente. O segmento [s] comuta ainda com [ʃ] e [z] em ambos os contextos; porém, [z] e [ʃ] ocorrem apenas em novas formas de palavras já integradas na língua – por exemplo, *basa* e *prindidu* são palavras já integradas e *bacha* e *prezu* são as novas formas, recentemente entradas na língua. As realizações [s] e [ʃ] não estabelecem oposições distintivas, pois ambas as formas, a integrada e a que entrou recentemente na língua, apresentam o mesmo significado, e [s] e [z] opõem-se apenas em raros pares como os apresentados nos exemplos, o

que não é suficiente para considerar que [z] tenha estatuto fonológico. Além disso, as formas entradas recentemente no crioulo, e que mantêm características fonéticas da língua de origem, são uma característica do crioulo aportuguesado e coexistem com as palavras já integradas.

Considerando os exemplos de (10c), observamos que, em posição de fim de sílaba interior, ocorre [s] ou [z], conforme a especificação do traço [vozeado] do segmento seguinte. O facto de cada realização fonética ser determinada pelo contexto comprova que estas realizações correspondem, no nível de base, a um segmento fonológico único.

Em posição de fim de palavra (10d), encontramos as realizações [s], [ʃ] e [f]. A realização [f] ocorre apenas em palavras da classe “adjuntos de intensidade” (cf. 2.1.1.1.). As realizações [s] e [ʃ] ocorrem no mesmo contexto, em variação livre, sendo [s] a realização mais frequente. Pela inexistência de oposições distintivas e de condições contextuais que determinem a ocorrência de cada realização fonética, propõe-se que [s] e [ʃ] sejam variantes livres de um único segmento de base.

Os exemplos de (11) mostram-nos a ocorrência dos segmentos [v] e [b] (11a e 11b), [ʃ] e [ʒ] (11c) e [z] e [dʒ] (11d e 11e) nos mesmos contextos. À semelhança do que observámos a propósito dos segmentos [s] e [ʃ], verificamos que não se estabelecem oposições distintivas entre os pares [v] e [b], [ʃ] e [ʒ] e [z] e [dʒ] e a ocorrência dos segmentos [v], [ʃ] e [z] cinge-se a novas formas de palavras já integradas na língua, como alega Kihm (1994, p. 15). Apenas em [bédʒu] e [béʒu], observamos que os segmentos [z] e [dʒ] estabelecem oposição; porém, *beju* é um empréstimo recente e apresenta o mesmo significado de *bokinha*. Além disso, os segmentos [v], [ʃ] e [z] também não existem em algumas das línguas de adstrato do guineense⁴¹, como o manjaco e o pepel; no mancanha, só o segmento [ʃ] tem estatuto fonológico⁴²; e, no fula⁴³, encontramos os segmentos /ʃ/ e /z/. A ocorrência de [v], [ʃ] e [z] apenas em palavras que entraram recentemente no crioulo e que correspondem a novas formas de palavras já existentes e integradas, aliada à inexistência destes segmentos nos inventários fonológicos de algumas das línguas de adstrato que foram já objeto de descrições, parece evidenciar que estas realizações fonéticas no guineense se devem à influência do português, tratando-se, portanto, de uma característica do crioulo aportuguesado, como defende Couto (1994). Atendendo ao que foi exposto, propõe-se que [v], [ʃ] e [z]

⁴¹ Os segmentos fonológicos do manjaco, do pepel e do mancanha foram apresentados no ponto 1.2.5., de acordo com a proposta de Mane (2001).

⁴² De acordo com Mane (2001), nesta língua, existe o segmento /ʃ/, mas não existe /s/.

⁴³ De acordo com a proposta de Moura (2007).

correspondam a realizações fonéticas dos segmentos de base /b/, /f/ e /dʒ/, respetivamente, ocorrendo apenas em novas formas de palavras de base lexical portuguesa que (re)entraram recentemente na língua.

Pelo exposto, considera-se a existência de apenas dois segmentos fonológicos /f/ e /s/. O segmento labial ocorre em posição de início de sílaba inicial ou medial de palavra e em fim de palavra e realiza-se sempre como [f]. O segmento /s/, em início de sílaba, realiza-se como [s] e, em empréstimos recentes de origem portuguesa, pode apresentar as realizações [z] e [ʃ]; em posição de fim de sílaba interior, a realização fonética de /s/ é determinada pelo valor do traço [vozeado] do segmento consonântico adjacente à direita e, em posição de fim de palavra, apresenta duas realizações fonéticas, [s] ou [ʃ], em variação livre.

2.1.2.6. Segmentos laterais e segmentos vibrantes

Na descrição dos dados fonéticos, observámos a ocorrência de dois segmentos laterais: [l], em posição de início e de fim de sílaba, e [ɫ], que ocorre apenas em posição intervocálica. Neste contexto, [ɫ] é comutável com [l] e com [dʒ]. Verificámos também a ocorrência de dois segmentos vibrantes [ɾ] e [r]. A realização [ɾ] ocorre em posição de início e de fim de sílaba e [r] encontra-se em início de sílaba e em final de palavra.

Apresentam-se exemplos de ocorrência de [l] em: i. posição de início de sílaba inicial (12a) e medial (12b) de palavra, ii. grupo consonântico (12c) e iii. posição de fim de sílaba interior (12d) e final (12e); exemplos que mostram as realizações [ɫ], [l] e [dʒ] em posição intervocálica (12f); assim como exemplos de ocorrência de [ɾ] e [r] em: i. início de sílaba inicial (13a) e medial (13b) de palavra, ii. grupo consonântico (13c) e iii. fim de sílaba interior (13d) e final (13e). Para a interpretação fonológica das realizações [ɾ] e [l], apresentam-se pares mínimos que ilustram a ocorrência destas realizações em i. posição de início de sílaba inicial (14a) e medial (14b) de palavra, ii. grupo consonântico (14c) e iii. fim de sílaba interior (14d) e final (14e).

(12)

a)		b)
[l]	lifanti [lifénti] (elefante)	[l] fala [fála] (falar)

c)

[l]	klando [kláñdu] (tasca)
-----	-------------------------

d) [l] falta [fálta] (*faltar*) e) [l] mal [mál] (*mal*)

f) [ʎ] filha [fiʎa] (*filha*)
[l] fila [fila] (*fila*)
[dʒ] fidju [fidʒu] (*filho*)

(13)

a) [r]/[r] ropa [rɔpa]/[rɔpa] (*roupa*)

b) [r]/[r] karu [káru]/[káru] (*caro*)

c) [r] pratu [prátu] (*prato*)

d) [r] korpu [kórpu] (*corpo*)

e) [r]/[r] katcur [kaʃúr]/[kaʃúr] (*cão*)

(14)

a) [l] lanha [láɲa] (*golpear*) [r] ranha [ráɲa] (*arranhar*)

b) [l] fola [fóla] (*esfolar*) [r] fora [fóra] (*forrar*)

c) [l] flanku [fláɲku] (*flanço*) [r] franku [fráɲku] (*franco*)

d)

[l] falta [fálta] (*faltar*) [r] farta [fárta] (*fartar*)

e)

[l] mal [mál] (*mal*) [r] mar [már] (*mar*)

Considerando os exemplos de (12a, 12b, 12c, 12d e 12e), verificamos que a realização [l] ocorre em posição de início e fim de sílaba. Os exemplos de (12f) mostram-nos que a realização [ʎ] comuta com [l] e com [dʒ] em posição intervocálica. No entanto, a realização [ʎ] ocorre apenas em novas formas, recentemente incorporadas na língua, de palavras já existentes. Atendendo a que [ʎ] e [dʒ] comutam apenas em palavras que apresentam o mesmo significado, não se estabelecem oposições distintivas entre estes segmentos e, tendo em conta que [ʎ] e [l] estabelecem oposição apenas em raros pares de palavras como o apresentado em (12f), não se considera que [ʎ] tenha estatuto fonológico.

Os exemplos de (13) mostram-nos que a realização [r] ocorre em posição de início e fim de sílaba e comuta com a realização [r] em posição de início de sílaba e em posição de fim de palavra. Nestes contextos, dada a inexistência de oposições distintivas, as realizações [r] e [r] encontram-se em variação livre.

Observando os exemplos de (14), verificamos que os segmentos [l] e [r] ocorrem em posição de início e fim de sílaba e estabelecem oposições distintivas em todos os contextos. Este facto leva-nos a propor a existência de um segmento lateral /l/ e de um segmento vibrante /r/ em estrutura de base.

2.1.2.7. Síntese dos segmentos fonológicos consonânticos

De acordo com a proposta de interpretação fonológica apresentada, considera-se que, no guineense, existem os seguintes segmentos fonológicos:

Oclusivos orais: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/;

Oclusivos nasais: /m/, /n/ e /ɲ/;

Africados: /tʃ/ e /dʒ/;

Fricativos: /f/ e /s/;

Laterais: /l/;

Vibrantes: /r/.

2.1.3. Matriz fonológica

Apresenta-se uma matriz com os segmentos fonológicos da língua e com as propriedades que permitem caracterizar e individualizar cada segmento. Os traços utilizados foram apresentados em 1.3.1.2. e permitem-nos descrever todos os segmentos consonânticos, agrupá-los em classes e distingui-los dentro de cada classe.

Na matriz que, a seguir, se apresenta, não estão especificados os traços predizíveis. Assim, para a identificação dos segmentos oclusivos orais, recorre-se aos traços unários [LABIAL], [CORONAL] e [DORSAL] e são especificados os traços binários [soante], [contínuo], [vozeado], [anterior] e [recuado]. Os segmentos oclusivos nasais identificam-se pela presença dos nós [LABIAL] e [CORONAL] e pela especificação dos traços binários [nasal] e [anterior]⁴⁴. Os segmentos fricativos são especificados quanto aos traços binários [soante] e [contínuo] e exigem a presença do nó [LABIAL]. Para os segmentos africados, é necessário especificar apenas os traços [distensão retardada] e [vozeado]. Para o segmento lateral e para o vibrante, especificam-se os traços [soante] e [lateral]. A par dos traços referidos para cada grupo de segmentos, todos os segmentos consonânticos apresentam especificação [+consonântico]. Os traços binários estão especificados com (+) ou (-) e os unários são indicados por (•), uma vez que só têm valor pela presença ou ausência na matriz.

⁴⁴ A motivação da escolha do traço [nasal] para caracterizar estes segmentos foi apresentada em 1.3.1.2..

segmentos traços	p	t	k	b	d	g	m	n	ɲ	f	s	ʃ	ʒ	l	ʀ
[consonântico]	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
[soante]	-	-	-	-	-	-				-	-			+	+
[contínuo]	-	-	-	-	-	-				+	+				
[lateral]														+	-
[nasal]							+	+	+						
[distensão retardada]												+	+		
Laríngeo	•	•	•	•	•	•						•	•		
[vozeado]	-	-	-	+	+	+						-	+		
[LABIAL]	•			•			•			•					
[CORONAL]		•			•			•	•						
[anterior]		+			+			+	-						
[DORSAL]			•			•									
[recuado]			-			-									

QUADRO 18 – Matriz dos segmentos consonânticos

Apresenta-se, como exemplo, a representação da estrutura interna do segmento /t/ segundo o modelo da geometria de traços e sem indicação dos traços redundantes.

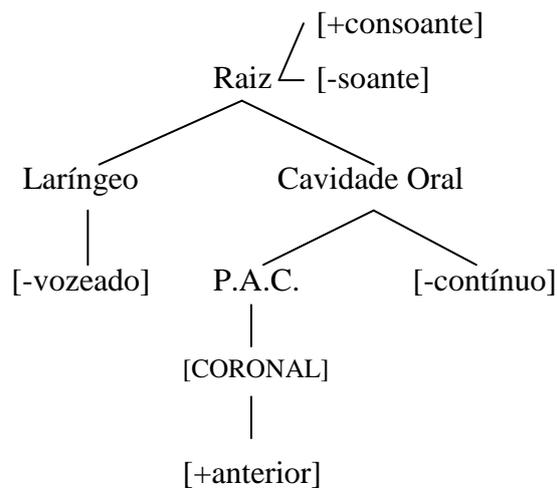


DIAGRAMA 6 – Representação da estrutura interna de /t/

2.2. Segmentos vocálicos

Nesta subsecção, é apresentada uma proposta de interpretação dos segmentos vocálicos do guineense. Na parte inicial, é apresentado um *corpus* a partir do qual se procede à descrição dos dados de superfície, apresentando-se uma proposta de classificação articulatória dos segmentos fonéticos. Na segunda parte, apresenta-se um *corpus* organizado em pares mínimos de acordo com a posição dos segmentos relativamente ao ponto de incidência do acento tónico e, tendo em conta as informações expostas na descrição fonética e considerando as interpretações dos investigadores que já trataram esta questão, são formuladas hipóteses no sentido de estabelecer os segmentos de base que nos permitem obter as unidades da estrutura de superfície. Na parte final desta subsecção, apresenta-se uma matriz onde figuram os segmentos considerados fonológicos, de acordo com a proposta de interpretação que se formula, e a organização interna de cada segmento no modelo da geometria de traços.

2.2.1. Análise fonética

2.2.1.1. Identificação e distribuição dos segmentos

A descrição fonética que, a seguir, se apresenta tem por base as realizações fonéticas que constam do *corpus*. Para determinar a incidência do acento tónico, foram seguidas as propostas de Andrade *et al.* (1992), Bull (1989), e Kihm (1994), apresentadas em 1.2.4., e foram analisados os dados do *corpus*⁴⁵.

Apresentam-se, em seguida, exemplos de ocorrência dos segmentos vocálicos da estrutura fonética, organizados de acordo com a ausência (15) ou presença (16) da propriedade nasal e com o ponto de incidência do acento tónico: acentuados (a), átonos pré-tónicos (b) e átonos pós-tónicos (c).

⁴⁵ Analisando as palavras do *corpus*, foi identificada a sílaba mais proeminente e verificou-se que a incidência do acento tónico coincidia com as regras propostas pelos investigadores para os nomes e adjetivos. No entanto, na classe dos verbos, não se verificou tal coincidência e, por isso, não são apresentados exemplos de formas verbais para a análise dos segmentos vocálicos.

(15)

a)

[a] mar [már] (*mar*)

[ɛ] zeru [zêru] (*zero*)

[i] bariga [baríga] (*barriga*)

[ɔ] kosta [kósta] (*costas*)

[u] dus [dús] (*dois*)

b)

[a]/[e] garandi [garé̃ndi] / [gɛrɛ̃ndi] (*grande*)

[ɛ]/[e] setembru [seté̃mbɾu] / [seté̃mbɾu] (*setembro*)

[i] lifanti [lifé̃nti] (*elefante*)

[ɔ]/[o] korsõ [kɔrsó̃] / [korsó̃] (*coração*)

[u] furadu [furádu] (*furado*)

c)

[a] tera [té̃ra] (*terra*)

[e] lantca [lɛ̃ntʃɛ] (*lancha*)

[i] lifanti [lifé̃nti] (*elefante*)

[u] korpu [kórpu] (*corpo*)

(16)

a)

[ã]/[ẽ] lifanti [lifã̃nti]/[lifé̃nti] (*elefante*)

[ẽ]/[ẽ] setembru [seté̃mbɾu]/ [seté̃mbɾu] (*setembro*)

[ĩ] dimingu [dimĩ̃ngu] (*domingo*)

[õ] lingron [lĩ̃ngɾõ̃]/[lĩ̃ngɾó̃] (*tipo de molusco*)

[ũ] un [ũ] (*um*)

b)

[ã]/[ẽ] mantcadu [mã̃ntʃádu]/[mɛ̃ntʃádu] (*machado*)

[ẽ]/[ẽ] djubentudi [dzubɛ̃ntúdi]/[dzubɛ̃ntúdi] (*juventude*)

[ĩ] mindjer [mĩ̃ndzɛ̃r] (*mulher*)

[õ]/[õ] montiadur [mõ̃ntjadúr]/[mõ̃ntjadúr] (*caçador*)

[ũ] bijungu [bidʒũ̃ngu] (*bijagó*)

Observando o corpus, verificamos que existem oito segmentos vocálicos orais e outros tantos nasais na estrutura fonética.

Relativamente aos segmentos orais, em posição acentuada (15a), ocorrem as vogais [a], [ɛ], [i], [ɔ] e [u]. Em posição pré-tónica (15b), manifestam-se todas as vogais que ocorrem em sílaba tónica e ainda [ɐ], [e] e [o]. Em posição pós-tónica (15c), encontram-se apenas [a], [ɐ], [i] e [u].

No que respeita às vogais nasais, observamos que [ã], [ẽ], [ẽ], [ẽ], [ĩ], [õ], [õ] e [ũ] ocorrem em posição tónica (16a) e átona pré-tónica (16b). Verificamos também que todas as vogais orais podem ter uma vogal nasal correspondente.

2.2.1.2. Classificação fonética dos segmentos vocálicos

Os traços fonéticos considerados necessários para a descrição dos segmentos vocálicos identificados na representação fonética foram apresentados anteriormente (cf. 1.3.1.2) e com estas propriedades podemos distinguir e caracterizar todos os segmentos vocálicos.

Os segmentos vocálicos nasais da estrutura de superfície são identificados com os mesmos traços dos correspondentes orais e distinguem-se pelo traço [+nasal].

Apresenta-se, de seguida, o quadro das realizações fonéticas das vogais e a classificação de cada segmento quanto à presença (+) ou ausência (-) dos traços fonéticos seleccionados.

traços segmentos	a	ɐ	ɛ	e	i	ɔ	o	u	ã	ẽ	ẽ	ẽ	ĩ	õ	õ	ũ
consonântico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
alto	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+
baixo	+	-	+	-	-	+	-	-	+	-	+	-	-	+	-	-
recuado	+	+	-	-	-	+	+	+	+	+	-	-	-	+	+	+
arredondado	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	+	+	+
nasal	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+

QUADRO 19 – Quadro das realizações fonéticas das vogais orais e nasais

2.2.2. Análise fonológica

A análise dos dados fonéticos permitiu-nos observar a ocorrência de segmentos vocálicos orais e nasais. Para a interpretação fonológica dos segmentos fonéticos, apresentam-se exemplos de ocorrência das realizações fonéticas orais em sílaba tónica (17a), em sílaba átona pré-tónica (17b) e em sílaba átona pós-tónica (17c); e apresentam-se exemplos de ocorrência das realizações fonéticas nasais em posição tónica (18a) e em posição átona pré-tónica (18b).

(17)

a)	b)
[a] baka [báka] (<i>vaca</i>)	[a] faladu [faládu] / [ɐ] [feládu] (<i>falado</i>)
[i] bika [bíka] (<i>tipo de peixe</i>)	[i] filadu [filádu] (<i>que tem dinheiro</i>)
[ɔ] boka [bóka] (<i>boca</i>)	[ɔ] foladu [fóládu] / [o] [foládu] (<i>esfolado</i>)
[ɛ] seku [séku] (<i>seco</i>)	[ɛ] feradu [ferádu] / [e] [ferádu] (<i>em frente de</i>)
[u] suku [súku] (<i>soco</i>)	[u] furadu [fuɾádu] (<i>furado</i>)

c)

[a] kinta [kínta] / [ɐ] [kínte]	(<i>quinta</i>)
[i] kinti [kínti]	(<i>quente</i>)
[u] kintu [kíntu]	(<i>quinto</i>)

(18)

a)
[ã] santu [sántu] / [ẽ] [séntu] (<i>santo</i>)
[ẽ] sentu [séntu] / [ẽ] [séntu] (<i>cento</i>)
[ĩ] sintu [síntu] (<i>cinto</i>)
[õ] don [dõ] / [dõŋ] / [õ] [dõ] / [dõŋ] (<i>luto</i>)
[ũ] dun [dũ] / [dũŋ] (<i>dono</i>)

b)

[ã]	mantcadu	[mãntʃãdu]	/ [ẽ]	[mẽntʃãdu]	(machado)
[Ë]	pensamentu	[pẽnsamẽntu]	/ [ē]	[pẽnsamẽntu]	(pensamento)
[ĩ]	mindjer	[mĩndʒér]			(mulher)
[õ]	kombersadur	[kõmbɛrsadúr]	/ [ō]	[kõmbɛrsadúr]	(conversador)
[ũ]	kumpanher	[kũmpañér]			(companheiro)

Observando os exemplos contemplados em (17a), que apresentam as realizações fonéticas das vogais orais em sílaba tónica, verificamos que, neste contexto, cada vogal apresenta apenas uma realização fonética, [a], [ɛ], [i], [ɔ] e [u] e estes segmentos estabelecem entre si oposições distintas. Por estas razões, propõe-se que a cada realização fonética corresponda um segmento fonológico, /a/, /ɛ/, /i/, /ɔ/ e /u/, respetivamente.

Os exemplos apresentados em (17b) mostram as realizações fonéticas dos segmentos vocálicos orais em posição átona pré-tónica. Observando os exemplos, verificamos que todas as realizações fonéticas que se manifestam em sílaba tónica também ocorrem em contexto de sílaba átona pré-tónica e, além desses segmentos fonéticos, ocorrem também [ɐ], [e] e [o]. Atendendo a que [a] e [ɐ], [ɛ] e [e] e [ɔ] e [o] se manifestam nos mesmos contextos e a que a comutação entre os segmentos de cada par não acarreta diferenças ao nível do significado, propõe-se a existência de três segmentos de base, /a/, /ɛ/ e /ɔ/; cada segmento apresenta, no nível de superfície, duas realizações em variação livre.

Contemplando os exemplos apresentados em (17c), que apresentam as realizações das vogais em posição de sílaba átona pós-tónica, observamos que ocorrem apenas [a], [ɐ], [i] e [u]. Os segmentos [a] e [ɐ], à semelhança do que observámos em contexto de sílaba átona pré-tónica, surgem no mesmo contexto e não estabelecem oposição, pelo que se sugere que estas realizações fonéticas correspondam a um único segmento fonológico, /a/. Assim, em contexto de sílaba átona pós-tónica, manifestam-se apenas os segmentos /a/, /i/ e /u/.

Pelas razões expostas, propõe-se que o sistema fonológico de vogais orais do guineense seja constituído por cinco segmentos: /a/, /ɛ/, /i/, /ɔ/ e /u/. Todas as unidades fonológicas ocorrem em posição tónica e átona pré-tónica e, em posição átona pós-tónica, encontramos apenas /a/, /i/ e /u/. Lembra-se que, em contexto de sílaba átona pré-tónica, os segmentos /a/, /ɛ/ e /ɔ/ apresentam duas realizações fonéticas em variação livre e, em contexto

de sílaba átona pós-tônica, /a/ apresenta também duas variantes fonéticas que não são condicionadas pelo contexto em que o segmento ocorre. Esta variação no nível de superfície, uma vez que não é determinada pelo contexto e não tem implicações a nível fonológico, parece estar relacionada com questões de influência das línguas africanas e também do português – o manjaco, o pepel e o português apresentam os segmentos /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/ e /u/ em estrutura de base (cf. Mane, 2001; Mateus & Andrade, 2000).

A proposta de interpretação fonológica dos segmentos vocálicos orais apresentada com base na análise dos dados de superfície, anteriormente exposta, aproxima-se das interpretações de Couto (1994) e de Kihm (1994), na medida em que se considera a existência de cinco segmentos vocálicos de base, mas distancia-se da análise de Couto (1994) no que respeita ao inventário das realizações fonéticas. Comparativamente à interpretação apresentada por Scantamburlo (1999), é evidente a divergência quanto ao número de segmentos fonológicos e de realizações fonéticas (cf. 1.2.2.).

Observando os exemplos de (18a) e (18b), verificamos que todas as vogais nasais da estrutura de superfície ocorrem numa sequência de vogal e consoante nasal homossilábica. Dado que a propriedade nasal que caracteriza estes segmentos no nível de superfície é determinada exclusivamente pelo contexto indicado, podemos obter a vogal nasal do nível fonético pelo processo de expansão do traço nasal, propriedade do segmento adjacente à direita. Assim, propõe-se que os segmentos vocálicos nasais do nível de superfície sejam interpretados como o resultado do processo de nasalização que ocorre sempre que, no nível de base, o segmento vocálico oral está seguido de um segmento [+nasal] homossilábico.

Na representação fonética, em posição tónica e átona pré-tónica, manifestam-se os segmentos [ã], [ẽ], [ɛ̃], [ẽ̃], [ĩ], [õ], [õ̃] e [ũ] e observamos que [ã] e [ẽ], [ɛ̃] e [ẽ̃] e [ĩ] e [õ̃] ocorrem nos mesmos contextos e a comutação de um segmento fonético pelo outro, nos exemplos apresentados, não implica alteração de significado. Pelas razões expostas, sugere-se que cada par de variantes fonéticas corresponda a um único segmento de base. Assim, no nível fonológico, mantêm-se os cinco segmentos orais /a/, /ɛ/, /i/, /ɔ/ e /u/ que, nestes contextos, apresentam no nível de superfície as realizações [ã], [ẽ], [ɛ̃], [ẽ̃], [ĩ], [õ], [õ̃] e [ũ], sendo [ã] e [ẽ], [ɛ̃] e [ẽ̃] e [ĩ] e [õ̃] variantes livres dos fonemas /a/, /ɛ/ e /ɔ/, respetivamente.

Esta proposta de interpretação dos segmentos vocálicos nasais coincide com as interpretações de Couto (1994), Kihm (1994) e Scantamburlo (1999), pois todos refutam a existência de vogais nasais no nível abstrato, argumentando que as realizações fonéticas nasais são determinadas pelo contexto.

2.2.3. Matriz fonológica

Na matriz fonológica, apresentam-se apenas os segmentos de base necessários para que, com a aplicação de processos fonológicos, se obtenham todos os segmentos existentes na estrutura fonética. Assim, não integram a matriz os segmentos [ɐ], [e] e [o] por serem realizações fonéticas em variação livre, nem as vogais nasais por ser possível obtê-las pelo processo de nasalização nas condições contextuais anteriormente expostas.

Os traços fonológicos utilizados para classificar os segmentos vocálicos correspondem aos traços anteriormente apresentados (cf. 1.3.1.2.).

Na matriz, estão apenas indicados os traços necessários para identificar e distinguir os segmentos e não está especificado o valor de traços redundantes.

segmentos	a	ɛ	i	ɔ	u
[silábico]	+	+	+	+	+
Altura		•	•	•	•
[alto]		-	+	-	+
[DORSAL]	•	•	•		
[recuado]	+	-	-		
[LABIAL]	•			•	•
[arredondado]	-			+	+

QUADRO 20 – Matriz dos segmentos vocálicos

Apresenta-se, como exemplo, a representação da estrutura interna do segmento /a/ segundo o modelo da geometria de traços e sem indicação dos traços redundantes.

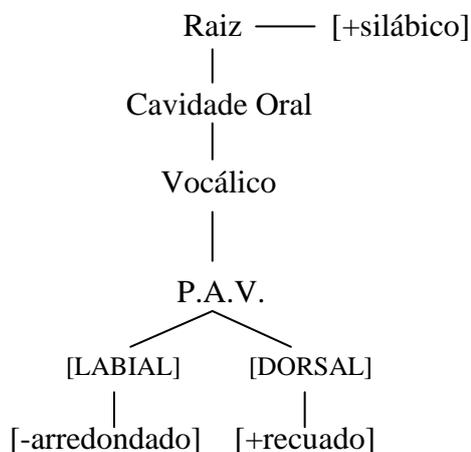


DIAGRAMA 7 – Representação da estrutura interna de /a/

2.3. Glides

Nesta subsecção, procede-se à descrição do comportamento das glides e apresenta-se uma proposta de interpretação fonológica destes segmentos. Na primeira parte, descrevem-se os segmentos da estrutura fonética com base num *corpus* que exemplifica a ocorrência das glides nos diversos contextos. Na segunda parte, são formuladas várias hipóteses no sentido de definir o estatuto fonológico destes segmentos e, tendo em consideração as análises apresentadas pelos investigadores que trataram esta questão, expõe-se uma proposta de interpretação fonológica das glides. Apresenta-se também, na parte final desta subsecção, a configuração da estrutura interna destes segmentos de acordo com a geometria de traços.

2.3.1. Análise fonética

2.3.1.1. Identificação e distribuição dos segmentos

Na descrição dos dados fonéticos, observou-se a ocorrência de [j] e de [w] em posição pré e pós-vocálica. Apresentam-se exemplos de ocorrência destas realizações fonéticas de acordo com a posição da glide relativamente ao segmento vocálico e de acordo com a posição da sílaba em que os segmentos ocorrem na palavra: glides pré-vocálicas em sílaba inicial (19a); glides pré-vocálicas antecedidas de consoante, em sílaba inicial (19b i), glides pré-vocálicas antecedidas de consoante, em sílaba interior (19b ii); glides intervocálicas (19 c); glides pós-vocálicas, em sílaba inicial (19d i) e glides pós-vocálicas em posição final (19d ii).

(19)

a)

iasa	[jása]	(assar)
ieba	[jéba]	(força)
iogoli	[jɔgɔlí]	(estar largo)
iuli	[júli]	(embrenhar-se)
uaga	[wága]	(derramar)
uerengui	[wɛrɛŋgi]	(distender o arroz no balaio)
uit	[wit]	(grau superlativo)
ianda	[jánda]	(andar)

ientra	[jɛ̃ntɾa]	(<i>entrar</i>)
iin	[jĩŋ]	(<i>sim</i>)
uan	[wãŋ]	(<i>metade</i>)
uenkelen	[wɛ̃ŋkɛlɛŋ]	(<i>pé torto</i>)
uondjo	[wõndzõ]	(<i>flor seca de baguiche ou roseta</i>)

b)

i			ii		
kuas	[kwás]	(<i>quase</i>)	ronia	[ronjá]	(<i>cerimónia religiosa</i>)
kria	[krjá]	(<i>criar</i>)	regua	[régwa]	(<i>regua</i>)
puera	[pwéɾa]	(<i>poeira</i>)			
fiel	[fjél]	(<i>fiel</i>)			
muidu	[mwídu]	(<i>moído</i>)			
suur	[swúɾ]	(<i>suor</i>)			
kuintia	[kwãntía]	(<i>quantia</i>)			
fiansa	[fjãnsa]	(<i>garantia</i>)			

c)

saia	[sája]	(<i>saia</i>)
maiu	[máju]	(<i>maio</i>)
kaiambra	[kajãmbɾa]	(<i>ter cãibras</i>)
kaiويا	[kajója]	(<i>supuração entre o dente e o alvéolo</i>)
meia	[méja]	(<i>meia</i>)

d)

i			ii		
aula	[áwla]	(<i>aula</i>)	bai	[báj]	(<i>ir</i>)
oito	[ójtɔ]	(<i>oito</i>)	mau	[máw]	(<i>mau</i>)
bairu	[bájɾu]	(<i>bairro</i>)	rei	[réj]	(<i>rei</i>)
leitura	[lejtúra]	(<i>leitura</i>)	seu	[séw]	(<i>céu</i>)
koitadi	[kojtádi]	(<i>coitado</i>)	dakoi	[dakój]	(<i>espécie de antílope</i>)
kuidadu	[kujdádu]	(<i>cuidado</i>)	pui	[púj]	(<i>pôr</i>)
			tciu	[tʃíw]	(<i>muito</i>)

Observando o corpus, verificamos que [j] e [w] ocorrem em posição pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica, mas nunca surgem como único segmento entre duas consoantes.

Em posição pré-vocálica, as glides podem ocorrer em sílaba inicial ou interior de palavra e, nestes contextos, estes segmentos podem ser antecidos de consoante. Nos exemplos de (19a), que mostram as combinações possíveis de glide e vogal em início de palavra, verificamos que [j] e [w] podem combinar-se com segmentos vocálicos [-nasal], como [jása], e com segmentos vocálicos [+nasal], como [jãnda]. Considerando os exemplos de (19b), que apresentam as realizações fonéticas da sequência de glide e vogal antecida de segmento(s) consonântico(s), em início e interior de palavra, observamos que esta sequência pode ser antecida de uma consoante, como em [kwás] e [régwa], ou de grupo consonântico, como em [krjá]. É em posição pré-vocálica e em início de palavra que ocorre o maior número de combinações possíveis de glide e vogal. Neste contexto, verificamos ainda que [j] pode combinar-se com [i] e [w] com [u].

Observando os exemplos de (19c), verificamos que, em posição intervocálica, ocorre apenas [j]. O segmento vocálico adjacente à esquerda é sempre [-nasal], como em [sája], e o segmento vocálico adjacente à direita pode ser [-nasal], como em [máju], ou [+nasal], como em [kajãmbra].

Nos exemplos de (19d), que apresentam as realizações fonéticas da sequência de vogal e glide em posição interior e em posição final, observamos que [j] e [w] podem combinar-se com todos os segmentos vocálicos [-nasal], excetuando, no caso de [w], os segmentos [ɔ] e [u] e, no caso de [j], o segmento [i]. Não é, portanto, possível encontrar sequências como *[ɔw], *[uw] e *[ij] nestes contextos.

Da observação dos exemplos apresentados, verificamos ainda que os segmentos [j] e [w] não comportam o traço [nasal] e ocorrem como segmento adjacente de vogal [+nasal] apenas em posição pré-vocálica.

2.3.1.2. Classificação fonética das glides

Os traços fonéticos considerados necessários para a descrição das glides identificadas na representação fonética foram apresentados anteriormente (cf. 1.3.1.2).

Apresenta-se, de seguida, o quadro das realizações fonéticas das glides e a classificação de cada segmento quanto à presença (+) ou ausência (-) dos traços fonéticos selecionados.

segmentos traços	j	w
silábico	-	-
consonântico	-	-
recuado	-	+

QUADRO 21 – Realizações fonéticas das glides

2.3.2. Análise fonológica

Para a interpretação fonológica das glides, apresentam-se exemplos de ocorrência destes segmentos organizados de acordo com a posição que as glides ocupam dentro da palavra e dentro da sílaba: os exemplos de (20a) evidenciam a oposição entre [j] e [w]; os exemplos de (20b i) mostram a ocorrência destas realizações em posição de início de palavra e, em (20b ii), são apresentados exemplos de ocorrência de glide e de segmentos consonânticos no mesmo contexto; em (20c) apresentam-se exemplos de ocorrência de glides pré-vocálicas antecedidas de segmento(s) consonântico(s); os exemplos de (20d) mostram-nos que as glides podem comutar, em sílaba inicial, com segmento consonântico (20d i) e com segmento vocálico (20d ii) e, em sílaba medial, com segmento consonântico (20d iii); os exemplos de (20e) mostram a ocorrência de glides e de segmentos consonânticos em posição intervocálica; os exemplos de (20f i) ilustram a ocorrência de glides pós-vocálicas em interior de palavra e os de (20f ii) evidenciam as possibilidades de comutação das glides pós-vocálicas; os exemplos de (20g) ilustram a ocorrência de glides pós-vocálicas seguidas de consoante.

(20)

a)

bai	[báj] (<i>ir</i>)	bau	[báw] (<i>calça boca de sino</i>)
kai	[káj] (<i>cair</i>)	kau	[káw] (<i>lugar</i>)
tcai	[tʃáj] (<i>adultério</i>)	tcau	[tʃáw] (<i>adeus</i>)

b)

i		ii		
iermon [jɛrmõŋ] (<i>irmão</i>)	uaga [wága] (<i>derramar</i>)	paga [pága] (<i>pagar</i>)		
ientra [jẽntɾa] (<i>entrar</i>)	uarga [wárga] (<i>tipo de bebida</i>)	djarga [dzárga] (<i>proteção</i>)		
iagu [jágu] (<i>água</i>)	iasa [jása] (<i>assar</i>)	pasa [pása] (<i>passar</i>)		
	ieba [jéba] (<i>força</i>)	leba [léba] (<i>guiar</i>)		

c)

i	
kuantia [kwãntía] (<i>quantia</i>)	
fiansa [fjãnsa] (<i>garantia</i>)	
kriadu [krjádu] (<i>criado</i>)	

d)

i		ii		
kuas [kwás] (<i>quase</i>)	klas [klás] (<i>classe</i>)	kria [krjá] (<i>criar</i>)	kria [kría] (<i>cria</i>)	

iii

ronia [ronjá] (<i>cerimónia religiosa</i>)	ronka [rõnká] (<i>vangloriar-se</i>)
regua [régwa] (<i>régua</i>)	regra [régɾa] (<i>regra</i>)

e)

saia [sája] (<i>saia</i>)	sala [sála] (<i>sala</i>)
maiu [máju] (<i>maio</i>)	matu [mátu] (<i>mato</i>)
kaia [kája] (<i>caiar</i>)	kala [kála] (<i>calar</i>)

f)

i		ii		
oito [ójtu] (<i>oito</i>)	bai [báj] (<i>ir</i>)	bal [bál] (<i>vale</i>)	ba [bá] (<i>v. aux.</i>)	
aula [áwla] (<i>aula</i>)	mau [máw] (<i>mau</i>)	mar [máɾ] (<i>mar</i>)	ma [má] (<i>mais</i>)	
	seu [séw] (<i>céu</i>)	sen [sẽŋ] (<i>cem</i>)	se [sé] (<i>seu/sua</i>)	
	rei [réj] (<i>rei</i>)	rek [ɾɛk] (<i>justeza</i>)	re [ré] (<i>ré</i>)	

g)

seis [séjs] (<i>seis</i>)
deus [déws] (<i>Deus</i>)

Os exemplos de (20a) mostram-nos que os segmentos [j] e [w] comutam no mesmo contexto e a comutação de um segmento pelo outro permite-nos distinguir palavras com significados diferentes. No entanto, só é possível comutar e opor glides pós-vocálicas em fim de palavra. Nos restantes contextos e em posição pré-vocálica, as glides comutam apenas com segmentos consonânticos (exemplos de 20b ii, 20c ii e 20c iii, 20d e 20e ii) e com a ausência de segmento (exemplos de 20e ii).

Os exemplo de (20b ii, 20d, 20e e 20f ii) mostram-nos que é possível comutar as glides com segmentos consonânticos em posição pré-vocálica em início de palavra ([wága]/[pága]), em posição pré-vocálica antecedida de consoante ([kwás]/[klás]), em posição intervocálica ([sája]/[sála]), e em posição pós-vocálica ([báj]/[bál]). Neste último contexto, é ainda possível contrastar sequências de vogal e glide com vogal ([máw]/[má], [réj]/[ré]). No entanto, não é possível comutar glides com segmentos vocálicos. Observando os exemplos [krjá] e [kría], contemplados em (20d ii), verificamos que o contraste entre glide e vogal está dependente da incidência do acento. Na primeira palavra, a glide [j] ocorre como segmento adjacente da vogal [a], que é acentuada. Na segunda palavra, [i] é o segmento nuclear da sílaba tónica, sendo [a] átono.

Os exemplos de (20g) mostram-nos que, após uma sequência de vogal e glide, podemos encontrar uma consoante homossilábica ([séjs] e [déws]).

Observando os exemplos apresentados em (20), verificamos ainda que as glides ocorrem sempre como segmentos adjacentes de uma vogal e, portanto, nunca surgem como único segmento entre consoantes. Assim, estes segmentos não ocupam uma posição nuclear na sílaba, nem recebem o acento.

A existência de [j] e de [w] na estrutura fonética é consensual; no entanto, o estatuto fonológico destes segmentos não é claro, havendo apenas algumas propostas de interpretação fonológica destas unidades. Couto (1994) considera que as glides pré-vocálicas são consoantes e que as pós-vocálicas correspondem a vogais assilábicas. Porém, não menciona os argumentos que motivaram esta interpretação. Kihm (1994) refere que não é clara a existência de ditongos no crioulo, argumentando que as glides pós-vocálicas em posição final têm um comportamento semelhante ao das consoantes e, neste contexto, a glide final parece preencher a Coda da sílaba. Este investigador acrescenta que, para manter o padrão silábico CV, em algumas palavras de origem portuguesa que, na língua portuguesa, começam por vogal, houve a prótese de uma glide ([jabri]) (pp. 15-17). Scantamburlo (1999) refere apenas que as glides pré-vocálicas parecem ter um comportamento mais parecido com o das

consoantes do que com o das vogais, mas não apresenta argumentos. Andrade *et al.* (1992) e Mane (2001) apresentam as glides no sistema consonântico, mas não debatem a questão, nem apresentam argumentos.

Tendo presentes as propostas de interpretação destes autores e o *corpus* apresentado, tentar-se-á estabelecer os segmentos que estão subjacentes às realizações fonéticas [j] e [w].

Observando os exemplos de (20b ii), verificamos que as glides pré-vocálicas em início de palavra comutam com segmentos consonânticos ([wága]/[pága], [jása]/[pása]). Se considerarmos a hipótese de interpretar estes segmentos como consonânticos, obtemos sílabas com o padrão silábico ótimo, CV, sendo o Ataque da sílaba inicial da palavra preenchido pela glide pré-vocálica ([wá.ga], [já.sa]). Se considerarmos as glides como realizações fonéticas de um segmento vocálico subjacente, podemos formular duas hipóteses de interpretação:

(i) a glide fonética corresponde a uma vogal assilábica em estrutura profunda;

(ii) a glide é a realização fonética de uma vogal subjacente.

Considerando a primeira hipótese, a glide da estrutura fonética corresponderia a uma vogal marcada como [-silábico] em estrutura de base e seria associada ao Núcleo com o segmento vocálico adjacente à direita, formando um ditongo crescente. Obteríamos, então, uma sílaba com um Núcleo ramificado, encontrando-se a vogal assilábica à esquerda da vogal silábica. Porém, exemplos como [j^ént^{ra}], mostram-nos que o traço nasal do segmento [n] se propaga à vogal adjacente à esquerda, mas [j] não recebe essa propriedade. Se este segmento integrasse o Núcleo silábico, estaria sujeito ao processo de expansão de nasalidade, tal como a vogal adjacente à direita. Este facto invalida a hipótese de a glide corresponder a uma vogal assilábica que integra o mesmo Núcleo da vogal silábica.

Considerando a segunda hipótese de interpretação, em estrutura profunda, teríamos uma sequência de duas vogais e, portanto, duas sílabas V.V. No entanto, no guineense, são raras as palavras que começam por um segmento vocálico e não ocorrem hiatos neste contexto. Assim, propor que, em exemplos como os de (20b), a sequência inicial seja interpretada como V.V seria estranho à estrutura fonológica da língua. Além disso, a prótese de uma glide em palavras que, na língua de superstrato, começam por vogal ([j^érm^õŋ], [j^ént^{ra}], [jágu]) parece ter sido motivada pela estrutura silábica ótima da língua, o padrão CV, sendo o Ataque da sílaba preenchido pela glide.

Pelo exposto, propõe-se que os segmentos [j] e [w], em posição de início de palavra, sejam interpretados como segmentos consonânticos.

Esta proposta de interpretação vai ao encontro das análises apresentadas por Couto (1994) e por Kihm (1994), que também consideram que as glides pré-vocálicas em início de palavra assumem um comportamento consonântico.

As glides pré-vocálicas antecedidas de consoante também comutam com consoantes ([kwás]/[klás], [ronjá]/[rõnká], [régwa]/[régwa]). Se, neste contexto, considerarmos a hipótese de interpretar as glides como segmentos consonânticos, obtemos sílabas com Ataque ramificado. Este constituinte silábico seria então preenchido por uma consoante e uma glide e obteríamos uma sílaba com uma estrutura CCV(C). No entanto, em posição de sílaba interior, os exemplos *ronia* e *ronka* apresentam estruturas silábicas diferentes: [ro.njá]/[rõn.ká], de acordo com a interpretação proposta para os segmentos nasais (cf. 2.1.2.3.), pelo que a glide e o segmento consonântico não ocorrem no mesmo contexto. Além disso, em exemplos como [krjádu], a sílaba inicial apresentaria um Ataque preenchido por três segmentos, CCG, o que viola o Princípio de Binaridade Máxima dos Constituintes. Se considerarmos que a glide fonética está subjacente um segmento vocálico, podemos colocar a hipótese de, no nível fonológico, existir uma vogal assilábica ou uma vogal silábica. Porém, as formas [krjá] e [kría] mostram-nos que a realização fonética [j] alterna com [i] em função da incidência do acento tónico. No primeiro exemplo, [a] é a vogal acentuada e o segmento adjacente à esquerda realiza-se foneticamente como [j] e, no segundo, [i] comporta o acento tónico. Além disso, observando os exemplos [kwãntía] e [fjánsa], verificamos que, também neste contexto, a glide não é afetada pelo processo fonológico de expansão do traço nasal, o que exclui a hipótese de, em estrutura profunda, existir uma sequência de vogal assilábica e vogal silábica como elementos do Núcleo da mesma sílaba.

As considerações expostas levam-nos a propor que as glides da estrutura de superfície, em posição de sílaba inicial antecedida de segmento(s) consonântico(s), sejam interpretadas como realizações fonéticas de segmentos vocálicos em estrutura de base.

Relativamente à posição pós-vocálica em contexto de fim de palavra, verificamos que as glides contrastam com consoantes ([báj]/[bál], [máw]/[mar], [séw]/[séŋ], [réj]/[rék]) e com a ausência de segmento ([báj]/[bá], [máw]/[má], [séw]/[sé], [réj]/[ré]). Se interpretarmos [j] e [w] como segmentos consonânticos, obtemos sílabas com a Coda preenchida pela glide. No entanto, atendendo a que depois da sequência de vogal e glide é possível ocorrer uma

consoante, como mostram os exemplos [séjs] e [déws], se considerarmos que a glide é um segmento consonântico, obtemos uma sílaba com a estrutura CVCC, sendo a Coda ramificada. Porém, esta estrutura silábica é raríssima nesta língua e encontra-se apenas num reduzido número de neologismos (cf. 2.5., adiante), sendo universalmente um formato marcado para este constituinte. Colocando a hipótese de as glides corresponderem a realizações fonéticas de um segmento de natureza vocálica subjacente, podemos interpretá-las como segmentos [-silábico] e [-consonântico] em estrutura profunda, que se associam ao Núcleo com a vogal que os antecede. Assim, obtemos sílabas com Núcleo ramificado, preenchido por uma vogal e uma glide. Com esta hipótese, exemplos como [báj] teriam uma estrutura silábica CVG e exemplos como [séjs] teriam uma estrutura silábica CVGC, sendo o Núcleo ramificado nos dois casos e sendo a Coda não preenchida no primeiro caso e preenchida por um segmento consonântico no segundo. A interpretação de [j] e [w] pós-vocálicos como vogais assilábicas e que constituem Núcleo silábico com a vogal precedente parece ser mais adequada do que a interpretação destes segmentos como consoantes, pelo facto de, após a glide, ser possível ocorrer um segmento consonântico e esta estrutura silábica ser extremamente invulgar nesta língua.

Esta proposta de interpretação vai ao encontro da análise apresentada por Couto (1994), que também considera os segmentos [j] e [w] pós-vocálicos como vogais assilábicas, mas distancia-se da interpretação de Kihm (1994), que considera que as glides pós-vocálicas se comportam como segmentos consonânticos.

Relativamente à posição intervocálica, nela encontramos apenas [j], como mostram os exemplos [sája], [máju], [kája] e também neste contexto é possível comutar a glide com segmentos consonânticos ([sája]/[sála], [máju]/[mátu], [kája]/[kála]). Observando os exemplos em que a consoante ocorre em contexto intervocálico, percebemos que este segmento preenche o Ataque de uma sílaba ([sá.la], [má.tu], [ká.la]). Porém, nos exemplos que ilustram a ocorrência da glide intervocálica, a segmentação das sílabas não é tão clara, podemos colocar a hipótese de este segmento se associar a um constituinte da sílaba anterior ou a um constituinte da sílaba seguinte. Colocando a hipótese de o segmento pertencer à segunda sílaba ([sá.ja], [má.ju], [ká.ja]), tratar-se-ia de um segmento consonântico que preenche o Ataque da sílaba. Se considerarmos que se trata de uma glide pós-vocálica ([sáj.a], [máj.u], [káj.a]), este segmento seria interpretado como uma vogal assilábica que preenche com a vogal silábica adjacente à esquerda um Núcleo ramificado.

Nenhum dos investigadores que trataram questões fonológicas do guineense apresentou uma proposta de interpretação fonológica destes segmentos em posição intervocálica. No entanto, Kihm (1994, p. 15) refere que os hiatos em posição de interior de palavra são resolvidos através da epêntese de uma glide ([diya]⁴⁶) e, a propósito da discussão da resolução dos hiatos transmorfêmicos como *n oja u*, este investigador apresenta duas hipóteses de realização fonética: [ɲo.jaw] e [ɲo.jo]. Pela divisão silábica que propõe, depreende-se que Kihm considera que a glide em posição intervocálica preenche o Ataque da segunda sílaba da palavra.

No cabo-verdiano, as glides intervocálicas são interpretadas por Ferraz (1979) como segmentos consonânticos que preenchem o Ataque da sílaba a cujo Núcleo se associa a vogal adjacente à direita e, segundo a proposta de Mane (2007), o mesmo se verifica no são-tomense.

Atendendo a que a estrutura silábica ótima do guineense é CV e considerando a proposta de Kihm (1994) para a resolução de hiatos, embora no *corpus* recolhido para este trabalho não tenha ocorrido a epêntese de uma glide em hiatos, propõe-se que, em posição intervocálica, as glides sejam interpretadas como segmentos consonânticos. Assim, neste contexto, a glide associa-se ao Ataque da sílaba cujo Núcleo é preenchido pelo segmento vocálico adjacente à direita. Esta proposta de interpretação possibilita uma descrição mais económica e de acordo com a estrutura fonológica do guineense, pois permite manter a estrutura silábica ótima desta língua.

Em suma, pelas razões expostas, sugere-se que as glides sejam interpretadas como segmentos consonânticos quando ocorrem em início de palavra e em posição intervocálica, como realizações fonéticas de um segmento vocálico subjacente nos contextos em que se encontram em posição pré-vocálica antecedida de segmento(s) consonântico(s) e como glides sempre que ocorrem em posição pós-vocálica.

2.3.3. *Matriz fonológica*

Apesar de se considerar a existência de glides [-consonântico] e de glides [+consonântico], esta propriedade não é apresentada na matriz, uma vez que o valor deste traço é determinado pela posição que a glide ocupa na estrutura silábica: este segmento adquire a especificação [+consonântico], quando se associa ao Ataque, e [-consonântico],

⁴⁶ Foram mantidos os símbolos fonéticos usados pelo autor (Kihm, 1994, p. 15).

quando se associa ao Núcleo. Assim, apresenta-se apenas uma matriz com os segmentos /j/ e /w/, subespecificados quanto ao traço [consonântico].

Os traços fonológicos utilizados para classificar as glides correspondem aos traços fonéticos anteriormente apresentados (cf. 1.3.1.2.).

segmentos	j	w
[silábico]	-	-
[DORSAL]	•	•
[recuado]	-	+

QUADRO 22 – Matriz das glides

Apresenta-se a representação da estrutura interna de uma glide, como segmento vocálico assilábico, no diagrama 8, e como segmento consonântico, no diagrama 9, segundo o modelo da geometria de traços e sem indicação dos traços redundantes:

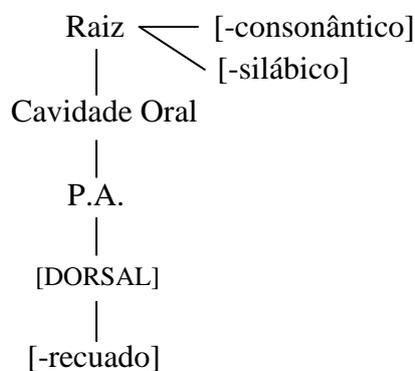


DIAGRAMA 8 – Representação da estrutura interna de /j/ [-cons]

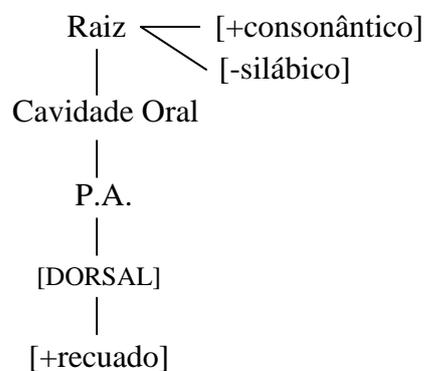


DIAGRAMA 9 – Representação da estrutura interna de /w/ [+cons]

2.4. Processos fonológicos

Nesta secção, serão descritos os processos fonológicos de assimilação – do traço [vozeado], dos traços relativos ao ponto de articulação e do traço [nasal] – e de alteração do valor do traço [silábico], referidos na análise fonológica dos segmentos, e será explicitado o funcionamento destes processos de acordo com a teoria autosegmental. Esta secção está dividida em subsecções de acordo com os segmentos envolvidos nos processos fonológicos.

2.4.1. Realização de /s/ em Coda

O segmento /s/, quando está associado à Coda de uma sílaba em interior de palavra, assimila o valor do traço [vozeado] do segmento heterossilábico adjacente à direita, pelo que, no nível fonético, encontramos duas possíveis realizações deste segmento, de acordo com o valor da propriedade [vozeado] do segmento associado ao Ataque da sílaba seguinte. Assim, podemos propor que, no nível fonológico, o segmento /s/ esteja subespecificado. Atendendo a que se considera que os segmentos consonânticos [CORONAL], por serem os mais frequentes nas diversas línguas, são segmentos universalmente não marcados e que o guineense parece seguir esta tendência universal – nesta língua, são [CORONAL] e [+anterior] os segmentos [t, d, s, n, r, l] –, o segmento /s/ não necessita de indicação dos traços dominados pelo nó Ponto de Articulação.

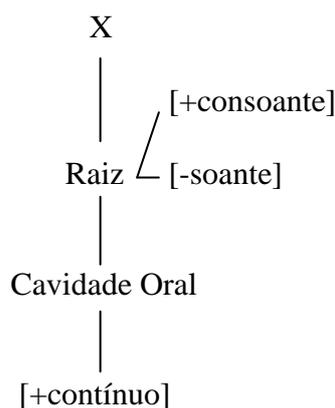


DIAGRAMA 10 – Representação de /s/ subespecificado

O segmento /s/ assimila o valor do traço [vozeado] do segmento seguinte – no diagrama 11, esta assimilação é representada por uma linha de associação que liga a Raiz do segmento /s/ ao nó Laríngeo do segmento adjacente à direita – e, por ser um segmento não

marcado, adquire por defeito a especificação [CORONAL], [+anterior] no Ponto de Articulação.

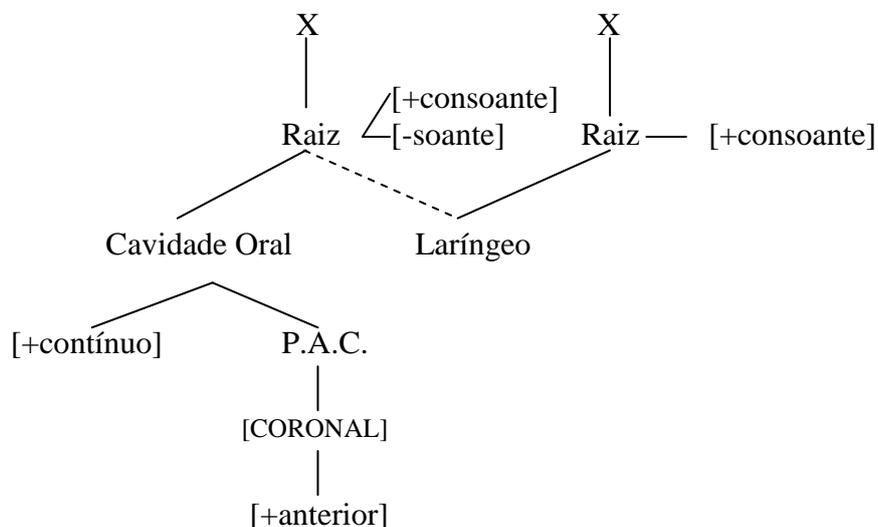


DIAGRAMA 11 – Representação da realização de /s/ em Coda de uma sílaba interior

2.4.2. Processos que envolvem segmentos nasais

Como foi anteriormente referido (cf. 2.1.2.2. e 2.1.2.3.), em posição de fim de sílaba, não se estabelecem oposições entre os segmentos nasais e, por isso, existe, no nível fonológico, apenas um segmento nasal. Associado à Coda de uma sílaba em posição interior, este segmento apresenta, no nível de superfície, duas possibilidades de realização: (i) um segmento vocálico [+nasal] e um segmento pré-nasalizado ou (ii) um segmento vocálico [+nasal] e um segmento nasal homorgânico do segmento consonântico heterossilábico adjacente à direita. Em Coda de uma sílaba final, o segmento nasal apresenta também duas possibilidades de realização fonética: (i) como nasalidade do segmento vocálico adjacente à esquerda ou (ii) como nasalidade do segmento vocálico anterior e como segmento consonântico (neste contexto [ŋ]). Dado que, nos contextos em que se realiza como segmento consonântico, as propriedades de Ponto de Articulação dessa realização fonética são determinadas pelo contexto, podemos propor que, em estrutura de base, o segmento nasal, /N/, não tenha a especificação desses traços.

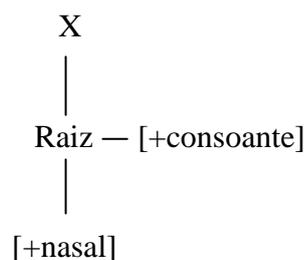


DIAGRAMA 12 – Representação de /N/ com Ponto de Articulação subespecificado

2.4.2.1. Assimilação do traço [+nasal]

O processo de expansão da nasalidade ocorre sempre que o segmento /N/ está associado à Coda de uma sílaba. Em sílaba inicial, o traço [+nasal] projeta-se sobre o segmento consonântico adjacente à direita e o segmento nasal perde a sua posição no esqueleto; daí resulta uma realização fonética pré-nasalizada. Em sílaba não final, podem ocorrer duas situações: (i) o traço [+nasal] projeta-se apenas sobre o segmento adjacente à esquerda – neste caso, além da nasalidade do segmento vocálico anterior, o segmento nasal realiza-se como segmento homorgânico da consoante seguinte; ou (ii) o traço [+nasal] projeta-se sobre os segmentos adjacentes à esquerda e à direita – neste caso, além da nasalidade do segmento vocálico anterior, não há realização de uma consoante nasal, mas a realização pré-nasalizada da consoante seguinte.

Apresenta-se a representação do processo assimilação do traço [+nasal] que afeta os segmentos adjacentes à esquerda e à direita. Esta assimilação está representada, no diagrama 15, por linhas de associação: uma liga o traço [+nasal] à Raiz do segmento vocálico, atribuindo-lhe nasalidade no plano fonético, e a outra liga o traço [+nasal] à Raiz do segmento seguinte, acrescentando este traço àqueles que ele já possui; o segmento nasal perde a sua posição no esqueleto, mantendo-se na forma de superfície como nasalidade da vogal precedente e da consoante seguinte, que terá a configuração fonética de segmento pré-nasalizado.

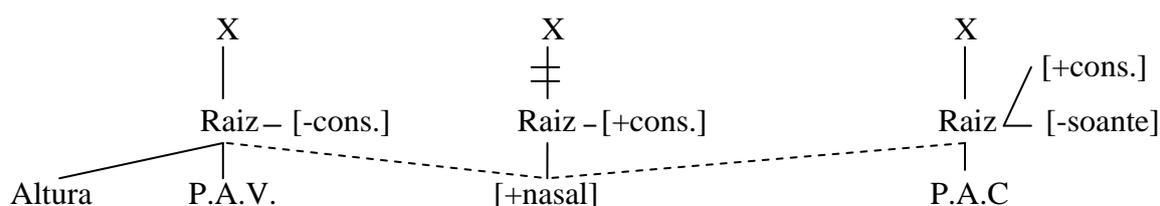


DIAGRAMA 13 – Representação da realização de /N/ como nasalidade dos segmentos adjacentes à esquerda e à direita e sem posição no esqueleto

2.4.2.2. Realização de /N/ em Coda de sílaba interior e final

Como foi referido em 2.4.2., em posição de fim de sílaba interior, no nível de superfície, o segmento /N/, pode realizar-se (i) como um segmento vocálico [+nasal] e um segmento pré-nasalizado (representação já apresentada no diagrama 23, a propósito da assimilação do traço [+nasal]) ou (ii) como um segmento vocálico [+nasal] e um segmento nasal homorgânico do segmento consonântico heterossilábico adjacente à direita. Quando, no nível fonético, o segmento nasal se realiza como segmento homorgânico da consoante seguinte, /N/ adquire especificação quanto aos traços dependentes do Ponto de Articulação, assimilando essas propriedades do segmento adjacente à direita. Esta assimilação está representada, no diagrama 14, por uma linha de associação que liga o nó de Cavidade Oral do segmento /N/ ao nó de P.A.C. do segmento consonântico seguinte.

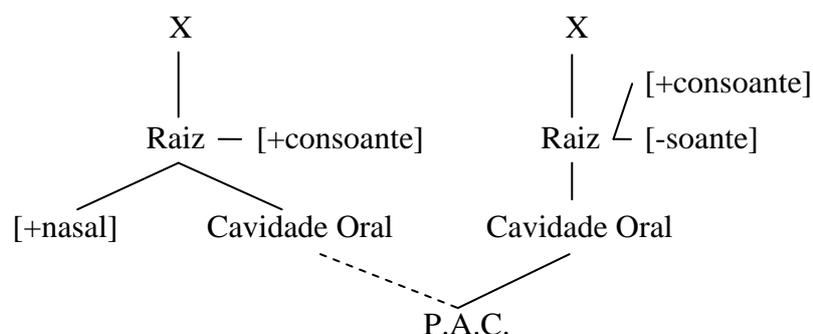


DIAGRAMA 14 – Representação da realização do segmento nasal homorgânico

Em sílaba final, o segmento nasal apresenta duas realizações fonéticas possíveis e em variação livre, podendo realizar-se (i) como nasalidade do segmento vocálico anterior e como consoante – neste caso, o segmento /N/ adquire a especificação [DORSAL] e [+recuado] – ou (ii) apenas como nasalidade da vogal precedente – o segmento nasal projeta-se sobre o segmento adjacente à esquerda e perde a sua posição no esqueleto.

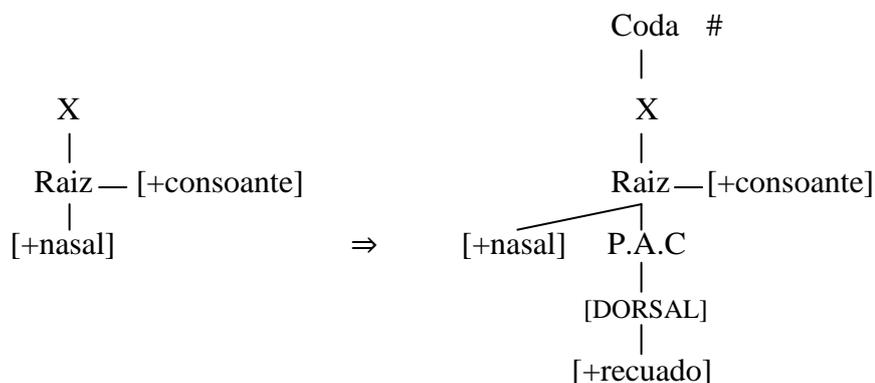


DIAGRAMA 15 – Representação da realização de /N/ como segmento consonântico em Coda de sílaba final

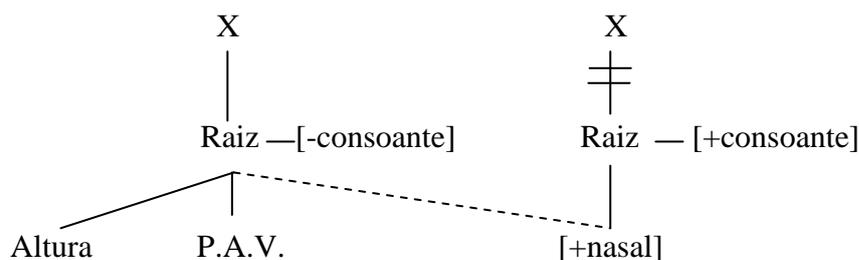


DIAGRAMA 16 – Representação da realização de /N/ como nasalidade da vogal que o antecede e sem posição no esqueleto em Coda de sílaba final

2.4.3. Alteração do valor do traço [silábico]

O processo fonológico de alteração do valor do traço [silábico] afeta os segmentos vocálicos [+alto] quando são adjacentes à esquerda de outro segmento vocálico, como ocorre no exemplo *kriadu* (/kɾiádu/, [kɾjádu]) (cf. 2.3.2). Sempre que, em estrutura de base, encontramos uma sequência heterossilábica de dois segmentos vocálicos adjacentes e o primeiro segmento da sequência é átono e [+alto], sendo o segundo acentuado, esse segmento torna-se [-silábico] e realiza-se no nível de superfície como uma glide.

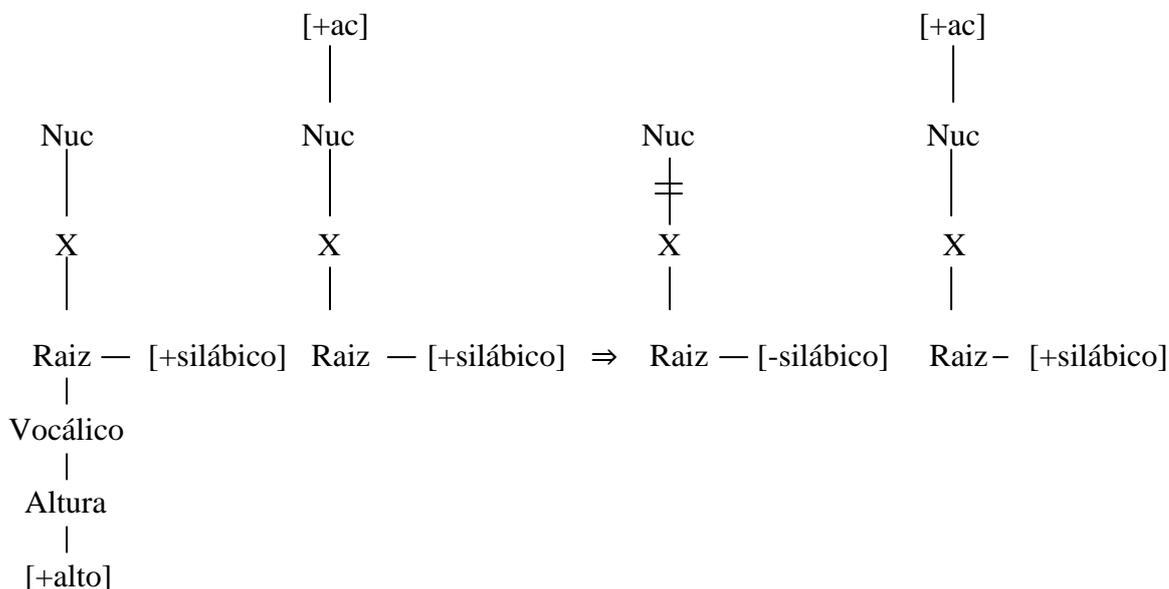


DIAGRAMA 17 – Representação da alteração do valor do traço [silábico]

2.5. *Sílaba*

Nesta secção, procede-se à descrição das estruturas silábicas do guineense e dos padrões silábicos existentes nesta língua. Na primeira parte do capítulo, descreve-se a distribuição dos segmentos pelos constituintes silábicos, formulam-se propostas de identificação das fronteiras silábicas de acordo com os princípios de boa formação silábica e apresenta-se a representação em árvore dos constituintes silábicos e dos processos que ocorrem no nível da sílaba. Na segunda parte, são descritos os padrões silábicos encontrados no guineense.

2.5.1. *Estruturas silábicas*

A descrição da estrutura silábica do guineense que a seguir se apresenta está de acordo com o modelo de Ataque-Rima, anteriormente apresentado (cf. 1.3.1.3.), e assenta na proposta de interpretação fonológica segmental anteriormente apresentada (cf. 2.1.2.; 2.2.2. e 2.3.2.).

2.5.1.1. *Ataque*

O Ataque é preenchido apenas por segmentos [-vocálico], i.e., este constituinte só admite a presença de segmentos consonânticos e de glides (que adquirem, por defeito, o traço [+consonântico] ao serem associadas ao Ataque). O Ataque pode dominar duas posições no esqueleto, Ataque ramificado, ou uma posição no esqueleto, Ataque não ramificado, podendo, neste último caso, essa posição estar preenchida por um segmento ou não estar segmentalmente preenchida.

2.5.1.1.1. *Ataque não ramificado*

O Ataque de uma sílaba em início de palavra pode ser preenchido por qualquer segmento consonântico, à exceção de [ʎ], e também pelas glides [j] e [w]. Em posição de interior de palavra, este constituinte admite a presença de todos os segmentos consonânticos. Apresentam-se alguns exemplos de Ataque não ramificado preenchido por um segmento (21) em início de palavra (a) e em interior de palavra (b):

(21)

a) início de palavra

b) interior de palavra

(i) Oclusivas

[p]	paga	[pá.ga]	(pagar)	ropa	[ró.pa]	(roupa)
[b]	baka	[bá.ka]	(vaca)	sabadu	[sá.ba.du]	(sábado)
[t]	terá	[té.ɾa]	(terra)	dati	[dá.ti]	(subitamente)
[d]	dinti	[dín.ti]	(dente)	mudu	[mú.du]	(mudo)
[k]	kacur	[ka.tʃúr]	(cão)	troku	[tró.ku]	(troco)
[g]	gaña	[gé.ɲa]	(ganhar)	sugunda	[su.gún.da]	(segunda)
[m]	mininu	[mi.ní.nu]	(menino)	dimingu	[di.mĩŋ.gu]	(domingo)
[n]	novi	[nó.vi]	(nove)	mininu	[mi.ní.nu]	(menino)
[ɲ]	nha	[ɲá]	(senhora)	ganha	[gé.ɲa]	(ganhar)

(ii) Africadas

[tʃ]	tcubi	[tʃú.bi]	(chover)	otca	[ó.tʃa]	(receber)
[dʒ]	djubi	[dʒú.bi]	(analisar)	odja	[ó.dʒa]	(ver)

(iii) Fricativas

[f]	figa	[fi.ga]	(figa)	lifanti	[li.fɛ̃n.ti]	(elefante)
[s]	selu	[sé.lu]	(selo)	presu	[pré.su]	(preço)

(iv) Laterais

[l]	lifanti	[li.fɛ̃n.ti]	(elefante)	fala	[fá.la]	(falar)
[ʎ]				filha	[fi.ʎa]	(filha)

(v) Vibrante

[r]	ropa	[ró.pa]	(roupa)	tera	[té.ɾa]	(terra)
-----	------	---------	---------	------	---------	---------

(vi) Glides

[j]	iagu	[já.gu]	(água)			
[w]	uaga	[wá.ga]	(derramar)			

À semelhança do que foi descrito a propósito do Ataque não ramificado preenchido por um segmento, também o Ataque não ramificado segmentalmente não preenchido (22) pode ocorrer em início e em interior de palavra, como mostram os exemplos que seguem:

(22)

a) início de palavra

b) interior de palavra

abril [a.bríl] (*abril*)

dia [dí.a] (*dia*)

Representação em árvore de um Ataque não ramificado

Segmentalmente preenchido

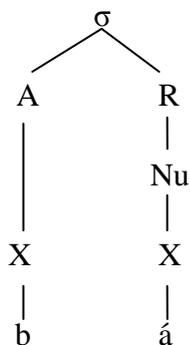


DIAGRAMA 18 – Representação da primeira sílaba da palavra <baka>

Segmentalmente não preenchido

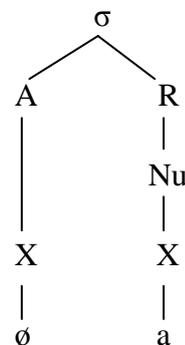


DIAGRAMA 19 – Representação da primeira sílaba da palavra <abril>

2.5.1.1.2. Ataque ramificado

O Ataque ramificado é preenchido por uma sequência de segmentos consonânticos. No entanto, e à semelhança do que acontece em outras línguas, no guineense, encontramos restrições quanto às combinações possíveis entre segmentos consonânticos. Apresentam-se, de seguida, os grupos consonânticos que respeitam o Princípio de Sonoridade:

(23)

a) início de palavra

b) interior de palavra

(i) oclusiva + vibrante

[pɾ] prasa [prá.sa] (*praça*)

kompra [kóm.pɾa] (*comprar*)

[bɾ] brevi [bré.vi] (*breve*)

labradur [la.bɾa.dúɾ] (*agricultor*)

[tɾ] tris [trís] (*três*)

ientra [jén.tɾa] (*entrar*)

[dɾ]	dritu	[dɾí.tu]	(<i>direito</i>)	padri	[pá.dɾi]	(<i>padre</i>)
[kɾ]	krimi	[kɾí.mi]	(<i>crime</i>)	sakrifis	[sa.kɾi.fis]	(<i>sacrifício</i>)
[gɾ]	gravi	[gɾá.vi]	(<i>grave</i>)	agricultura	[a.gɾi.kul.tú.ra]	(<i>agricultura</i>)
<i>(ii) oclusiva + lateral</i>						
[pl]	plaka	[plá.ka]	(<i>acalmar</i>)	kumplimenta	[kũm.pli.mén.ta]	(<i>cumprimentar</i>)
[bl]	bloku	[bló.ku]	(<i>bloco</i>)			
[kl]	klasi	[klá.si]	(<i>classe</i>)	saklateru	[sa.kla.té.ru]	(<i>que cria confusão</i>)
[gl]	glus	[glús]	(<i>guloso</i>)	inglis	[ɪŋ.glís]	(<i>inglês</i>)
[tl]				atleta	[a.tlé.ta]	(<i>atletalês</i>)
<i>(iii) fricativa + vibrante</i>						
[fɾ]	fresku	[fɾés.ku]	(<i>fresco</i>)	afrikanu	[a.fri.ká.nu]	(<i>africano</i>)
<i>(iv) fricativa + lateral</i>						
[fl]	flur	[flúr]	(<i>flor</i>)	aflitu	[a.flí.tu]	(<i>aflito</i>)

Os Ataques ramificados mais frequentes têm a estrutura oclusiva + vibrante ([pɾ], [bɾ], [tɾ], [dɾ], [kɾ] e [gɾ]), oclusiva + lateral ([pl], [bl], [kl] e [gl]), fricativa + vibrante ([fɾ]) e fricativa + lateral ([fl]). Nos exemplos apresentados, está contemplada a sequência [tl], que ocorre apenas em interior de palavra, no entanto, ressalva-se que se trata de um grupo consonântico pouco frequente no guineense.

Todas as sequências apresentadas respeitam o Princípio de Sonoridade. Não se refere, neste trabalho, a Condição de Dissemelhança – que postula que, em cada língua, existem diferenças mínimas de sonoridade entre segmentos homossilábicos adjacentes e que, portanto, apresenta especificações diferentes em cada língua – por não existirem ainda especificações para o guineense. Atendendo a que o *corpus* recolhido para a realização deste trabalho não é suficientemente extenso, também não se estabelecem, neste estudo, as diferenças mínimas entre o grau de sonoridade de segmentos adjacentes na mesma sílaba. Contudo, da observação dos dados disponíveis, verificámos que, tal como acontece em português (Mateus & Andrade, 2000), os grupos consonânticos constituídos por oclusiva + vibrante/lateral são mais frequentes do que os que são compostos por fricativa + vibrante/lateral, o que evidencia a preferência por sequências que apresentam uma distância de sonoridade maior entre os segmentos.

De acordo com os exemplos apresentados em (23), a sequência de oclusiva + vibrante ocorre em início e em interior de palavra e, em ambos os contextos, todas as oclusivas orais podem ser combinadas com o segmento vibrante. Na sequência de oclusiva + lateral, os segmentos [p], [b], [k] e [g] ocorrem nos dois contextos, [tl] só ocorre em interior de palavra e [dl], apesar de parecer uma estrutura aceitável, pois está de acordo com o Princípio de Sonoridade e apresenta uma distância de sonoridade entre os segmentos semelhante à de [tl], não ocorre no guineense. Nas sequências de fricativa + vibrante e fricativa + lateral, o número de combinações possível é mais restrito. De todos os segmentos [+contínuo] e [-soante], apenas [f] pode ser combinado com o segmento vibrante ou com o lateral.

Salienta-se que as possibilidades de combinação de segmentos consonânticos apresentadas nos exemplos de (23) ocorrem em palavras de origem portuguesa e são muito semelhantes às que existem em português: nesta língua, existem todas as estruturas exemplificadas, as estruturas com oclusiva + vibrante/lateral também são mais frequentes, a ocorrência de [tl] restringe-se também ao contexto de interior de palavra (em português, é também possível encontrar [dl], neste contexto, ainda que a sua ocorrência seja rara, tal como a de [tl]) e a possibilidade de combinações de segmentos fricativos com o segmento vibrante ou com o lateral cinge-se aos segmentos que se caracterizam pela ausência da propriedade [CORONAL] (nesta língua, podemos ainda encontrar [vr] em contexto de interior de palavra, ainda que a sua ocorrência seja rara).

Representação em árvore de um Ataque ramificado

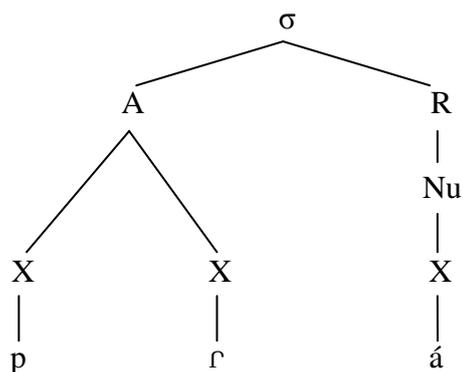


DIAGRAMA 20 – Representação da primeira sílaba da palavra <prasa>

Além das sequências apresentadas em (23 i, ii, iii e iv), é possível encontrar outras sequências de segmentos consonânticos em início (24a) e em interior (24b) de palavra. Os exemplos de (i) apresentam sequências de segmentos consonânticos fonológicos que, no nível fonético, podem apresentar diferentes realizações: nos exemplos de (i a), a sequência inicial

realiza-se frequentemente como segmento pré-nasalizado e, nos exemplos de (i b), pode realizar-se como segmento pré-nasalizado ou como segmento nasal homorgânico e segmento consonântico oral. Com estes exemplos pretende-se descrever a organização dos segmentos de base na estrutura silábica.

(24)

a) *início de palavra*

b) *interior de palavra*

(i) *nasal + oclusiva*

[mb]	mbarka	[mbáɾka] / [ẽmbáɾka]	(embarcar)	dinti	[dĩnti]	(dente)
[ŋk]	nkanta	[ŋkánta] / [ẽŋkánta]	(encantar)	manda	[mẽnda]	(enviar)

(ii) *fricativa + oclusiva*

[sp]	splora	[splóɾa]	(explorar)
[st]	strela	[stréla]	(estrela)
[sk]	skrita	[skríta]	(escrita)

(iii) *oclusiva + fricativa*

[ks]	seksa	[sɛksá]	(secar)
------	-------	---------	---------

(iv) *outras sequências*

[sf]	sforsu	[sfóɾsu]	(esforço)
[ps]	psikolojiku	[psikólóʒiku]	(psicológico)

[ob]	obdiensia	[ɔbdjẽnsja]	(obdiência)
------	-----------	-------------	-------------

Os exemplos apresentados mostram-nos sequências de segmentos consonânticos que, no nível fonético, parecem preencher o Ataque de uma sílaba. No entanto, estas sequências violam o Princípio de Sonoridade e levantam dúvidas quanto à identificação das fronteiras silábicas (cf. 2.1.2.).

Observando os exemplos de (24 a i) e (24 b i), que ilustram sequências de segmento nasal + segmento oclusivo, verificamos que, no nível fonético, podemos encontrar realizações pré-nasalizadas, como [mbáɾka], ou realizações homorgânicas do segmento nasal de acordo com as propriedades de Ponto de Articulação do segmento consonântico seguinte, como [ẽŋkánta]. De acordo com a proposta de interpretação do estatuto fonológico dos segmentos destas sequências (cf. 2.1.2.2.), o segmento nasal e o segmento oclusivo são heterossilábicos. Assim, o exemplo [ŋkánta] apresenta uma estrutura silábica C.CVC.CV. Segundo esta

perspetiva de análise, o segmento nasal inicial preenche a Coda de uma sílaba com Núcleo vazio e, neste contexto, partilha com o segmento adjacente à direita a especificação de nasalidade; em posição de sílaba interior, a expansão do traço [+nasal] afeta também o segmento vocálico adjacente à esquerda. Em exemplos como [ẽŋkãnta], o Núcleo vazio, no nível fonológico, é preenchido, no nível fonético, por uma vogal que recebe também a especificação de nasalidade. Com esta divisão silábica, é respeitado o Princípio de Sonoridade, pois o primeiro segmento da sequência preenche a Coda da sílaba anterior e o segundo segmento da sequência associa-se ao Ataque da sílaba seguinte. Apresentam-se, de seguida, as representações em árvore das duas sílabas iniciais de *nkanta*: em a), a primeira sílaba, com o Núcleo não preenchido e, em b), a segunda, com o Núcleo preenchido por uma vogal.

a) Núcleo não preenchido b) Núcleo preenchido por uma vogal

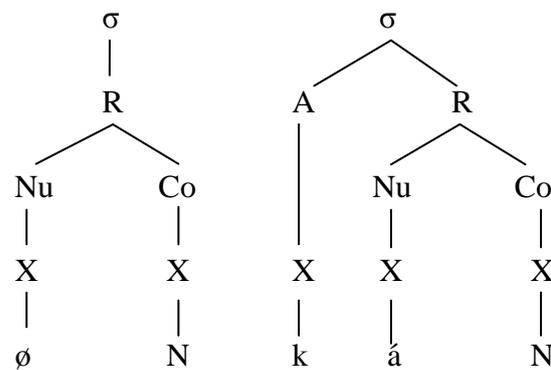


DIAGRAMA 21 – Representação de /N.kãN/

Os exemplos de (24 a ii) mostram-nos sequências de segmento fricativo + segmento oclusivo + segmento vibrante / segmento lateral. Se interpretarmos esta sequência como homossilábica, há violação do Princípio de Sonoridade – a sonoridade decresce do segmento fricativo para o segmento oclusivo e cresce do segmento oclusivo para o segmento seguinte – e do Princípio de Binaridade Máxima dos Constituintes – o Ataque domina três posições no esqueleto e não apenas duas. Se considerarmos a existência de fronteira silábica entre o segmento fricativo e o oclusivo, são respeitados todos os princípios de boa formação silábica. O segmento fricativo preenche a Coda de uma sílaba com Núcleo não preenchido e a sequência de segmento oclusivo + segmento vibrante / segmento lateral, que respeita o Princípio de Sonoridade, preenche o Ataque ramificado da sílaba seguinte. Outro argumento a favor desta hipótese é o facto de, nestas sequências em início de palavra, o segmento fricativo assimilar o traço [vozeado] do segmento adjacente à direita, assumindo, um comportamento

semelhante ao que revela quando preenche a Coda de uma sílaba em interior de palavra. Além disso, à semelhança do que acontece com os exemplos de (24 a i), também é possível a prótese de um segmento vocálico antes destas sequências, por exemplo, *splora* alterna com *isplora*. Apresentam-se, de seguida, as representações em árvore das sílabas iniciais de *splora* (diagrama 22) e *isplora* (diagrama 23):

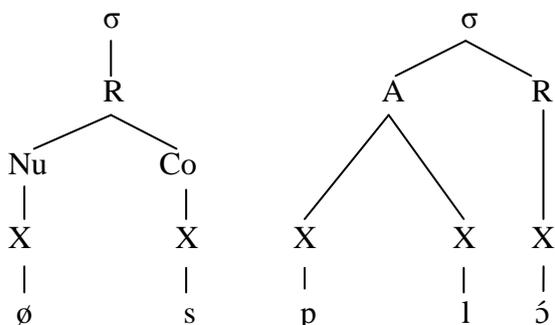


DIAGRAMA 22 – Representação de [s.pló]

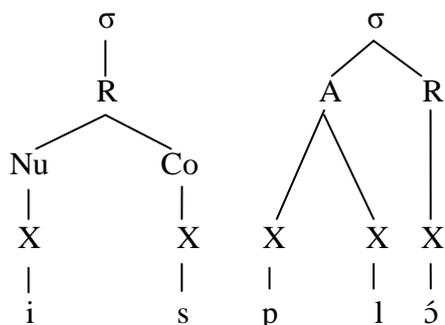


DIAGRAMA 23 – Representação de [is.pló]

Observando o exemplo de (24 b iii), encontramos uma sequência de segmento oclusivo + segmento fricativo em interior de palavra. Considerando a hipótese de esta sequência ser homossilábica, é respeitado o Princípio de Sonoridade, pois o segmento oclusivo, que tem o grau mínimo de sonoridade, ocorre antes do fricativo, que tem um grau de sonoridade superior ao do segmento que o antecede. Contudo, embora não estejam determinadas as especificações da Condição de Dissemelhança para o guineense, salienta-se que não há distância de sonoridade entre os segmentos, pois os segmentos oclusivos e os fricativos são adjacentes na escala de sonoridade. Se colocarmos a hipótese de os segmentos da sequência serem heterossilábicos, podemos questionar se o segmento oclusivo preenche a Coda da sílaba inicial da palavra ou se preenche o Ataque de uma sílaba com o Núcleo não preenchido. Atendendo a que a ocorrência de um segmento oclusivo em Coda é raríssima e tendo em conta que *seksa* alterna com *sekusa*, havendo a epêntese de um segmento vocálico entre a sequência de segmentos consonânticos, a possibilidade de o segmento oclusivo preencher o Ataque de uma outra sílaba e não a Coda da sílaba inicial parece ser mais adequada. A existência de um Núcleo vazio entre os dois segmentos consonânticos legitima a ocorrência da vogal epentética.

Esta proposta de identificação das fronteiras silábicas em sequências que violam os princípios de organização dos segmentos dentro das sílabas vai ao encontro da interpretação apresentada por Kihm (1994). Apresentam-se, de seguida, as representações em árvore das sílabas de *seksa* (diagrama 24) e de *sekusa* (diagrama 25):

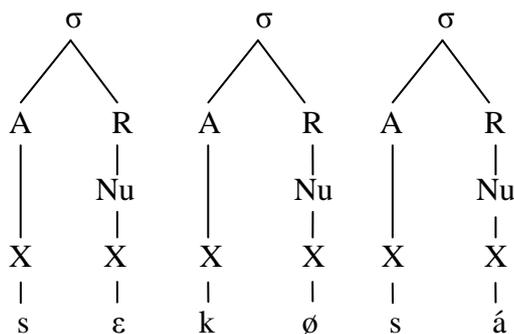


DIAGRAMA 24 – Representação de [sɛ.kø.sá]

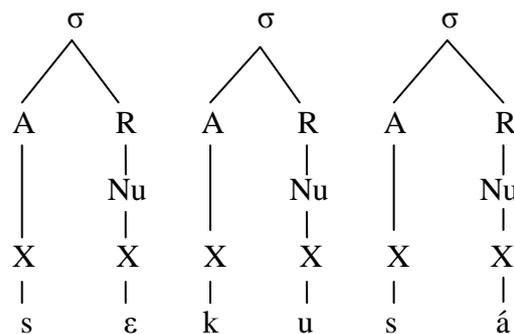


DIAGRAMA 25 – Representação de [sɛ.ku.sá]

Os exemplos de (24 a iv) e (24 b iv) mostram-nos outras sequências de segmentos consonânticos, que são raras e que ocorrem apenas em palavras que entraram recentemente no guineense. À semelhança das sequências anteriormente analisadas, também estas estruturas violam alguns dos princípios de boa formação da sílaba e levantam dúvidas quanto à identificação das fronteiras silábicas. Nas sequências [sf] e [bd], há violação do Princípio de Sonoridade: os segmentos da sequência têm o mesmo grau de sonoridade. A sequência [ps] respeita o Princípio de sonoridade, mas apresenta dois segmentos adjacentes na escala de sonoridade e, no guineense, esta estrutura não é frequente. Assim, propõe-se também que os segmentos que constituem estas sequências sejam considerados heterossilábicos. Na estrutura [sf], à semelhança do que foi sugerido para os exemplos de (24 a ii), o primeiro segmento preenche a Coda de uma sílaba com Núcleo não preenchido e o segundo preenche o Ataque da sílaba seguinte. Nas estruturas [ps] e [bd], propõe-se a criação de um Núcleo não preenchido entre os segmentos da sequência. O primeiro segmento preenche o Ataque de uma sílaba que tem um Núcleo vazio e o segundo segmento constitui o Ataque da sílaba seguinte. Apresentam-se as representações em árvore das sílabas iniciais de *sforsu* (diagrama 26), de *psicologiku* (diagrama 27) e de *obdiensia* (diagrama 28).

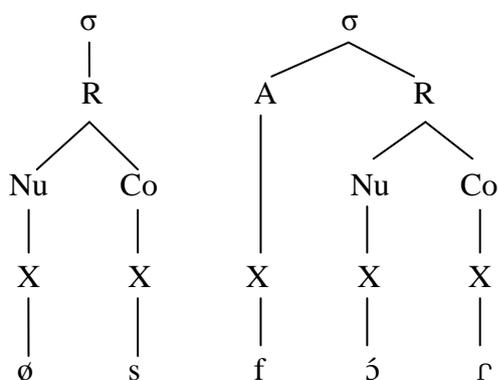


DIAGRAMA 26 – Representação de [s.fór]

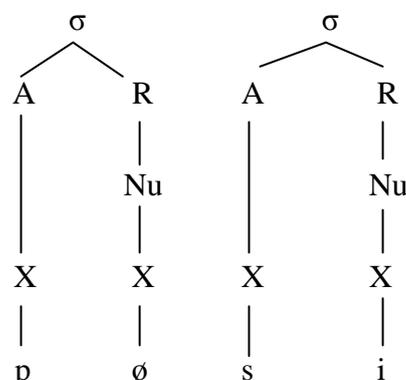


DIAGRAMA 27 – Representação de [p.si]

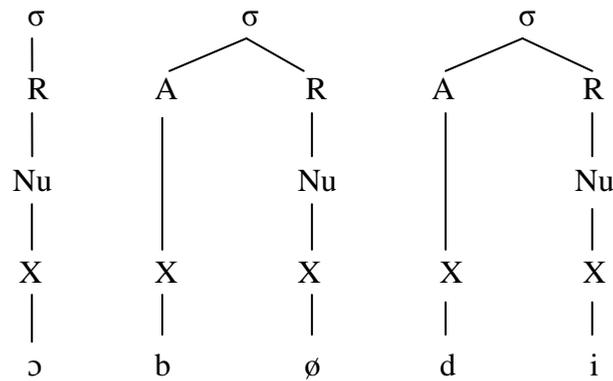


DIAGRAMA 28 – Representação de [ɔ.b.di]

2.5.1.2. Rima

A Rima domina dois constituintes terminais, o Núcleo e a Coda, e pode ser não ramificada – quando apresenta apenas um Núcleo – ou ramificada – quando apresenta um Núcleo e uma Coda. Apresentam-se, de seguida, as representações em árvore das duas sílabas de *arus*, que exemplificam os dois tipos de Rima: Rima não ramificada na primeira sílaba (diagrama 29) e Rima ramificada na segunda sílaba (diagrama 30):

a) Rima não ramificada

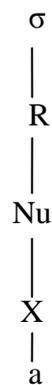


DIAGRAMA 29 – Representação de [a]

b) Rima ramificada

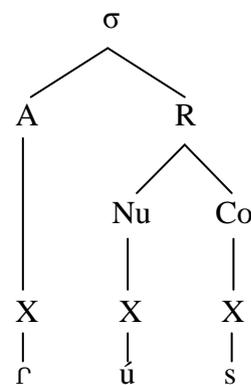


DIAGRAMA 30 – Representação de [rús]

2.5.1.2.1. Núcleo

O Núcleo admite apenas segmentos [-consonântico], i.e., neste constituinte silábico apenas podem ocorrer segmentos vocálicos e glides. O Núcleo pode dominar uma posição no esqueleto, Núcleo não ramificado, ou duas posições no esqueleto, Núcleo ramificado.

2.5.1.2.1.1. Núcleo não ramificado

A posição no esqueleto dominada pelo Núcleo não ramificado pode ser preenchida por qualquer um dos segmentos vocálicos da língua (/a/, /ε/, /i/, /ɔ/ e /u/) ou pode não estar segmentalmente preenchida, em casos particulares, já referidos. Apresentam-se alguns exemplos de palavras, cujas sílabas apresentam Núcleos não ramificados segmentalmente não preenchidos (25a) e Núcleos não ramificados preenchidos por um segmento vocálico (25b):

(25)

a) Núcleo não preenchido

nteres [ø̃n.tɛrɛs] (*interesse*)
 skrita [ø̃s.kríta] (*escrita*)
 seksa [sɛ.kø̃.sá] (*secar*)
 psikolojiku [pø̃.sikɔlɔ́ʒiku] (*psicológico*)
 obdiensia [ɔ̃.bø̃.djé̃nsja] (*obdiência*)

b) Núcleo preenchido por um segmento

bariga [ba.rí.ga] (*barriga*)
 fiansa [fi.án.sa] (*garantia*)
 kriansa [kri.án.sa] (*criança*)
 zeru [zɛ.ru] (*zero*)
 lingron [li.ŋgrɔ̃ŋ] (*tipo de molusco*)

Apresentam-se, de seguida, as representações em árvore das sílabas iniciais de *nteres*, que exemplificam um Núcleo não ramificado, segmentalmente não preenchido (a) e um Núcleo não ramificado, preenchido por um segmento vocálico (b):

Representação em árvore de um Núcleo não ramificado

a) *segmentalmente não preenchido*

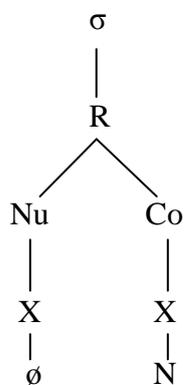


DIAGRAMA 31 – Representação de [ø̃N]

b) *segmentalmente preenchido*

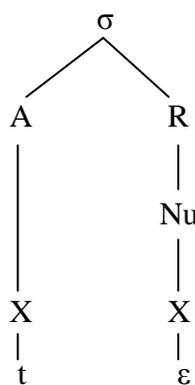


DIAGRAMA 32 – Representação de [tɛ]

O exemplo [li.ŋgrɔ̃ŋ] ilustra a ocorrência de segmentos vocálicos [+nasal] associados ao Núcleo. Porém, como foi referido a propósito da análise fonológica dos segmentos vocálicos (cf. 2.2.2.), estas realizações fonéticas nasais resultam do processo de expansão de nasalidade que ocorre sempre que o segmento vocálico antecede um segmento nasal em posição de Coda, quer este segmento se realize no nível de superfície como nasalidade dos segmentos adjacentes à esquerda e à direita, como ilustra a primeira sílaba do exemplo apresentado, quer se realize como nasalidade do segmento que o antecede e como consoante, como ilustra a segunda sílaba. Apresentam-se as representações em árvore das duas sílabas de *lingron* que exemplificam o processo de expansão do traço [nasal], que, na primeira sílaba, afeta os segmentos adjacentes à esquerda e à direita e, na segunda sílaba, afeta o segmento vocálico adjacente à esquerda. Nesta representação estão ainda ilustradas duas realizações possíveis do segmento nasal: constituindo com a consoante adjacente à direita um segmento pré-nasalizado, que preenche o Ataque da segunda sílaba, e como segmento consonântico em Coda da segunda sílaba:

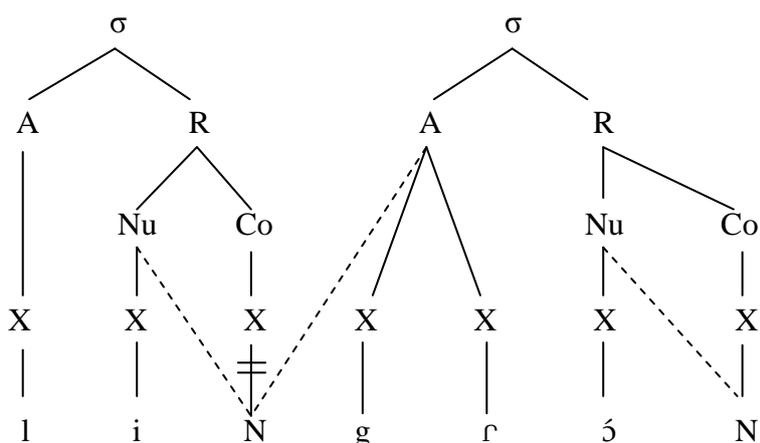


DIAGRAMA 33 – Representação de [li.ŋgrɔ̃ŋ]

2.5.1.2.1.2. Núcleo ramificado

O Núcleo ramificado admite uma sequência de segmento [+silábico] e segmento [-silábico]. Apresentam-se alguns exemplos de palavras que contêm sílabas com Núcleo ramificado em posição de início (26a), e de fim (26b) de palavra:

(26)

a) início de palavra

oito [ój.tu] (*oito*)

aula [áw.la] (*aula*)

b) fim de palavra

rei [réj] (*rei*)

seu [séw] (*céu*)

mau [máw] (*mau*)

Representação em árvore de um Núcleo ramificado

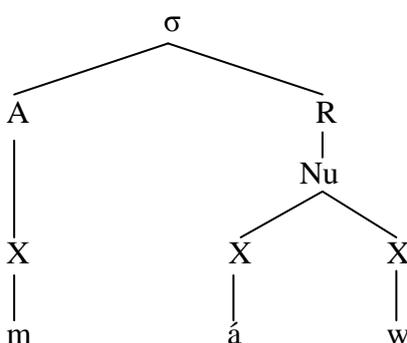


DIAGRAMA 34 – Representação de [máw]

2.5.1.2.2. Coda

A Coda é o constituinte silábico menos frequente no guineense. Este constituinte domina os segmentos [+consonântico] à direita do Núcleo e o número de segmentos que ocorre nesta posição é muito restrito, apenas /N/, /s/, /l/, /r/, /p/, /t/, /k/ e /f/ podem preencher a Coda de uma sílaba. No entanto, os segmentos /p/, /t/, /k/ e /f/ só ocorrem em monossílabos que são “adjuntos de intensidade”; nas restantes palavras, encontramos apenas /N/, /s/, /l/ e /r/. Apesar das restrições ao nível dos segmentos associados a este constituinte, de acordo com o Princípio da Binaridade Máxima dos Constituintes, a Coda pode dominar uma posição no esqueleto, Coda não ramificada, ou duas posições no esqueleto, Coda ramificada. Ressalva-se que a Coda ramificada é raríssima no guineense e encontra-se apenas em palavras de origem portuguesa que entraram recentemente na língua, como *transfuson* [trãns.fu.sóŋ] (*transfusão*).

2.5.1.2.2.1. Coda não ramificada

A Coda não ramificada, em sílaba inicial ou interior de palavra, pode estar segmentalmente preenchida por /N/, /s/, /l/ e /r/ e, em sílaba final, além destes segmentos, podem também ocorrer /p/, /t/, /k/ e /f/. Apresentam-se, de seguida, alguns exemplos das realizações destes segmentos em Coda⁴⁷:

(27)

a) sílabas iniciais e/ou interiores

[n]	kanta	[kĕn.ta], /kĕN.ta/	(cantar)
[m]	kompra	[kôm.pra], /kÓN.pra/	(comprar)
[ŋ]	tabanka	[ta.bãŋ.ka], /ta.bãN.ka/	(aldeia)
[s]	skrita	[s.krí.ta]	(escrita)
[z]	mesmu	[méz.mu], /més.mu/	(mesmo)
[l]	falsi	[fál.si]	(morrer)
[r]	korpu	[kór.pu]	(corpo)

b) sílabas finais

[ŋ]	kamion	[kamjõŋ] / [kamjõ]	(camião)
[s]	des	[dés]	(dez)
[r]	mar	[már]	(mar)
[p]	map	[map]	(em cheio)
[t]	fit	[fit]	(ação com velocidade)
[k]	tok	[tɔk]	(conjunção subordinativa temporal)
[f]	tcif	[tʃif]	(lento, silencioso)

Observando os exemplos, verificamos que os segmentos /N/ e /s/ apresentam diferentes realizações fonéticas em Coda. Quando estão associados a este constituinte silábico, em sílaba não final, /N/ e /s/ encontram-se subespecificados no nível fonológico e, no nível de superfície, assimilam, do segmento adjacente à direita, os traços que não estão

⁴⁷ Nos exemplos apresentados para o segmento /N/ em Coda de sílaba interior, consideramos a realização deste segmento como consoante homorgânica.

indicados na estrutura de base (cf. 2.4.1.). O segmento nasal assimila o traço relativo ao Ponto de Articulação e o segmento fricativo assimila o traço [vozeado]. Em sílaba final, /N/ pode realizar-se como nasalidade do segmento vocálico que o antecede e como segmento consonântico ([kamj^hõ]), ou apenas como nasalidade do segmento vocálico que o antecede ([kamj^hõ]).

Representação em árvore de uma Coda não ramificada

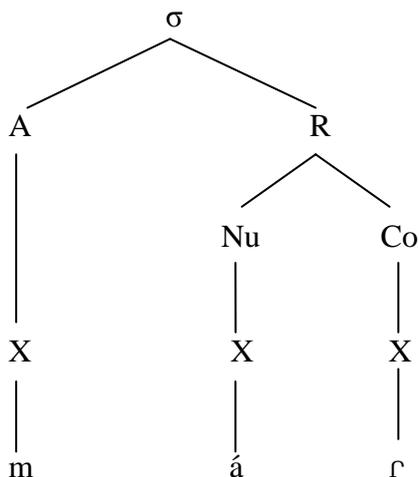


DIAGRAMA 35 – Representação de <mar>

2.5.2. Padrões silábicos

De acordo com a descrição da estrutura silábica anteriormente apresentada, verificamos que, no guineense, existem sílabas com estrutura V, VG, VC, CV, CVC, CVG, CVGC, CCV e CCVC. Embora seja possível encontrar estruturas com CC em Coda, dado que estas ocorrem apenas num reduzido número de neologismos ou novas formas de palavras já integradas, não se considera a existência desta estrutura nos padrões silábicos da língua.

Dos padrões enumerados, o mais frequente e que constitui a sílaba ótima nesta língua é CV; o padrão CVC é muito frequente, os padrões V, VG, VC, CVG, CCV, CCVC não são muito frequentes e CVGC é raríssimo. Assim, considera-se que os padrões não marcados desta língua são CV e CVC, como ocorre na maioria das línguas.

Todos os padrões silábicos enumerados existem na língua que constitui a base lexical deste crioulo e os padrões silábicos V, VC, CV, CVC, CCV e CCVC são também comuns a algumas línguas de adstrato, como o mancanha, o manjaco e o pepel (Mane, 2001). Na língua

fula, segundo Moura (2007), existem os padrões V, VV, VC, CV e CVC. Nestas línguas étnicas, CV é também a estrutura silábica ótima e CVC é o segundo padrão mais frequente (Mane, 2001; Moura, 2007). De acordo com a proposta de Mane (2001), no mancanha, no manjaco e no pepel, não existem sequências (C)VG. Assim, a existência desta estrutura silábica no guineense parece resultar da influência da língua de superstrato. O Ataque ramificado é uma estrutura pouco frequente no guineense e, embora também seja comum a algumas línguas étnicas, as possibilidades de combinação de segmentos nesta estrutura são muito semelhantes às do português. Da comparação dos padrões silábicos existentes no crioulo, no português e nas línguas étnicas referidas, parece evidente a existência de influência tanto da língua que constitui a base lexical como das línguas de adstrato.

Esta proposta de descrição dos padrões silábicos existentes no guineense difere, em alguns pontos, das interpretações dos investigadores que trataram esta questão. Couto (1994) atesta a existência das estruturas V, VC, CV, CVC, CCV e CCVC, mas não menciona as estruturas em que ocorrem VG, embora considere que as glides fonéticas pós-vocálicas correspondam a vogais assilábicas em estrutura de base. Além disso, o autor apresenta a estrutura CCCV, sendo a sequência consonântica constituída por segmento fricativo + segmento oclusivo + segmento vibrante / segmento lateral. Neste trabalho, esta estrutura não está contemplada entre os exemplos de possíveis estruturas silábicas porque não foi interpretada como uma sequência homossilábica. Mane (2001), à semelhança de Couto (1994), também não considera a existência de estruturas com VG e Andrade *et al.* (1992) referem a existência de todas as estruturas apresentadas.

III. Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo apresentar uma proposta de descrição, fonética e fonológica, da estrutura segmental e da estrutura silábica do guineense, partindo de um *corpus* recolhido para lhe servir de base, assim como das propostas de interpretação de aspetos fonológicos e prosódicos já existentes.

Pela descrição do panorama linguístico da Guiné-Bissau, apresentada na primeira parte deste trabalho, percebemos que o facto de o guineense se inserir num contexto multilingue – coexistindo geograficamente com diversas línguas étnicas, línguas de adstrato que foram outrora as línguas de substrato, e com o português, que foi a língua de superstrato e é, atualmente, a língua oficial do país – em muito contribui para a variação linguística que observamos nesta língua. Esta variação dificulta a escolha da variedade de crioulo a ser descrita e a interpretação de diversas questões. Na síntese das propostas de descrição de aspetos de fonologia segmental e prosódica, tornou-se evidente essa dificuldade, pelas diferentes variedades escolhidas para objeto de estudo pelos investigadores (o que motivou divergências nos inventários de segmentos), e pela ausência de consenso quanto à interpretação de questões como os segmentos pré-nasalizados e as glides da estrutura fonética, a descrição das estruturas silábicas e a distribuição dos segmentos pelos diferentes constituintes silábicos.

Neste trabalho, estabeleceu-se como objeto de estudo o guineense, considerando que no discurso de cada falante coocorrem características das principais variedades do crioulo – o crioulo tradicional e o crioulo aportuguesado – e, tendo também em conta as descrições já existentes e a observação do *corpus* recolhido para a análise, tentámos contribuir para o esclarecimento dos aspetos referidos com a proposta de interpretação que se expôs na segunda parte.

No domínio segmental, a descrição proposta neste trabalho permitiu-nos verificar que o número de realizações fonéticas é muito superior ao número de segmentos fonológicos e que as unidades do nível de superfície que não correspondem a segmentos de base podem ser derivadas pela atuação de processos fonológicos de assimilação e de alteração de traços distintivos.

Relativamente aos segmentos consonânticos, foram identificadas trinta e duas realizações de superfície: [p, b, t, d, k, g, mp, mb, nt, nd, ŋk, ŋg, m, n, ɲ, ŋ, ʃ, dʒ, nʃ, ndʒ, f, v, s, z, ʃ, ʒ, l, ʎ, r, ɾ, j, w] e, de acordo com a proposta de interpretação fonológica destas

unidades fonéticas, considerou-se a existência de dezassete segmentos fonológicos: /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, ʃ, dʒ, f, s, l, r, j, w/. Não fazem parte do inventário fonológico: os segmentos fonéticos pré-nasalizados, que foram interpretados como o resultado do processo de expansão do traço [+nasal] que ocorre quando, no nível fonológico, se encontra uma sequência heterossilábica de segmento nasal e segmento oclusivo/africado; a realização [ɲ], pois foi proposto que esta realização fonética deriva de um segmento fonológico nasal subespecificado, que se associa à Coda de uma sílaba em posição de início – seguido de um segmento consonântico [-anterior] heterossilábico –, de interior – seguido de um segmento consonântico [-anterior] heterossilábico ou de um segmento vocálico – ou de fim de palavra; e as realizações fonéticas [v, ʃ, ʒ, ʎ], que foram interpretadas como alofones de segmentos de base e verificou-se que ocorrem apenas em novas formas de palavras, de base lexical portuguesa, já usadas na língua com formas diferentes. Ressalva-se que o segmento [ks], inventariado por Scantamburlo⁴⁸, não ocorre no nosso *corpus*.

Relativamente aos segmentos vocálicos, registou-se a ocorrência de dezasseis realizações fonéticas [a, ɐ, ɛ, e, i, ɔ, o, u, ã, ẽ, ẽ̃, ẽ̄, ĩ, õ, õ̃, ȭ] que, de acordo com a proposta de interpretação fonológica, derivam de cinco segmentos fonológicos /a, ɛ, i, ɔ, u/. Concluiu-se que as unidades [a] e [ɐ], [ɛ] e [e], [ɔ] e [o] são realizações fonéticas, em variação livre, dos segmentos /a/, /ɛ/ e /ɔ/, respetivamente, e os segmentos [+nasal] da estrutura de superfície correspondem a realizações fonéticas contextuais dos segmentos vocálicos orais. Estas realizações fonéticas nasais foram interpretadas como o resultado do processo de expansão de nasalidade que ocorre quando, em estrutura de base, o segmento vocálico oral precede um segmento consonântico nasal homossilábico. À semelhança do que se verificou nas vogais orais, [ã] e [ẽ], [ẽ̃] e [ẽ̄], [ĩ] e [õ] foram interpretados como realizações fonéticas contextuais, em variação livre, dos segmentos /a/, /ɛ/ e /ɔ/, respetivamente.

No que diz respeito às glides, verificámos que estes segmentos (i) apresentam um comportamento consonântico em posição pré-vocálica em início de palavra e em posição intervocálica (nesta posição, ocorre apenas o segmento /j/); (ii) correspondem a vogais assilábicas de base ([-consonântico], [-silábico]) em posição pós-vocálica; e (iii) são realizações de superfície de um segmento vocálico [+alto] em estrutura de base, pela atuação

⁴⁸ Este investigador apresenta como exemplos de ocorrência desta realização fonética as palavras *Dixon* (nome próprio) e *fixa* (*fixar*) (Scantamburlo, 1999, p. 129). No entanto, os informantes entrevistados para a elaboração do *corpus* pronunciaram *fixa* como [fisa] e *Dixon* como [diksõ̃]; quando questionados quanto à existência de outros vocábulos em que a realização [ks] pudesse ocorrer, responderam que não se lembravam de nenhum além do nome próprio *Dixon*.

do processo de alteração do valor do traço [silábico], que ocorre quando um segmento vocálico [+alto] átono está seguido de outro segmento vocálico, heterossilábico.

De acordo com a proposta de interpretação fonológica exposta neste estudo, os processos de (i) assimilação do traço [vozeado], dos traços de ponto de articulação de consoante e do traço [+nasal] e de (ii) alteração do valor do traço [silábico] permitem-nos obter todas as realizações fonéticas que não figuram nas matrizes de cada classe natural de segmentos.

No domínio silábico, confirmámos que CV é o padrão silábico ótimo do guineense e, além desta estrutura, encontramos V, VG, VC, CVC, CVG, CVGC, CCV e CCVC. A proposta de existência destas estruturas resulta da aplicação dos princípios universais de boa formação silábica, pois, de acordo com estes pressupostos, propusemos o estabelecimento de fronteiras silábicas em sequências que, em superfície, não respeitam as condições de boa formação silábica. De acordo com a fonologia da língua e com a frequência com que ocorrem, considerámos CV e CVC as estruturas não marcadas desta língua e destacámos que CVGC é uma estrutura que ocorre com escassa frequência.

Além das considerações expostas, a realização deste estudo permitiu-nos também verificar que, no guineense, parece manifestar-se a influência das línguas de adstrato e da língua de superstrato: as realizações fonéticas pré-nasalizadas, a ocorrência de [ŋ] em palavras de base lexical mandinga, a ocorrência de [ɲ] em posição de início de palavra e o facto de o contraste estabelecido pelo traço [vozeado] se limitar à classe dos segmentos obstruintes são características das línguas étnicas; as realizações [v, ʃ, ʒ, ʎ], inexistentes em algumas das línguas de substrato, são características do português. A par destas particularidades, há ainda aspetos comuns tanto às línguas étnicas como ao português: os segmentos africados, os segmentos vocálicos e algumas estruturas silábicas.

Relativamente a /tʃ/ e /dʒ/, não há consenso quanto à origem destes segmentos e as opiniões dos investigadores divergem quanto à(s) língua(s) de que provêm estas unidades: línguas de substrato ou língua de superstrato. Couto (1994) defende que a existência destes segmentos no guineense se deve à influência das línguas de substrato e refere, a propósito, que:

...à época do início das navegações eles já estavam em vias de extinção, subsistindo apenas no norte do país. No sul, eles nunca chegaram a penetrar. E é aí que a língua se consolidava. Ademais, grande parte das línguas de substrato os possui. Por que, então, forçar uma origem em uma língua onde sua presença era tão débil e negá-la para

línguas em que eles têm uma grande pujança? Só para negar influência do substrato?»
(pp. 68-69).

Não foi nosso objetivo comprovar a origem destes segmentos; porém, observámos que o som [ʃ], característico das palavras portuguesas grafadas com <x>, evoluiu para [s] e que a realização [ʃ], específica das palavras portuguesas grafadas com <ch>, manteve a mesma realização fonética no guineense. Assim, a existência de segmentos africados nesta língua parece dever-se simultaneamente à língua de superstrato, pelas evidências expostas, e às línguas de adstrato, nas quais estes segmentos já existiam e ainda se conservam atualmente, o que certamente terá contribuído para que os segmentos africados se consolidassem no sistema fonológico do guineense.

Quanto aos segmentos vocálicos, as realizações fonéticas orais e a inexistência de segmentos nasais com estatuto fonológico são aspetos comuns tanto às línguas étnicas como ao português.

A estrutura silábica ótima, CV, também é comum a todas estas línguas e, nas estruturas que apresentam CC em Ataque, as sequências de segmentos possíveis neste constituinte também são comuns ao português e a algumas das línguas de substrato.

Além dos aspetos referidos, observámos ainda que, com muita frequência, as palavras que, em português, apresentam uma sequência homossilábica de vogal e consoante nasal ou vogal e consoante fricativa em posição inicial, na passagem para o guineense, sofreram aférese da vogal inicial e, nesta língua, apresentam uma consoante em posição inicial: as palavras guineenses *sukuta* e *ntindi* derivam das palavras portuguesas *escutar* e *entender*, respetivamente (Kihm, 1994). Na palavra *sukuta*, ocorreu uma ressilabificação da palavra portuguesa, que apresenta as estruturas VC.CV.CVC, no sentido de se obter a estrutura silábica ótima do crioulo – ocorreram fenómenos de aférese, apócope e epêntese e os segmentos foram reorganizados na estrutura silábica, resultando desta reestruturação uma palavra com o padrão silábico ótimo em todas as sílabas, CV.CV.CV. Na palavra *ntindi*, de acordo com a proposta de interpretação exposta neste estudo, a sequência inicial de consoante nasal e consoante oral é heterossilábica em estrutura de base – tal como na língua de superstrato –, mas, no nível fonético, é frequentemente realizada como um segmento pré-nasalizado [nt] – o que se assemelha às línguas de adstrato.

Em suma, é evidente a influência tanto da língua de superstrato como das línguas de substrato/adstrato na fonologia deste crioulo. Porém, a escassez de descrições disponíveis das

línguas étnicas dificulta a interpretação fonológica de várias questões, como a realização [ɲ], sempre que ocorre em posição de início ou de interior de palavra seguida de vogal.

Tendo em conta a complexidade do panorama linguístico em que se insere o guineense, o facto de este crioulo ser a língua veicular de uma comunidade multilingue e considerando a inexistência de instrumentos de normatização desta língua, a realização deste estudo revelou-se um desafio enriquecedor, mas, simultaneamente, árduo e complexo. Salienta-se que as descrições propostas neste trabalho pretendem ser apenas um contributo para a interpretação de questões de fonologia segmental e prosódica desta língua, havendo ainda, nesta área, muitos pontos a explorar: entre outros aspetos possíveis, uma recolha de dados localmente e o estudo experimental dos dados.

Referências bibliográficas

- Avram, A. A. (2010). The pre-nasalized consonants of kriyol. *Bucharest Working Papers in Linguistics*, 1, 203-214. Disponível em http://bwpl.unibuc.ro/uploads_ro/805/BWPL_2010_nr._1_Avram.pdf, acessado em 2 de outubro de 2012.
- Andrade, E., Gomes, A., & Teixeira, I. (1992). Observações sobre o Sistema Acentual do Crioulo da Guiné-Bissau (CGB). In E. d' Andrade, & A. Kihm (Orgs.), *Actas do Colóquio sobre Crioulos de base lexical portuguesa* (135-140). Lisboa: Edições Colibri.
- Andrade, E., & Kihm, A. (2000). Stress in three creoles. In E. d' Andrade, M. A. Mota, & D. Pereira (Orgs.), *Crioulos de base portuguesa* (97-109). Lisboa: APL. Disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/fala/publica/Stress_in_3_creole.pdf, acessado em 2 de outubro de 2012.
- Barbosa, J. M. (1994). *Introdução à Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Almedina.
- Bull, B. P. (1975). *O Crioulo da Guiné-Bissau: Filosofia e Sabedoria*. Bissau: INEP.
- Clements, G. N. (1985). The Geometry of Phonological Features. In J. A. Goldsmith (Ed.), *Phonological Theory: the essential readings* (201-223). Massachusetts: Blackwell Publishers.
- Clements, G. N., & Keyser S. J. (1983). From CV Phonology: A Generative Theory of the Syllable. In J. A. Goldsmith (Ed.), *Phonological Theory: the essential readings* (185-200). Massachusetts: Blackwell Publishers.
- Couto, H. H. do. (1982). As consoantes pré-nasalizadas do crioulo da Guiné-Bissau. *Soronda – Revista de Estudos Guineenses*, 14, 97-105. Disponível em http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_11341, acessado em 2 de outubro de 2012.

- Couto, H. H. do. (1991). Unidade versus diversidade linguística na Guiné-Bissau. *Papia*, 1 (2), 42-48. Disponível em <http://revistas.fflch.usp.br/papia>, acessado em 12 de novembro de 2010.
- Couto, H. H. do. (1992). Lançados, grumetes e a origem do crioulo português no noroeste africano. In E. d' Andrade, & A. Kihm (Orgs.), *Actas do Colóquio sobre Crioulos de base lexical portuguesa* (109-122). Lisboa: Edições Colibri.
- Couto, H. H. do. (1994). *O Crioulo Português da Guiné-Bissau*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- Couto, H. H. do. (1996). O componente nasal das consoantes pré-nasalizadas do crioulo da Guiné-Bissau: um caso de extrassilabidade?. *Letras de Hoje*, 31 (2), 119-128. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15597>, acessado em 2 de outubro de 2012.
- Couto, H. H. do. (2001). Os hipocorísticos crioulos e o conceito de sílaba ótima. *Papia*, 10, 50-65. Disponível em <http://revistas.fflch.usp.br/papia>, acessado em 2 de outubro de 2012.
- Couto, H. H. do. (2009). As narrativas orais crioulo-guineenses. *Papia*, 19, 51-68. Disponível em <http://revistas.fflch.usp.br/papia>, acessado em 2 de outubro de 2012.
- Couto, H. H. do. (2009). O português e o crioulo na Guiné-Bissau. In A. M. Carvalho (Org.), *Português em Contacto* (53-66). Madrid: Iberoamericana. Disponível em <http://books.google.pt/books?id=dIfsXwyevVgC&pg=PR4&lpg=PR4&dq=couto+2009+o+portugu%C3%AAs+e+o+crioulo+na+guin%C3%A9-bissau>, acessado em 2 de outubro de 2012.
- Cunha, Celso. (1981). *Língua, Nação, Alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Embaló, Filomena. (2008). O crioulo da Guiné-Bissau: Língua nacional e factor de identidade nacional. *Papia*, 18, 101-107. Disponível em <http://revistas.fflch.usp.br/papia>, acessado em 2 de outubro de 2012.

- Ernestus, M., & Baayen, R. H. (2011). Corpora and Exemplars in Phonology. In J. A. Goldsmith, J. Riggle, & A. C. L. Yu. (Eds.), *The Handbook of Phonological Theory* (2^a ed.) (374-400). Oxford: Wiley-Blackwell.
- Ewen, C. J., & Hulst, H. van der. (2001). *The Phonological Structure of Words: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ferraz, L. I. (1979). *The Creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Goldsmith, J. A. (1976). An Overview of Autosegmental Phonology. In J. A. Goldsmith (Ed.), *Phonological Theory: the essential readings* (137-161). Massachusetts: Blackwell Publishers.
- Goldsmith, J. A. (1993). Harmonic Phonology. In J. A. Goldsmith (Ed.), *Phonological Theory: the essential readings* (91-101). Massachusetts: Blackwell Publishers.
- Goldsmith, J. A. (2011). The Syllable. In J. A. Goldsmith, J. Riggle, & A. C. L. Yu. (Eds.), *The Handbook of Phonological Theory* (2^a ed.) (164-196). Oxford: Wiley-Blackwell.
- Gonçalves, P. (1999). A génese de línguas formadas em contextos multilingues: Uma abordagem paramétrica. In E. d'Andrade, D. Pereira, & M. A. Mota (Orgs.), *Crioulos de base portuguesa – Actas do Workshop sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa* (247-257). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. Disponível em http://www.catedraportugues.uem.mz/?_target_=lista-bibliografia-angola, acedido em 2 de outubro de 2012.
- Holm, J. (2000). *An Introduction to Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hulst, H. van der. (2011). Dependency-Based Phonologies. In J. A. Goldsmith, J. Riggle, & A. C. L. Yu. (Eds.), *The Handbook of Phonological Theory* (2^a ed.) (533-570). Oxford: Wiley-Blackwell.
- Intumbo, I. (n. d.). *Situação sociolinguística da Guiné-Bissau*. Disponível em http://didinho.org/SIT_LING_GB_Incanha.pdf, acedido em 6 de maio de 2014.
- Kihm, A. (1994). *Kriyol Syntax: the Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. Amsterdam: Benjamins.

- Ladefoged, P. (2000). *Vowels and Consonants: An Introduction to the Sounds of Language*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Lass, R. (1988). *Phonology: An Introduction to Basic Concepts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Leister, F. C. (2012). *Um prefácio a povos da Guiné-Bissau: o Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (1946-1973)*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=14332, acessado em 3 de fevereiro de 2014.
- Maddieson, I. (1984). *Patterns of Sounds*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mane, D. (2001). Estudo comparativo entre a fonologia do crioulo guineense, a do manjaco, a do mancanha e a do Pepel. *Papia*, 11, 105-109. Disponível em <http://revistas.fflch.usp.br/papia>, acessado em 2 de outubro de 2012.
- Mane, D. (2007). *Os crioulos portugueses do golfo da Guiné: Quatro línguas diferentes ou dialetos de uma mesma língua?* Dissertação de doutoramento, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em <http://repositorio.unb.br/handle/10482/3078>, acessado em 2 de outubro de 2012.
- Mateus, M. H. M. (1979). *Fonética e Fonologia*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, Publicação do Laboratório de Fonética.
- Mateus, M. H. M., Andrade, A., Viana, M. C., & Villalva, A. (1990). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mateus, M. H. M., & Andrade, E. d'. (2000). *The Phonological Structure of Words: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mateus, M. H. M., (2002). *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I. H., Frota, S., Matos, G., ... Villalva, A. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa (5ª ed.)*. Lisboa: Editorial Caminho.

- Mateus, M. H. M., Falé, I., & Freitas, M. J. (2005). *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Miller, D. G. (1994). *Ancient Scripts and Phonological Knowledge*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Moura, Ricardo W. S. (2007). *Fonologia segmental preliminar da língua Fula da Guiné-Bissau*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2446, acessado em 2 de outubro de 2012.
- Pélissier, R. (1989). *História da Guiné. Portugueses e africanos na Senegâmbia (1841-1936) (vols. 1-2)*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Pereira, I. (1992). Panorama das abordagens linguísticas das questões prosódicas. In Pereira, I., Mata, A. I., & Freitas, M. J., *Estudos em Prosódia* (1-32). Lisboa: Edições Colibri.
- Petter, M.M. T. (2007). Uma hipótese explicativa do contacto entre o português e as línguas africanas. *Papia*, 17, 9-19. Disponível em <http://revistas.fflch.usp.br/papia>, acessado em 2 de outubro de 2012.
- Plag, I. (Ed.). (2003). *Phonology and Morphology of Creole Languages*. Tübingen: Niemeyer.
- Plag, I. (2006). *The Structure of Creole Words*. Tübingen: Niemeyer.
- Ploae-Hanganu, M. (1991). Tendências gerais da evolução do consonantismo do crioulo português da África. *Papia*, 1 (2) 57-67. Disponível em <http://revistas.fflch.usp.br/papia>, acessado em 2 de outubro de 2012.
- Agência Geral do Ultramar. (1967). *Guiné: pequena monografia* (2ª ed.). Agência Geral do Ultramar.
- Prince, A. S. (1984). Phonology with tiers. In J. A. Goldsmith (Ed.), *Phonological Theory: the essential readings* (303-312). Massachusetts: Blackwell Publishers.
- Roach, P. (2000). *English Phonetics and Phonology: A practical course*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Roca, I. (1994). *Generative Phonology*. London: T J Press.

Scantamburlo, L. (1999). *Dicionário do Guineense: Introdução e Notas Gramaticais (vol. 1)*. Lisboa: Edições Colibri / FASPEBI.

Scantamburlo, L. (2002). *Dicionário do Guineense: Dicionário guineense-português / Disionariu guinensi-purtuguis (vol. 2)*. Bissau: Edições FASPEBI.

Scantamburlo, L. (2013). *O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilingue português-crioulo guineense*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Disponível em run.unl.pt/bitstream/10362/10960/1/luigi.pdf, acessido em 6 de maio de 2014.

Selkirk, E. O. (1982). The Syllable. In J. A. Goldsmith (Ed.), *Phonological Theory: the essential readings* (328-350). Massachusetts: Blackwell Publishers.

Weinreich, U. (1953). *Languages in contact: findings and problems* (8^a ed.). Paris: Mouton.

Outras fontes consultadas

<http://agualisa6.blogs.sapo.pt/723819.html>

<http://kriol.wordpress.com/>

<http://ns1.ipad.mne.gov.pt>

<http://mail.ipad.mne.gov.pt>

<http://scriptsource.org/>

http://www.africa.upenn.edu/Country_Specific/G_Bissau.html

<http://web.calstatela.edu/library/guides/3apa.pdf>

<http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/index.html>

<http://www.travel-images.com/photo-guinea-bissau17.html>

Anexos

Anexo I: Material para a recolha de dados

1.a. Guião da entrevista

1.a'. Tradução da fábula e dos provérbios

1.b. Lista de palavras

1.b'. Tradução das palavras

meses do ano

números

dias da semana

fábula:

Kakur, kabra ku baka

Kacur, ku kabra, ku baka mbarka na kamiõ pa ba bias. Oca ke ciga tera ke na bai baka paga si pasaju, kacur tambe paga disel, ma cofer ka da kacur si troku. Kabra fala cofer kuma ora ke na riba, i ta pagal. I fika dibil. Te gosi i ka paga cofer.

El k' manda te aos, si kabra oja kamiõ, i ta kuri pa cofer ka kobral; baka ta firma na kamiõ ora ki oja kamiõ, pa bia i ka dibi cofer. Kacur gora, ora ki oja kamiõ, i ta curi si tras, pa i ba pidi cofer si troku.

provérbios:

1. Dinti mora ku lingu, ma i ta daju i murdil.
2. Filanta ma panga uju
3. I bambu na kosta di lifanti
4. Riu k'ta incisi mar
5. Lanca fundiadu ka ta gaña freti
6. Mandadu ta frianta pe, ma ika ta frianta korsõ
7. Bolta di mundu i rabu di pumba
8. Garandi k'jungutu, ta ma oja lungu di ke mininu k'sikidu
9. Kuri ku kosa juju ka ta ndianta
10. Lifanti k'nguli kuku, ipa bia i fiansa na si bunda
11. Panga bariga ka ta kontra ku banda largu
12. Kusa k'mankañ kuda, tarda k'lingrõ sibil

Para salvaguardar os direitos autorais, não se disponibilizam as imagens.

Imagem 1

Retrata uma atividade quotidiana: uma senhora leva uma criança às costas e tem um instrumento de trabalho na mão.

Imagem 2

Retrata um momento festivo: um senhor vestido com trajes típicos participa num ritual.

fábula:

O cão, a cabra e a vaca

O cão, a cabra e a vaca embarcaram num camião para uma viagem. Assim que chegaram ao ponto de destino, a vaca pagou logo a sua passagem; o cão também, só que o motorista não tinha troco para lhe dar. Quanto à cabra, comprometeu-se a pagar ao motorista no regresso da viagem. Ficou, portanto, a dever ao motorista. O certo é que até à data presente não lhe pagou.

É por isso que, hoje em dia, assim que a cabra vê um camião na estrada, esconde-se na mata, para o motorista não lhe cobrar a passagem que ficou a dever; a vaca permanece imóvel, uns momentos, no meio da estrada, pois sabe que nada deve ao motorista. Quanto ao cão, ele corre atrás do camião para reclamar o seu troco ao motorista.

provérbios:

1. O dente morde a língua e mesmo assim moram juntos.
2. Acenai ao discreto, dai-o como certo.
3. Quem tem padrinhos não morre mouro.
4. É o rio que enche o mar/ A água corre para o mar
5. Barco parado não ganha frete.
6. Quem quer vai, quem não quer manda.
7. Este mundo é uma bola, tanto anda como desanda.
8. Sabe mais o velho a dormir que o menino acordado.
9. Quando se canta não se assobia.
10. Cada um sabe com que linhas se cose.
11. Deus dá nozes a quem não tem dentes.
12. Nem sempre o nosso adversário ou inimigo ignora os nossos intentos.

1.b. Lista de palavras

aflitu	djubentudi
agricultura	djubi
atleta	faladu
aula	falsi
bacha	falta
bafa	fap
bai	farta
bairu	fat
bal	feradu
bala	festa
bana	fiel
banha	fidju
basa	figa
bau	fik
bedju	filadu
beju	filanta
berdi	filha
bika	fit
bloku	flanku
boka	flur
bontadi	foga
brevi	fola
choga	foladu
chokolati	fora
dakoi	franku
deus	fresku
dinti	furadu
disedju	gana
diseju	ganha
don	gara
dritu	glus
dun	gravi
djarga	iagu

1.b. Lista de palavras

ianda	klasi
iasa	koitadi
ieba	kombersadur
ientra	kompra
iermon	kria
iin	kria
inbedja	kriadu
inglis	kriansa
inveja	krimi
iogoli	kuantia
iuli	kuas
kabas	kuidadu
kada	kumpanher
kai	kumplimenta
kaia	labradur
kaiambra	lanha
kaioia	leba
kala	leitura
kama	lun'a
kampa	ma
kampu	mal
kana	manda
kanha	manka
kanta	mansi
kapas	map
kara	mau
karu	meia
kata	mesmu
kau	montiadur
kinti	mpura
kintu	mudu
klandu	muidu
klas	muri

1.b. Lista de palavras

nalu	rei
nansi	rek
ndirita	ronia
ndjudja	ronka
ndjuria	saia
ngana	saklateru
nkanta	sakrifis
ntera	sala
nteres	santu
n'alu	se
n'uri	seksa
nha	seku
obdiensia	sekusa
padri	selu
paga	sen
paka	sentu
pala	seu
pasa	sforsu
pensamentu	sintu
plaka	skrita
prasa	soga
pratu	splora
presu	strela
prezu	suku
psikolojiku	suur
puera	tacha
pui	tok
ranha	toma
rasga	tomba
rasta	ton
re	tcai
regra	tcau
regua	tcif

tcIU

tcokolati

tcubi

uaga

uak

uan

uap

uarga

uenkelen

uerengui

uit

unhi

un'i

uondjo

verdi

vontadi

zelu

1.b'. Tradução das palavras

guineense	português	guineense	português
aflitu	aflito	djarga	proteção
agricultura	agricultura	djubentudi	juventude
atleta	atleta	djubi	analisar
aula	aula	faladu	falado
bacha	baixar	falsi	morrer
bafa	abafar	falta	faltar
bai	ir	fap	som
bairu	bairro	farta	fartar
bal	vale	fat	muito rápido
bala	bala	feradu	em frente de
bana	abanar	festa	festa
banha	molhar	fiel	fiel
basa	baixar	fidju	filho
bau	calça boca de sino	figa	figa
bedju	velho	fik	maior intensidade
beju	beijo	filadu	que tem dinheiro
berdi	verde	filanta	concordar
bika	tipo de peixe	filha	filha
bloku	bloco	fit	com velocidade
boka	boca	flanku	flanco
bontadi	vontade	flur	flor
brevi	breve	foga	afogar
choga	enxaguar	fola	esfolar
chokolati	chocolate	foladu	esfolado
dakoi	espécie de antílope	fora	forrar
deus	Deus	franku	franco
dinti	dente	fresku	fresco
disedju	desejo	furadu	furado
diseju	desejo	gana	vontade, desejo
don	luto	ganha	ganhar
dritu	direito	gara	apanhar
dun	dono	glus	guloso

gravi	grave
iagu	água
ianda	andar
iasa	assar
ieba	força
ientra	entrar
iermon	irmão
iin	sim
inbedja	inveja
inglis	inglês
inveja	inveja
iogoli	estar largo
iuli	embrenhar-se
kabas	recipiente
kada	cada
kai	cair
kaia	caiar
kaiambra	ter cãibras
kaioia	supuração entre o dente e o alvéolo
kala	calar
kama	cama
kampa	acampar
kampu	campo
kana	aguardente de cana
kanha	tipo de bolo
kanta	cantar
kapas	capaz
kara	cara
karu	caro, carro
kata	procurar
kau	lugar
kinti	quente
kintu	quinto

klandu	tasca
klas	classe
klasi	classe
koitadi	coitado
komersadur	conversador
kompra	compra
kria	criar
kria	cria
kriadu	criado
kriansa	criança
krimi	crime
kuantia	quantia
kuas	quase
kuidadu	cuidado
kumpanher	companheiro
kumplimenta	cumprimentar
labradur	agricultor
lanha	golpear
leba	guiar
leitura	leitura
lun'a	lua
ma	mais
mal	mal
manda	enviar
manka	espancar
mansi	acordar
map	em cheio
mau	mau
meia	meia
mesmu	mesmo
montiadur	caçador
mpura	empurrar

mudu	mudo
muidu	moído
muri	morrer
nalu	nalu
nansi	nascer
ndirita	endireitar
ndjudja	unir
ndjuria	injúria
ngana	enganar
nkanta	encantar
ntera	enterrar
nteres	interesse
n'alu	cova pequena
n'uri	tomar o resto
nha	senhora
obdiensia	obediência
padri	padre
paga	pagar
paka	bater nas mãos de alguém que traz alguma coisa
pala	peça para cobrir o cálice
pasa	passar
pensamentu	pensamento
plaka	acalmar
prasa	praça
pratu	prato
presu	preço
prezu	preso
psikolojiku	psicológico
puera	poeira
pui	pôr
ranha	arranhar
rasga	rasgar
rasta	arrastar

re	ré
regra	regra
regua	régua
rei	rei
rek	justeza
ronia	cerimónia religiosa
ronka	vangloriar-se
saia	saia
saklateru	que cria confusão
sakrifis	sacrifício
sala	sala
santu	santo
se	seu, sua
seksa	secar
seku	seco
sekusa	secar
selu	selo
sen	cem
sentu	cento
seu	céu
sforsu	esforço
sintu	cinto
skrita	escrita
soga	enxaguar
splora	explorar
strela	estrela
suku	soco
suur	suor
tacha	taxa
tok	conjunção subordinativa temporal
toma	agarrar
tomba	cair
ton	tom

tcai	adultério
tcau	adeus
tcif	lento, silêncio
tcui	muito
tcokolati	chocolate
tcubi	chover
uaga	derramar
uak	com intensidade
uan	metade
uap	com ruído
uarga	tipo de bebida
uenkelen	pé torto
uerengui	distender o arroz no balaio
uit	grau superlativo
unhi	curvar-se
un'i	curvar-se
uondjo	flor seca de baguiche ou roseta
verdi	verde
vontade	vontade
zelu	zelo

Anexo II: transcrições dos dados⁴⁹

2.a. Transcrição dos dados obtidos do Falante A

2.b. Transcrição dos dados obtidos do Falante B

2.c. Transcrição dos dados obtidos do Falante C

2.d. Transcrição dos dados obtidos do Falante D

⁴⁹ Símbolos usados na transcrição dos dados, além dos que já foram apresentados na página ix:

(.) indica uma pausa pequena;

(..) indica uma pausa média;

((**impercetível**)) indica sons impercetíveis.

Estes símbolos estão de acordo com a proposta da Associação Internacional de Fonética (<http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/index.html>).

Falante: A

Origem: C6-Bula (Norte)

Escolaridade: 2º ano de Medicina

Tempo em Portugal: 4 anos

Línguas que fala: guineense, português e mancanha

Língua materna: mancanha

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

meses do ano

[zanéru] [febréru] [mársu] [abríl] [máju] [zúju] [zúlu] [agóstu] [setémbru] [ɔtúbru]

[nɔvébru] [dizémbru]

números

[ú] [dús] [trís] [kwátru] [síŋku] [séj] [sét] [óju] [nóv] [déj] [ôz] [dóz] [tréz] [ketórz] [kíz]

[dzeséj] [dzesét] [dzóju] [dzenóv] [vít]

dias da semana

[sugúnda] [térsa] [kwárte] [kínte] [séjte] [sábadu] [dumíŋgu]

fábula

[kaʃúr(.)kukábrakubákaẽmbárkanakamjõŋ(.)pabájbjás(..)ɔʃaʃgátérakenabáj(.)bákapágasipas
ádzu(.)kaʃúrtãmbépágadisél(..)maʃɔférukadakaʃúrsitróku(..)kábrafálaʃfêr(.)kumaórakenar
íbaitapagál(.)ifíkadibíl(.)tegósi(.)ikapágatʃfêr(..)élmãdateaós(.)sikábraɔdzakamjõŋ(.)itakúri
paʃfêrkakɔbrál(..)bákatafirmanakamjõŋ(.)órakjɔdzakamjõŋ(.)pabíaikadíbifʃfêr(..)kaʃúrgór
a(..)órakjɔdzakamjõŋitakúrisitrás(..)paibájpídiʃfêrsitróku]

provérbios

1. [dĩntimórakuŋgwa(.)maita(.)ikadátimurdí]
2. [filénta(.)mapéŋgaúdzu]

Falante: B

Origem: Bissau (cidade)

Escolaridade: 2º ano de relações Internacionais

Tempo em Portugal: 3 anos

Línguas que fala: português, guineense, fala um pouco de balanta e percebe mandinga

Língua materna: guineense

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

meses do ano

[zanéru] [fevréru] [mársu] [abríl] [máju] [zúju] [zúlu] [agóʃtu] [setémbru] [ɔtúbbru]
[nɔvémbru] [dizémbru]

números

[zéru] [úŋ] [dús] [trís] [kwátru] [sínku] [séjʃ] [séti] [óʃtu] [nóvi] [dés] [dʒ] [dózi] [trézi]
[katórzi] [kízi] [dzeséjʃ] [dizesét] [dizóʃtu] [dizenóv] [vinti]

dias da semana

[sugúnda] [térsa] [kwárte] [kínte] [séste] [sábadu] [dimíngu]

fábula

[kaʃúrkukábrakubáka(.)mbárkanakamjõŋ(.)pabábjás(..)óʃakeʃʃiganatérakenabáj(.)bákapágasi
pasádzu(.)kaʃúrtãmbépágadisél(.)maʃʃóʃéŋkaténetróku(..)kábrafála(.)ʃʃéŋ(.)kumaórakenaríb
a(.)itapagál(.)ifikadibíl(.)tegósi(.)ikapágaʃʃéru(..)ɛlkumãnda(.)teaós(.)sikábraóʃzakamjõŋ(.)it
akúri(.)pakaʃʃérukóbra(..)pakaʃʃérukakóbrál(..)bákatafirmanakamjõŋ(.)óʃakjódza(.)kamjõ
ŋ(.)pabáj(.)ikatadíbiféru(..)kaʃúrgóra(.)óʃakjódzakamjõŋitakúrisitrás(.)paibájdí(.)itakúrisit
ráspaibájpídiféru sitróku]

provérbios

1. [díntimóʃrakuŋŋwaetamúrdimaikatagárma]
2. [filéntamapéŋgaúdzu]
3. [mbémbukóstadilifénti]

4. [ríwtáínfjímár]
5. [lěnfafundídu(.)katagéɲafréti]
6. [mědádutafɲjěntapé(.)maikatafɲjěntakɔrsóɲ]
7. [bóltadimũnduirábudipũmba]
8. [garéndikudzũngutútamaóɟalũndzidipédiminínus]
9. [kúrikukúsadzúɟkatãndjěnta]
10. [lifěnti(.)ɲgúlikókoipabíaiɲjãnsanasibũnda]
11. [pěgabarígakatakõnɾakubũndaláɾgu]
12. [kúsaměɲkěɲkúdatárdaɲɲgrõɲsibíl]

descrição das imagens

1.[ěsjũmĩndzěrafrikěnu(.)ksájdikása(.)dekitamóɾa(.)ibámátupababúskaléɲapabákusíɲa(.)papúdi(.)dá(.)sifidzɔ(.)sifamílja(.)dikumé(..)ěsiléɲa(.)ipěgamãnfádunamóɲ(.)ikapúdifikaminínunakásapurkminínunaɲɟɾa(.)itíɲakbájmátukuminínu((impercetível))ěɾɔpakibísti(.)iũɔpamásusádu náfrika(.)iɲfámádulegós(.)malegósstěnegráw(.)itěneváfi(.)itěnesɔtibá(.)itěne(.)sěrisdmudélus(.)didididi(.)kumapódiɲfãma((impercetível))kiɲfãmaváfi(.)sɔtibá(.)ilegós(..)legósědiménuskústu(.)těneménusvalór]

2.[ěsjũzɔvědetiníabalěnta(.)nasifázi(.)dipɾematuridád(.)sifázi(.)sifázi(.)sifáziáltudizɔvěntúdi((impercetível))ibísti(.)tradisjonalměntenũsirmonja(.)kmabeɲfãmakusũndé(..)dekipójsitɾázetradisiońal(..)ketaidětifika(.)súmũzɔvě(..)knafáɟa(.)súmũzɔvě(..)knafáɟzanasifázjúltimudisédwómi(.)ɾěɲpósavěldúnusifamílja(.)ikálsasiplástiku(.)ipójsáɟzanapé(.)ktapeɾmíti((impercetível))jãnda(.)padzĩntis(.)síntidilũndzúkuma((impercetível))algĩ(..)ipójũsája(.)típiku(.)tradisiońalktapɾparádu(.)kabákudi(.)kabákudi((impercetível))garãndi(..)ipójmalílanamóɲ(.)ěsmalíla(.)irámudũɲárvoriktadistěđídu(.)tókifási(.)iraspádu(.)tókibrãɲku(.)úsapɾparádu(.)ipójũsepéw(.)ipójũbarkafóɲ(.)ktěnemémukõpozisãwđimémusubstásjadipáɟadifidzi]

Falante: C

Origem: Bissau (cidade)

Escolaridade: 3º ano de jornalismo

Tempo em Portugal: 3 anos

Línguas que fala: guineense, manjaku, português

Língua materna: guineense

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

meses do ano

[zanéru] [febréru] [mársu] [abríl] [máju] [zúru] [zúlu] [agóftu] [setémbru] [otúbru]

[novémbru] [dizémbru]

números

[zéro] [ú] [dús] [trís] [kwátru] [síŋku] [séj] [sét] [óftu] [nón] [dés] [ó] [dózi] [trézi]

[katórzi] [kízi] [dzeséj] [dizesét] [dizóftu] [dizenóvi] [vít]

dias da semana

[sugúnde][térse][kwárte][kínte][séste][sábadu][dimíngu]

fábula

[katfúrkábrakubáka(.)mbárkanakamjõŋpabábjás(.)õftakftígatérakenabáj(.)bákapágasipasádz(.)

katfúrtãmbépágadisél(.)maftõfêrŋkaténetróku(.)kábrafálaftõfêrkuma(.)óraki(.)ñríba(.)itapagál

(.)idibíl(..)tegósi(.)ikapágaftõfêr(..)elkmãdateósi(.)sikábraódzakamjõŋ(.)itakúripakaftõfêrkõbr

ál(.)bákatafirmanakamjõŋ(.)órakjódzakamjõŋ(.)pabía(.)ikadibiftõfêr(..)katfúrgóra(.)órakjódza

kamjõŋitakúrisitrás(.)paibájpídiftõfêrsitróku]

provérbios

1. [dĩntimórakuñgwa(.)majtadátimúrdil]

2. [filéntamapêŋgúdzu]

2.c. Transcrição dos dados obtidos do Falante C

3. [iběmbunakósta(.)dilifěnti]
4. [ríwtáinŋĩmár]
5. [lěntŋafundídu(.)katagéŋafřéti]
6. [mědádutafřjěntapě(.)majkatafřjěnta(.)ikatafřjěntakɔrsóŋ]
7. [bóltadimúnduerábudipúmba]
8. [garéndikudžũngutú(.)tamaódzalũngudikiminínusikídu]
9. [kúrikukósadzúdzukatãdjěnta]
10. [lifěntikŋgúlikúku(.)ipabíajfjãnsanasibúnda]
11. [pěgabarígakatakõntrakubúndalárgu]
12. [kúsakměŋkěŋkúda(.)tárdakŋŋgróŋ(.)sibíl]

descrição das imagens

- 1.[ěfótɔnamóstraũmindžěrkinafíndilěna(.)ibãbuminínunakósta(..)ipásjũmindžěrkómóranatabãŋka((impercetível))élidónadél(.)ěsminínukibãmbunakósta]
- 2.[ěsútrufótɔdi(.)idi(.)ũmbidžũngúkténesáj(.)kténeũsájbidžũngú(.)imárakúsasnamóŋ(.)itěneũŋŋepéwksburnáltãmbé(.)ibãmbu(.)maidinóti(.)džĩntisĩntaenadzubíl(..)idíbidisédũnsiřmónjɔkúsasĩŋ]

2.d. Transcrição dos dados obtidos do Falante D

aflitu	[aflítu]
agricultura	[agrikultúra]
atleta	[atléta]
aula	[áwla]
bacha	[báʃa]
bafa	[báfa]
bairu	[bájru]
bal	[bál]
bala	[bála]
bana	[bána]
banha	[báɲa]
basa	[bása]
bau	[báu]
bedju	[béɖʒu]
beju	[béʒu]
berdi	[bérdi]
bika	[bíka]
bloku	[blóku]
boka	[bóka]
brevi	[brévi]
choga	[ʃóga]
chokolati	[ʃokɔlátɪ]
dakoi	[dakóʒ]
deus	[déws]
dinti	[dĩnti]
disedju	[diséɖʒu]
diseju	[diséʒu]
don	[dɔ̃] / [dó] / [dɔ̃ŋ] / [dóŋ]

2.d. Transcrição dos dados obtidos do Falante D

dritu	[drítu]
dun	[dú] / [dún]
djarga	[dʒárga]
djubentudi	[dʒuběntúdi]
djubi	[dʒúbí]
faladu	[faládu] / [feládu]
falsi	[fálsi]
falta	[fálta]
fap	[fap]
farta	[fárta]
fat	[fat]
feradu	[ferádu] / [ferádu]
festa	[fěsta]
fiel	[fjél]
fidju	[fidʒu]
figa	[figa]
fik	[fik]
filadu	[filádu]
filha	[fíʎa]
fit	[fit]
flanku	[fláŋku]
flur	[flúr]
foga	[fóga]
folá	[fóla]
foladu	[fóládu] / [foládu]
fora	[fóra]
franku	[fráŋku]
fresku	[frésku]

2.d. Transcrição dos dados obtidos do Falante D

furadu	[furádu]
gana	[gána]
gara	[gára]
glus	[glús]
gravi	[grávi]
iagu	[jágu]
iasa	[jása]
ieba	[jéba]
ientra	[jéntra]
iermon	[jɛrmõŋ]
iin	[jín]
inbedja	[imbédza]
inveja	[invéza]
inglis	[ɪŋglís]
iogoli	[jɔgɔlí]
iuli	[júli]
kabas	[kabás]
kada	[káda]
kai	[káj]
kaia	[kája]
kaiambra	[kajámbra]
kaiويا	[kajója]
kala	[kála]
kama	[káma]
kampa	[kámpa]
kampu	[kámpu]
kana	[kána]
kanha	[káɲa]

2.d. Transcrição dos dados obtidos do Falante D

kanta	[kánta]
kapas	[kapás]
kara	[kára]
karu	[káru] / [káru]
kata	[káta]
kau	[káv]
kinti	[kínti]
kintu	[kíntu]
klandu	[klándu]
klas	[klás]
klasi	[klási]
koitadi	[kɔjtádi]
komersadur	[kõmbersadúr] / [kõmbersadúr]
kompra	[kõmpɾa]
kria	[kría]
kriadu	[krjádú]
kriansa	[kriãnsa]
krimi	[krími]
kuantia	[kwãntía]
kuas	[kwás]
kuidadu	[kujdádu]
kumpanher	[kũmpañér]
kumplimenta	[kũmpliménta]
labradur	[labradúr]
lanha	[láɲa]
leba	[léba]
leitura	[lejtúra]
lun'a	[lúɲa]

2.d. Transcrição dos dados obtidos do Falante D

ma	[má]
mal	[mál]
manda	[mëndá]
manka	[mãŋka]
mansi	[mãnsi]
map	[map]
mau	[máw]
meia	[méja]
mesmu	[mézmu]
montiadur	[mõntjadúr] / [mõntjadúr]
mpura	[mpúra] / [ũmpúra]
mudu	[múdu]
muidu	[mwídu]
muri	[múri]
nalu	[nálu]
nansi	[nãsi]
ndirita	[ndiríta] / [indiríta]
ndjudja	[ndzúdʒa]
ndjuria	[ndzúrja]
ngana	[ŋgána]
nkanta	[ŋkãnta]
ntera	[ntéra]
nteres	[ntɛrés]
n'alu	[ŋálu]
n'uri	[ŋúri]
nha	[ɲá]
obdiensia	[ɔbdjěnsja]
padri	[pádri]

2.d. Transcrição dos dados obtidos do Falante D

paga	[pága]
paka	[páka]
pala	[pála]
pasa	[pása]
pensamentu	[pẽnsamẽntu] / [pẽnsamẽntu]
plaka	[pláka]
prasa	[prása]
pratu	[prátu]
presu	[présu]
prezu	[prézu]
psikolojiku	[psikolójiku]
puera	[pwéra]
pui	[púj]
rasga	[rázga]
rasta	[rásta]
re	[ré]
regra	[régra]
regua	[régwa]
rei	[réj]
rek	[rek]
ronia	[ronjá]
ronka	[rõnká]
saia	[sája]
saklateru	[saklatéru]
sakrifis	[sakrifis]
sala	[sála]
santu	[sãntu] / [sẽntu]
se	[sé]

2.d. Transcrição dos dados obtidos do Falante D

seksa	[sɛksá]
seku	[séku]
sekusa	[sɛkusá]
selu	[sélu]
sen	[séŋ]
sentu	[séntu] / [séntu]
seu	[séw]
sforsu	[sfɔ̃rsu]
sintu	[síntu]
skrita	[skríta]
soga	[sóga]
splora	[splɔ̃ra]
strela	[stréla]
suku	[súku]
suur	[swúr]
tacha	[táʃa]
tok	[tɔk]
toma	[tóma]
tomba	[tóm̃ba]
ton	[tón]
tcai	[tʃáɨ]
tcau	[tʃáw]
tcif	[tʃif]
tcui	[tʃíw]
tcokolati	[tʃɔkɔláti]
tcubi	[tʃúb̃i]
uaga	[wága]
uak	[wak]

2.d. Transcrição dos dados obtidos do Falante D

uan	[wãŋ]
uap	[wap]
uarga	[wárga]
uenkelen	[wéŋkɛɛŋ]
uerengui	[wɛrɛŋgi]
uit	[wit]
unhi	[úŋi]
un'i	[úŋi]
uondjo	[wõndzó]
verdi	[vérdi]
vontade	[võntádi]
zelu	[zélú]